U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Em Torno do Imaginário de Prisão

Rita Macedo Duarte

M

2018

Em Torno do Imaginário de Prisão

A Prática da Arquitectura no Devir do Dispositivo Prisional

Rita Sá Lemos Macedo Duarte

Orientação de Professor Doutor Manuel Mendes

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Setembro 2018

AGRADECIMENTOS

À Pauli, à Jo e à Rosa pela oportunidade e pela amizade. Ao CPF, e em particular a Mayor Jessica Ribas pelo apoio e pela lição de humanidade. A todos que me ensinaram e viajaram comigo na América Latina. Ao arquitecto Elói Castro, pela disponibilidade. À Jão pelas conversas e relatos da sua experiência. À Lili pela paciência de corrigir tantas vírgulas. A Peter Schulthess pelo seu importante trabalho e por ceder as suas fotografias a esta dissertação. Ao Professor Manuel Mendes, pela orientação e por tentar compreender o enigma.

aos meus avós,
aos meus pais e ao Guga,
ao Francisco,
aos amigos de sempre,
à Bequinhas
a Santiasko

obrigada

Esta dissertação foi redigida segundo as normas do antigo Acordo Ortográfico.

RESUMO

Actualmente há mais de 10.35 milhões de pessoas detidas em instituições penais por todo o mundo, quer preventivamente quer em cumprimento de uma sentença. Neste paradigma a arquitectura desempenha um papel inquestionável dentro dos sistemas prisionais, moldando e controlando a vida dos reclusos vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. No entanto, o resultado formal dos dispositivos prisionais, baseado em estratégias de contenção e controlo, não favorece a dissuasão e impede os processos de reabilitação. Como prática a arquitectura pode, simultaneamente, ser mecanismo de desconstrução da orientação disciplinar e opressora da prisão e ser agente da urgente reavaliação da função desta tipologia. Esta dissertação reúne um conjunto de observações que têm a prisão como centro, movendo-se em torno de estratégias e ajustamentos que possam potenciar novas perspectivas de desenho e gestão.

ABSTRACT

More than 10.35 million people throughout the world are currently held in penal institutions, either as pre-trial detainees or convicted and sentenced inmates. Architecture has an undeniable role within the incarceration systems that shape and control the inmates' lives twenty-four hours a day, seven days a week. However the formal outcome of the prison apparatus, based on a strategy of warehousing and control, does not serve to rehabilitate or deter. As a practice architecture can, simultaneously, be a mechanism for deconstructing the disciplinary and oppressive orientation of the prison as well as being an agent of the urgent reassessment of the function of this typology. This dissertation assembles a set of observations that have the prison as the center, moving through strategies and adjustments that may foster new approaches to design and regime.

Sumário

Nota Prévia 13
Estrutura 15

1 Dispositivo Prisional

Pensamento e desenho punitivo 19
Centro Penitenciario Femenino de San Juaquín 55
Santiago, Chile

2 Tendências

Modelos 83
Contributos do desenho 104

3 Sistema Prisional Português

de fora
de dentro 135
Processos de desenho 165
Através de Elói Castro e Rodrigues Lima

4 Potenciação de Práticas

Motivações e Propósitos 185
Ajustamentos para o Sector de Visitas do CPF 194
Dispositivo ocupacional | formador | produtor e de uso 209

Notas Finais 219

Siglas e Acrónimos 225
Bibliografia 226
Créditos de Imagens 230

Nota Prévia
Estrutura



1 fotografia da série *The Portuguese Photo Project*, © Luís Barbosa

A prisão é um lugar restrito, secreto e de difícil acesso. É *"uma espécie de lugar que fica fora de todos os lugares, e que no entanto é de facto localizável."*[1] Invisível, esquecido, e que não faz parte das preocupações quotidianas do público *livre*. A maioria das pessoas nunca entrou numa prisão, nunca a viu, não a conhece, ainda assim, a ideia de prisão parece básica, natural e imediata. Mercê da criação de uma imagem tangível e comum do significado de prisão. Com maior ou menor aproximação consegue-se discursar sobre qual deveria ser o seu significado e a sua função. O que impõe a questão: como é possível conhecer de forma tão aparentemente evidente uma estrutura nunca antes visitada? O imaginário colectivo tem aqui um papel importante. Através da manipulação dos elementos e referências conhecidas permite dar sentido a algo que não é familiar, que é desconhecido. A memória e os media são participantes activos neste contexto, já que providenciam as principais fontes imagéticas. Estas, tanto estão ligadas ao campo da fantasia – deixando à imaginação a tarefa de desenhar os cenários - como são dadas *a priori*, dissimulando a componente do irreal. Embora estes arquétipos prisionais do imaginário colectivo sirvam para informar a realidade, não são a realidade.

Enquanto espaço de manifestação do poder sobre o indivíduo *outro*, continua a interessar velá-lo e escondê-lo. *"Confirma-se, pois, a existência de um processo social, particularmente longo e intenso, de fechamento institucional, justificado pela natureza da missão e reforçado por uma longa política de silêncio sobre a matéria."*[2] Estudar este dispositivo torna-se assim uma tarefa difícil. A visita esporádica não é autêntica, é encenada e controlada pelo poder administrativo. O inquérito é semelhantemente deformado. Os documentos gráficos, confidenciais. A forma mais fidedigna de poder compreender os múltiplos planos em que o quotidiano prisional se manifesta, seria a vivência diária, o que pressupõe uma série de condicionantes externas de difícil acessibilidade.

---

[1] FOUCAULT, Michel – *Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias: Architecture/Mouvement/Continuité.* 1967 *in* OCKMAN, Joan (ed.), *Architecture Culture 1043-1968*. New York: Columbia University Graduate School of Architecture, Planning and Preservation, 1993 p.422
"a sort of place that lies outside all places and yet is actually localizable."

[2] DORES, António Pedro – *Prisões de Portugal in Actas do IV Congresso Português de Sociologia – Passados recentes futuros próximos.* 2002 p.3

Apesar das contrariedades, considera-se relevante o estudo desta tipologia, *casa* de mais de 10.35 milhões de pessoas do globo.[3] Como se demonstrará nas páginas seguintes, o desenho da prisão sempre foi uma ferramenta de apoio aos pensamentos, ideias e concepções punitivas, independentemente da época. Estando a sua função condicionada por duas principais abordagens políticas – uma com o propósito de punir, incapacitar e isolar, e outra com a finalidade de reabilitar e reintegrar. Esta última, em muitos casos consagrada como objectivo jurídico de um Estado, vê a sua materialização impedida por um desajustamento estrutural do edificado, pela falta de investimento, mas também pelo desinteresse da classe política e da esfera pública.

Aceitando a premissa de que:

> *talvez agora haja o reconhecimento de que estar privado de liberdade é um suficiente castigo em si mesmo, não sendo necessário tornar o equipamento mais duro e severo para aumentar a punição,*[4]

se possa redefinir o papel do encarceramento na sociedade, utilizando a arquitectura como mecanismo de desconstrução da orientação disciplinar e opressora da prisão.

Esta dissertação pretende assim reunir um conjunto de observações que têm a prisão como centro, movendo-se em torno de possíveis estratégias e ajustamentos que possam provocar a requalificação dos espaços prisionais, no sentido de os amenizar e dotar das ferramentas necessárias para o cumprimento da sua missão institucional de ressocialização. A partir da reunião de elementos de diversas naturezas, configurou-se um universo que procura aproximar-se o mais possível da realidade do quotidiano, e dos diferentes significados que pode ter a condição de estar detido.

---

[3] WALMSLEY, Roy – *World Prison Population List*. 11º edição, Istitute for Criminal Policy Research, 2016 p.2

[4] *Interview with Jeff Goodale in* MAY, Kyle (ed.) *Prisions.* Nova York: CLOG, 2014 p.130 "Perphaps now, there's a recognition that being deprived of your freedom is pretty good punishment in itself, and we don't have to make the faclity harsher and harder in order to increase the punishments."

Estrutura

Um primeiro momento do trabalho, diz respeito à caracterização da essência do objecto. Partindo de uma perspectiva cronológica, pretende-se entender a relação entre o pensamento e desenho punitivo, tentando esclarecer de que forma se inscrevem na arquitectura prisional as evoluções do pensamento penal, que moldaram tanto a forma, como o programa e o funcionamento do dispositivo, desde o nascimento da prisão no séc. XVIII até aos dias de hoje.

Uma segunda aproximação ao objecto, tem como elemento catalisador a vivência do espaço prisional. O envolvimento num projecto de ideias para uma prisão feminina de Santiago, é o primeiro contacto real com o ambiente prisional, cuja observação directa e participativa possibilitou novos caminhos de questionamento sobre a importância de temas como a privacidade, o conforto, a individualidade, a exclusão e a integração.

Num segundo momento, confrontam-se duas realidades distintas: a de modelos orientados para a normalização do ambiente prisional; e a portuguesa – condicionada pelo edificado vetusto e por problemas de gestão estruturais. O primeiro grupo, é composto por um conjunto de realizações que se constituem como alternativas ao ambiente austero e arbitrário característico do dispositivo penitenciário. Apoiados por uma opinião pública favorável e uma cultura que acredita na reintegração, estes modelos comprovam que é possível diminuir a reincidência e construir futuros positivos, conjugando atmosferas mais amigáveis com programas e actividades de capacitação pessoal. Valorizando a documentação intrínseca ao tema do espaço prisional enquanto agente social, reuniram-se ainda algumas reflexões que elucidam sobre qual pode ser o contributo do desenho para evitar a institucionalização e contrariar a rigidez do equipamento prisional.

A análise do sistema prisional português, possibilitará por seu turno conhecer a realidade próxima, informando uma possível intervenção. Como não existiu nenhum interesse *a priori* dos sistemas administrativos, ou uma circunstância que permitisse o contacto diário com qualquer dos estabelecimentos que compõe o

parque prisional (como aconteceu fortuitamente com o projecto chileno) estudar o sistema prisional português significou compreender as suas autodefesas e descortinar um espaço de abordagem a um mecanismo que não tem interesse na intromissão de estranhos.[5]

Posto isto, para que o panorama em estudo fosse o mais abrangente possível, foi necessário consultar um conjunto heterogéneo de fontes e documentos, dos quais se destacam: os apontamentos do arquitecto Rodrigues Lima; o relato da experiência projectual do arquitecto Elói Castro; as impressões de uma visitante/membro da comunidade prisional; os relatórios das visitas do CPT e do Provedor de Justiça; o *"Em cadeia – Ciclo pensar a prisão"*; a conferência internacional *"Prisons in Portugal and Europe"* e o projecto *"The Portuguese Prison Photo Project"*; mas também as documentações fotográficas, que auxiliam a compor o quadro dos espaços e quotidiano das prisões portuguesas.[6]

Num último momento, o trabalho visa preparar hipóteses que possam provocar o ajustamento de uma atmosfera, nomeadamente no quadro de relações com os diferentes agentes da comunidade prisional. Reconhecendo a necessidade de propor algo que possa alertar para algumas carências do espaço e quotidiano penitenciário, consideraram-se algumas motivações e propósitos que esclarecem sobre possíveis práticas em meio prisional. Desta forma, apresentam-se duas iniciativas de distinto carácter, mas com o objectivo comum de dinamizar processos de autonomização individual e de apropriação do espaço.

[5] Tentou-se realizar uma visita, acção que se demonstrou infrutífera apesar de enviado um requerimento, com o âmbito do trabalho e visando a solicitação de uma visita a um ou mais EPs do Distrito Judicial Norte, conforme indicação da DGRSP. Contudo não se obteve nenhuma resposta por parte dos Serviços de Planeamento, Organização e Relações Externas da Direcção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais.

[6] LIMA, Rodrigues – *Arquitectura Prisional*, 1962 | Entrevista ao arquitecto Elói Castro pela autora, Porto, 21 de Julho de 2017 | Conversas com Maria João Aguiar (professora no EP do Porto e no EP de Santa Cruz do Bispo) | *Report to the Portuguese Government on the visit to Portugal carried out by the European Committee for the Prevention of Torture and Inhumane or Degrading Treatment or Punishment (CPT)* 2008, 2012, 2016 | *O Provedor de Justiça, as Prisões e o Século XXI: Diário de Algumas Visitas* | *Em Cadeia – Ciclo Pensar a Prisão,* Espaço Associativo Contrabando, 31 de Março de 2016 – oradores António Pedro Dores e Manuel Hipólito Almeida. | Conferência Internacional *Prisons in Portugal an Europe: history, culture, and photography*. 12 e 13 de Outubro de 2017 | Integrado na conferência internacional ibid., *The Portuguese Photo Project*, é um projecto fotográfico da autoria de Peter Schulthess e Luís Barbosa exposto de 9 de Setembro a 3 de Dezembro de 2017 no Centro Português de Fotografia do Porto.

1

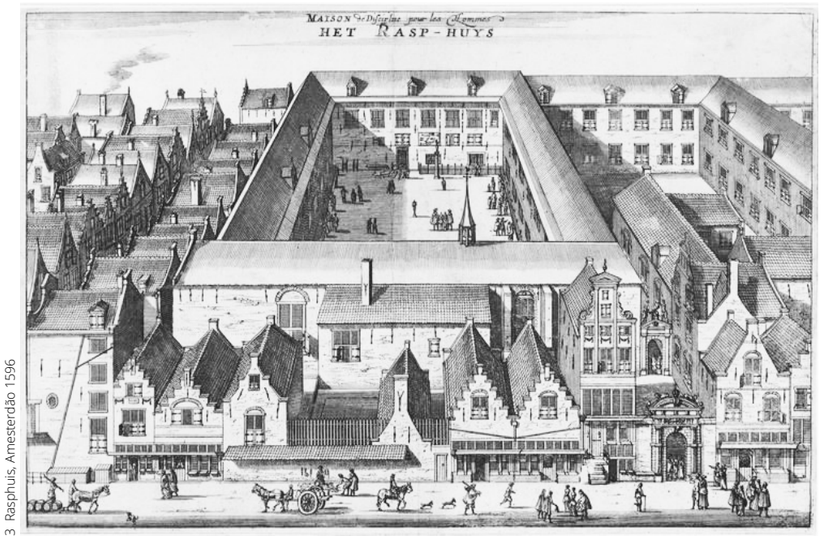
Dispositivo prisional



2 'facility 492' da série *Prison Map*, © Josh Begley

Pensamento e desenho punitivo

21 lugar de detenção temporária
22 casas de correcção
23 iluminismo
25 Ozpizio Generale San Michele
27 prisão de Newgate
39 Maison Force
31 Panóptico
35 Separate System
36 Silent System
39 prisão de Pentonville
41 esquema em espinha
concentracionário
pavilhonar
43 'treatment works'
'nothing works'
'prison works'
'what works'
45 segurança e tecnologia
47 supermax prison
50 indústria prisional
51 the new generation



3. Rasphuis, Amesterdão 1596

O encarceramento nem sempre foi, nas sociedades ocidentais, a principal forma de punição. Até ao final da primeira metade do séc. XVIII a detenção não era encarada como forma de punição *per se*; pelo contrário, as penas mais comuns variavam desde o trabalho forçado, aos castigos corporais, tortura, pena de morte ou desterro.

> *O encarceramento como uma forma de castigo parece ter origem nos mosteiros (...) Das primeiras prisões medievais laicas sabemos pouco (...) Dos últimos anos da Idade Média e princípios do Renascimento, Graul reproduz uns quantos calabouços nos sótãos de torres redondas em castelos ou muralhas das cidades. (...) Há evidência de que os réus eram encerrados em calabouços, a vinte ou trinta pés de profundidade e às escuras. Os outros presos estavam em celas, a maioria juntos, 'devedores e criminosos, homens e mulheres, o jovem principiante e o velho delinquente*'.[7]

A prisão não desempenhava funções correctivas, e funcionava apenas como meio para deter e retirar a liberdade temporariamente, daqueles que aguardavam a execução da sentença. Como a maioria das penas eram físicas e executadas publicamente, não era comum edifícios que se destinassem exclusivamente à detenção. Assim, num primeiro momento, os espaços de detenção estavam incluídos nas zonas menos acessíveis de edifícios existentes, multifuncionais. Como a sua principal função era a contenção provisória, e por se considerar que os usuários não eram dignos ou úteis para a sociedade, não se verificava qualquer preocupação com o tratamento do espaço, podendo até, como refere Nikolaus Pevsner, admitir-se uma total ausência de iluminação.[8]

O tema da arquitectura prisional está então dividido em dois grandes momentos: um anterior ao entendimento da restrição de liberdade como forma justa de punição, previamente descrito, e outro posterior, que se prolonga até à actualidade.

---

[7] PEVSNER, Nikolaus – *Historia de las tipologias arquitectónicas.* 1980 p.190 "El encarcelamiento como una forma de castigo parece tener su origen en los monasterios. (...) De las prisiones medievales laicas sabemos poco, (...) De los últimos años de la Edad Media y principios del Renacimiento, Graul reproduce unos cuantos calabozos en los sótanos de torres redondas en los castillos o murallas de las ciudades. (…) hay evidencia de que los reos eran encerrados en calabozos, a veinte o treinta pies de profundidad y a oscuras. Los otros presos estaban en habitaciones, la mayoría juntos, 'deudores y criminales, hombres y mujeres, el joven principiante y el viejo delincuente."

[8] ibid. p.190

No livro *Vigiar e Punir*, Michel Foucault explora a ideia de que são as necessidades de produção económica de determinada época que ditam o tipo de punição mais útil para a sociedade:

> *numa economia servil, os mecanismos punitivos teriam o papel de fornecer uma mão-de-obra suplementar – e de constituir uma escravatura «civil» paralela à que é assegurada pelas guerras ou pelo comércio; com o feudalismo e numa época em que a moeda e a produção estão pouco desenvolvidas, assistiríamos a um crescimento brusco dos castigos corporais – sendo o corpo, na maior parte dos casos, o único bem acessível; a casa de correcção – o Hospital Geral, o Spinhuis ou Rasphuis – o trabalho obrigatório, a manufactura penal surgiriam com o desenvolvimento da economia mercantil. No entanto, como o sistema industrial exigia um mercado de mão-de-obra livre, a parte do trabalho obrigatório diminuiria no século XIX nos mecanismos de punição, sendo substituído por uma detenção com fins correctivos.*[9]

A prisão torna-se o veículo da aplicação da pena, que por sua vez, vai influenciar o desenho dos edifícios correccionais, para que estes sejam um reflexo dos padrões de punição em vigor.

O terceiro momento descrito por Michel Foucault, que se caracteriza pelo aparecimento de instituições como o Hospital Geral de Paris e as casas de correcção Holandesas *Spinhuis* e *Rasphuis,* pode ser entendido como um período de transição no que diz respeito à função dos espaços de detenção. Estes deixam de ser essencialmente temporários e de transição, passando a servir como espaços de contenção dos *indesejados* e *improdutivos* da sociedade, aqueles sejam agentes do caos na ordem social. Doentes, loucos, pobres, órfãos, delinquentes, uma marginalidade heterogénea, que se encontrava muitas vezes junta, num mesmo espaço de reclusão e internamento indiscriminado.

> *Após o confinamento, toda uma série de regimes poderiam ser impostos para curar, reformar ou punir os indivíduos e fazê-los trabalhar. Durante os dois séculos seguintes, este programa consumiu, de longe, a maior fatia de recursos de construção pública na construção de casas para pobres, casas de trabalho, orfanatos, almshouses, prisões, hospitais e asilos.*[10]

[9] FOUCAULT, Michel – *Vigiar e Punir, Nascimento da Prisão.* 2017 p.32

É com estas instituições que nasce a concepção de recuperação através do trabalho, regras e horários estabelecidos mas também do castigo.

Só a partir da segunda metade do século XVIII, por influência do movimento iluminista, se começa a tentar estabelecer alguns princípios de organização do caos: os espaços destinados ao tratamento físico autonomizam-se; a pobreza é desinstitucionalizada e deixa de ser encarada como uma doença; e procura-se a institucionalização (embora nem sempre reconhecida pelo poder político) da loucura, criando asilos para os alienados. Desta forma, foi possível separar pobres, doentes físicos e doentes mentais dos sistemas estritamente carcerários.

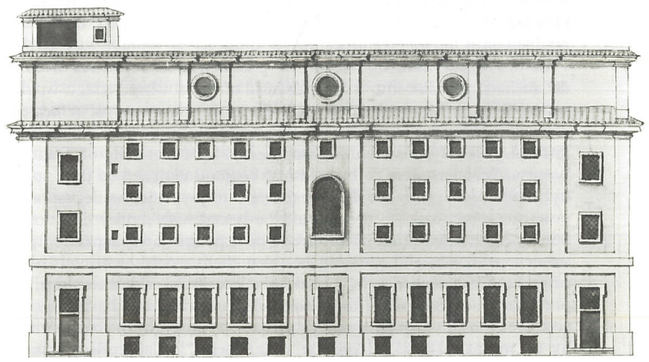
Com Cesare Beccaria, surge a ideia de que existe, com tanto desmesurado castigo, uma grande desproporcionalidade entre o delito cometido e a pena. Defendendo que a privação da liberdade, através da disciplina e do trabalho punitivo, seria o mais justo para o cumprimento da sentença. Esta, por sua vez, deveria ser definida segundo um princípio de proporcionalidade entre criminoso-crime-punição, sendo tanto mais longa quanto a gravidade do crime ou a perigosidade do criminoso; e não segundo a arbitrariedade do poder soberano. O veículo sobre o qual é aplicada a punição também é revisto: desaparece o castigo do corpo como espectáculo, que se transforma em utilidade para a sociedade.

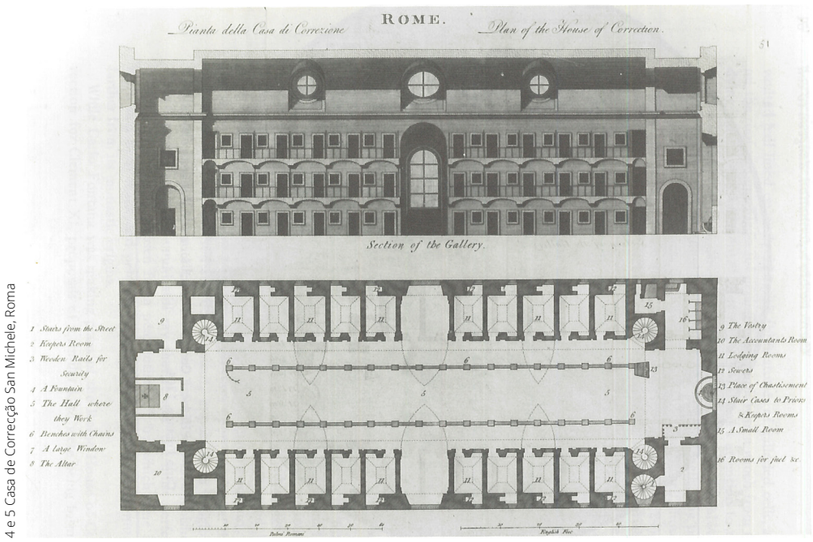
> *Se já não é sobre o corpo que incide a penalidade nas suas formas mais severas, sobre o que é que exerce então a sua força? A resposta dos teóricos – dos que por volta de 1760 deram início a um novo período que ainda não terminou – é simples, quase evidente (...) À expiação infringida no corpo deve suceder um castigo que atue profundamente sobre o coração, o pensamento, a vontade, as disposições.*[11]

Esta reformulação da filosofia punitiva, vai desencadear uma grande reflexão sobre as condições em que se encontrava a arquitectura prisional nas últimas décadas do séc XVIII. Estas, ficariam sobretudo marcadas por uma série de acontecimentos

[10] MARKUS, Thomas A. – *Buildings & Power: freedom and control in the origin of modern building types.* 1993 p.95 "For the next two centuries this programme consumed by far the greatest slice of public building resources in the construction of poorhouses, workhouses, orphanages, almshouses, prisons, hospitals and asylums."

[11] FOUCAULT, Michel. op. cit., p.23





4 e 5 Casa de Correcção San Michele, Roma

que, juntamente com o enorme contributo de John Howard, vão ser importantíssimos para a reforma do sistema prisional.

Em 1777 John Howard publica *The State of the prisons in England and Wales* – resultado de vários anos de viagens e investigação de edifícios prisionais um pouco por toda a Europa – onde testemunha o estado degradante e a falta de condições em que se encontravam as prisões. Condições físicas como a sobrelotação, a falta de higiene, saneamento, ventilação, doenças infecciosas como a "febre das prisões" (tifos); mas também de gestão: considerado que era urgente implementar esquemas de segregação e classificação de reclusos.

> *Se o vício se pode propagar como uma doença, as preocupações sanitárias poderiam estender-se ao classificar e segregar prisioneiros. No mais elementar envolvia segregação dos sexos (...) e deveria haver separação entre tipos de infractores – vagabundos, pequenos ladrões, prostitutas, criminosos e devedores.*[12]

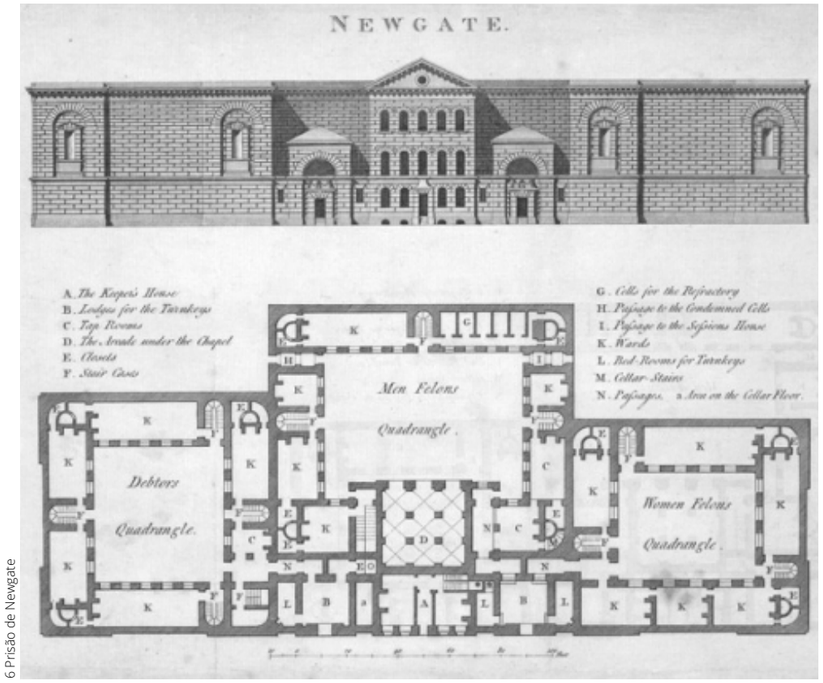
Um dos primeiros exemplos de equipamentos correccionais a implementar esquemas de segregação e classificação foi o *Ospizio Generale*, onde em 1704 segundo o desenho de Carlo Fontana, é acrescentado o reformatório para jovens de San Michele. Este edifício, que "*se diferenciava substancialmente das antigas, malcheirosas e escuras prisões medievais e renascentistas*"[13] e que serviria *"para a correcção de jovens desviantes"*[14], pretendia reformar jovens através do trabalho em silêncio.

O edifício era composto por lojas de tecelagem na cave, e por um hall central rectangular no primeiro piso, com pé direito triplo, que funcionava como sala de trabalho para a fiação de lã. Num dos extremos da sala posicionava-se o altar e no oposto, uma fonte. O acesso às 20 celas individuais, distribuídas nos lados maiores do hall (10 de cada lado num total de 3 pisos), era feito por uma galeria, aberta para a sala de trabalho. Nas paredes adjacentes à galeria, cada cela tinha uma janela gradeada que permitia uma constante vigilância. No entanto, este edifício

[12] MARKUS, Thomas A. op. cit., p.95 "If vice could spread like disease, the sanitary precautions could be extended by classifying and segregating prisoners. (…) At it most elementary it involved segregation of the sexes (…) and there was to be separation between types of offenders – vagrants, petty thieves, prostitutes, felons and debtors."

[13] *Arquitectura y Orden: ensaios sobre tipologias arquitectónicas.* 1988 p.89 "si diferenciaba sustancialmente de las antiguas, malolientes y oscuras cárceles medievales y renacentistas"

[14] PEVSNER, Nikolaus. op. cit., p.191"para la corrección de jóvenes descarriados"



6 Prisão de Newgate

destacou-se sobretudo por conter em cada cela, no limite oposto à porta de acesso, uma latrina e uma abertura que permitia a entrada de luz e ventilação natural. "*No que respeita à distribuição interna, é neste projecto que se apresentam também pela primeira vez, as celas alinhadas dum lado e outro da galeria central, sistema que passou a ser conhecido como cela exterior, por ficarem em contacto directo com o ar livre donde recebiam luz e ventilação.*"[15]

Contudo, *"o 'silentium' preconizava profeticamente o que estava para vir: disciplina, segregação, vigilância, atenção à circulação de ar e saneamento, silêncio, trabalho e penitência.*"[16]

Embora este modelo se tenha repetido até ao final do século XIX, segundo Thomas A. Markus, a sua modernidade perdeu-se quando o English Establishment procurou ideias para a reconstrução de Newgate em 1750, que acabou por ser construída em 1768, segundo o desenho de George Dance (filho). Apesar de conter um ténue princípio de segregação, que se reflecte no edifício através do desenho de três pátios que pretendiam separar devedores, homens e mulheres, os alojamentos são, em oposição ao edifício anterior, alas comuns.

Outra drástica diferença em relação a San Michele, é o facto deste edifício se caracterizar principalmente pela sua *arquitectura parlante*, princípio que pretende demonstrar a função do edifício através da sua imagem. "*O mais impressionante de Newgate (...) era desde logo a sua estética e não a sua funcionalidade. A severidade do projecto de Dance expressa (...) a função espiritual da prisão.*"[17] A concepção punitiva reflecte-se assim, directamente na arquitectura do edifício que deveria parecer *"triste, devido à sua função...nas prisões civis ensinar-se-á a miséria e nas de maior criminalidade revelar-se-á o mais temível horror.*"[18]

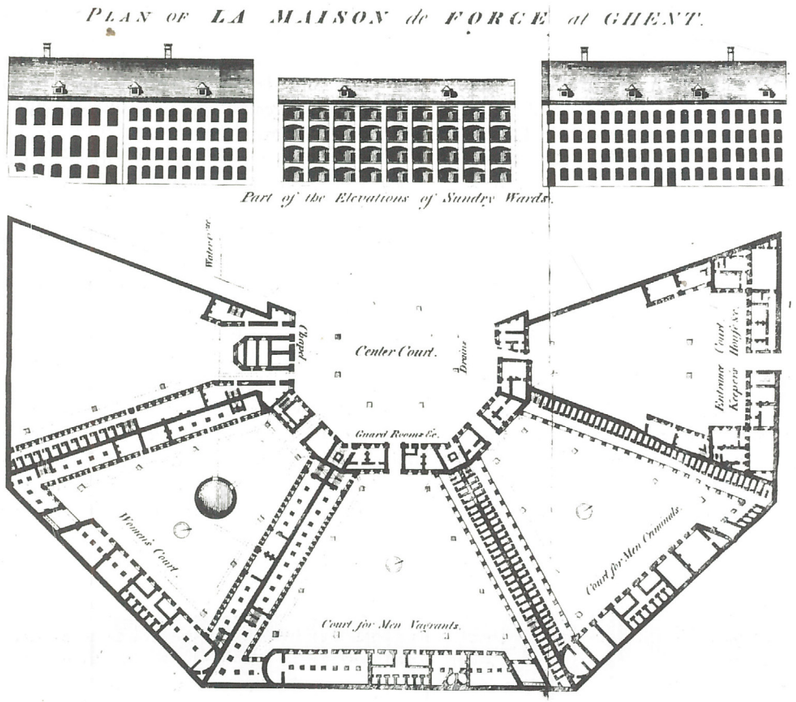
---

[15] LIMA, Rodrigues – *Arquitectura Prisional in Boletim da Administração Penitenciária e dos Institutos de Criminologia.* nº9, Ministério da Justiça, 1961 p.122

[16] MARKUS, Thomas A. op. cit., p.121 "The 'silentium' prophetically foreshadowed what was coming: discipline, segregation, surveillance, attention to fresh air and sanitation, silence, work and penance."

[17] PEVSNER, Nikolaus. op. cit., p.191 "lo más impresionante de Newgate (…) era desde luego su estética y no su funcionalidad. La severidad del proyecto de Dance expresa (…) la función espiritual de la cárcel."

[18] citação de Francesco Milizia in ibid. p.191 "tristes, debido a su función…en las cárceles civiles se enseñará la miseria y en las de mayor criminalidad se revelará el más temible horror"



7 Maison de Force

Newgate convenceu Howard e os reformadores que o desenho dos equipamentos prisionais teria de ser fundamentalmente repensado [e] *eles já tinham um modelo, vastamente publicitado no trabalho de Howard, a octogonal 'Maison de Force'*[19] em Ackerghem, arredores de Gent, de 1772-1775.

De planta radial, este edifício continha oito pátios rodeados por quatro andares de celas, destinados a distintos usos. Só se completaram cinco, três dos quais seguiam um princípio de segregação separando mulheres, homens vagabundos e homens criminosos. O octógono central era um espaço de trabalho rodeado pelas habitações dos guardas, sendo que *"nenhuma delas teria conseguido vigiar mais do que um pátio, mas todas permitiam a vigilância total do espaço de trabalho."*[20]

Seguindo a máxima *"melhora através da educação e do trabalho"*[21], os reclusos trabalhavam juntos durante o dia, e só à noite eram conduzidos às celas individuais, equipadas cada uma com uma cama, um pequeno armário e uma mesa rebatível. Neste projecto, e por oposição a San Michele, as celas passaram a ser interiores, ocupando as galerias de vigilância as zonas em contacto com as paredes exteriores.[22]

No fim do século XIX coexistiam três grandes tipos de estabelecimentos prisionais: pequenas prisões sem grande planeamento, por vezes combinadas com outras instituições, agregadas a edifícios ou em estruturas convertidas; as antigas prisões de esquemas axiais, regimes pouco modificados pelas reformas e poucas medidas de segregação ou prevenção sanitárias; e os modelos inovadores de Howard, Scot e Blackburn que tiveram em conta os efeitos morais do confinamento solitário, silêncio, trabalho organizado, e experiências de vigilância central.[23]

---

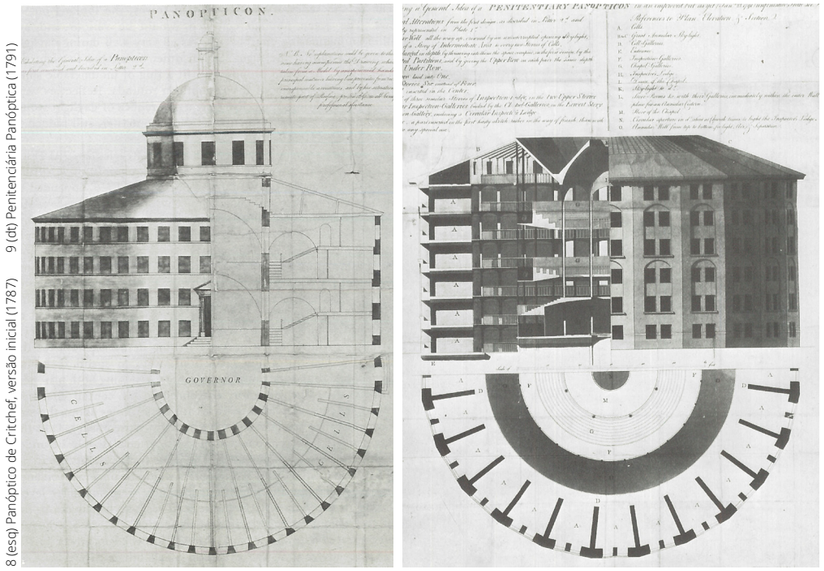
[19] MARKUS, Thomas A. op. cit., p.121 "Newgate convinced Howard and the reformers that prison design would have to be fundamentally rethought [and] they already had a model, widely publicised in Howard's work, the octagonal segregated 'Maison de Force' em Ackerghem, arredores de Gent de 1772-1775."

[20] ibid. p.121 "none of which would have given surveillance of more than one court but all of which gave total surveillance of the workspace."

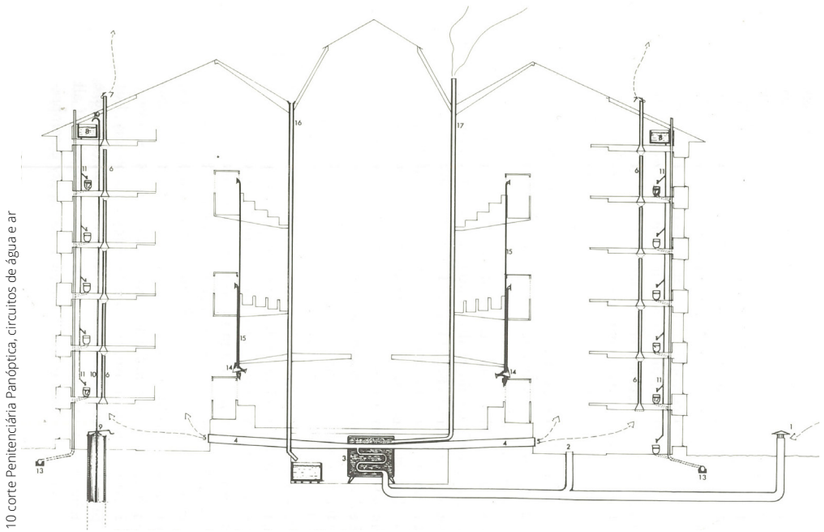
[21] PEVSNER, Nikolaus. op. cit., p.192 "mejora por medio de la educación y el trabajo"

[22] LIMA, Rodrigues. op. cit., p.123

[23] MARKUS, Thomas A. op. cit., p.123 "and Howard's, Scot's and Blackburn's innovative forms which took on board the moral effects of solitary confinement and silence, organised work and attempts at central surveillance."



8 (esq) Panóptico de Critchef, versão inicial (1787) 9 (dt) Penitenciária Panóptica (1791)



10 corte Penitenciária Panóptica, circuitos de água e ar

1 Entrada de ar fresco para forno central. 2 Entrada de ar re-circulado. 3 Fogão Franklin modificado. 4 Condutas radiais de ar quente. 5 Saídas de ar quente. 6 Tubos de ventilação para retirar ar através das celas. 7 Saída com válvulas. 8 Cisterna anelar de água fresca. 9 Poço e bomba. 10 Fornecimento de água para a cisterna. 11 Fornecimento individual de água para cada cela. 12 Instalações sanitárias e canalizaçõs pelo pavimento em cada cela. 13 Esgoto fechado. 14 Altifalante para comandos gerais. 15 Tubos de conversação em lata das galerias dos guardas para a do governador. 16 Cano estrutural de água das chuvas ligado a um tanque de armazenamento e destinado a combater fogos na sub-cave. 17 Chminé em tubo oco de ferro estrutural

O final do século XIX ficou ainda marcado por um dos modelos mais importantes na história da arquitectura prisional – o Panóptico de Jeremy Bentham – projecto que propõe um inovador esquema de controlo e vigilância constante, que ainda hoje tece paralelos com a monitorização omnipresente da nossa sociedade.

O projecto de planificação geométrica circular, é composto no seu interior, por uma estrutura com celas individuais encostadas às paredes periféricas. Em pisos sobrepostos, formam o primeiro de três anéis concêntricos que constituem o edifício, e que o organizam consoante diferentes funções.

Nessas paredes periféricas, uma janela aberta para o exterior, mantinha os reclusos iluminados em contraluz, continuamente visíveis, efeito que permitia aos guardas estar constantemente em controlo dos movimentos no interior da cela. *"Em suma, inverte-se o princípio de masmorra; a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protegia."*[24] Por haver uma descrença no sucesso do projecto, que sugeria que a construção abusava do uso do vidro,

> *o filosofo (nos Postscripts) juntou barras nas janelas e criou um sistema elaborado de defesas exteriores, não só para manter os prisioneiros dentro da prisão, mas também para evitar a entrada de multidões.*[25]

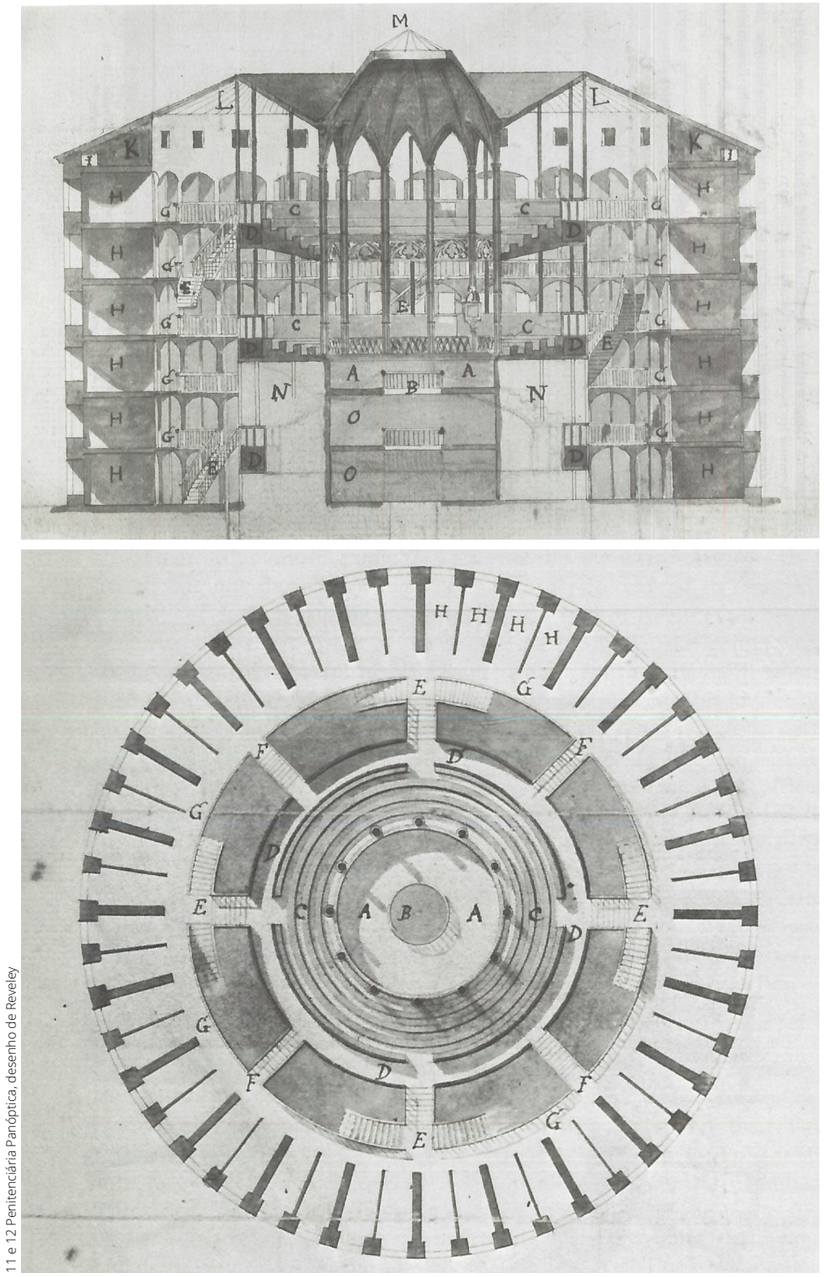
Deste conjunto de defesas faziam parte grandes projectores que serviriam para iluminar as fachadas exteriores do edifício, os percursos das rondas e os limites periféricos que estariam permanentemente vigiados por sentinelas; estes, *"em conjunto com um sistema de muros exteriores, de paliçadas e diques, asseguraria[m] que apenas se pudesse entrar na prisão por uma avenida."*[26]

No anel intermédio da composição, uma galeria dá acesso às celas individuais, e separa-as do corpo central do dispositivo. Neste, desligado da estrutura periférica, está a peça chave da composição: um posto de observação a partir do qual é possível vigiar e controlar a totalidade do edifício.

[24] FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder.* p.115

[25] TRIGUEIROS, Conceição. *Panóptico, As Ordens de Vigilância: uma arquitectura moralista.* 2011 p.59

[26] ibid. p.59-60



11 e 12 Penitenciária Panóptica, desenho de Reveley

Esta vigilância total e contínua, que apenas funciona num sentido (centro-periferia) só é possível através da rigorosa geometria da construção e de um cuidadoso domínio da luz, que permitiria aos guardas, escondidos atrás de persianas, avaliar todos os movimentos dos detidos. Por sua vez, o director, invisível tanto para os presos como para os guardas responsáveis pela patrulha da galeria, observa as acções dos seus subordinados, num sistema que, de forma a funcionar na sua plenitude, deveria ainda estar aberto ao público. Só assim seria possível controlar todos os agentes do dispositivo, impedindo quaisquer abusos de poder.

Deste modo, Bentham *"idealiza um modelo capaz de manter os prisioneiros com mais segurança e economia, proporcionando, ao mesmo tempo, os meios para que estes pudessem alcançar a sua reforma moral."*[27]

Todos os pormenores foram pensados com o maior rigor, introduzindo inovações que só foram possíveis pelo domínio de novas tecnologias: desde os materiais de construção, ferro e vidro; ao pavimento à prova de fogo; sistemas de extinção de incêndio; saneamento nas celas individuais; circulação de ar quente e frio através de um sistema de tubagens e de uma caleira de ferro; um elaborado sistema de persianas; e até um sistema de escuta terá sido inicialmente proposto.

Publicado em 1791, o Panóptico é o modelo de excelência onde é a arquitectura a principal ferramenta que vai impor a concepção punitiva e o regime penitenciário. É a manipulação arquitectónica que permite as condições, através das quais, é estimulada a imaginação, que por sua vez, domina e controla os indivíduos.

Neste sistema, não seria necessário utilizar os meios repressivos tradicionais; castigos, grilhões, e correntes seriam substituídos pelo 'olho que tudo observa', *"uma vigilância que funciona com base na imaginação e coloca centenas de homens na dependência de um só; proporcionando a esse homem uma espécie de omnipresença no recinto do seu domínio."*[28]

Sem saber quando ou se está a ser vigiado, a simples sugestão de ser observado seria suficiente para estabelecer a ordem e conservá-la. Isto é, a sugestão da presença

[27] TRIGUEIROS, Conceição. op. cit., p.30

[28] ibid. p.33

do guarda, seria tão eficaz como a sua presença física. *"É nesse facto que residia a originalidade do contributo de Bentham: no Panóptico, os detidos nunca conseguiriam saber se as suas tentativas de insubordinação estavam, ou não, a ser observadas."*[29]

No entanto, o Panóptico tal e qual Bentham o idealizara nunca chegou a ser rigorosamente construído. Embora fosse admirada a filosofia que o sustentava, criticava-se a praticidade de a pôr em funcionamento. Por outro lado, também a forma circular começou a ser alvo de críticas:

> *em primeiro lugar, pela impossibilidade de crescimento do edifício, a que o condenava a forma circular; em segundo, pela desmesurada necessidade de espaço para a sua construção e, em último lugar, pela dificuldade que representava para o sistema panóptico reutilizar antigos edifícios para a função penal, fundamentalmente a enorme quantidade de mosteiros que tinham ficado abandonados em grande parte da Europa.*[30]

Dos que foram construídos com o esquema circular, "*alguns afirmando-se como panópticos, com apenas uma excepção, nenhum o era. Faltava-lhes a total assimetria de poder, característica essencial. Ou os reclusos conseguiam ver e ouvir-se uns aos outros, ou conseguiam ver os seus detentores, ou havia períodos em que escapam da vigilância.*"[31]

Outros tentaram ainda adaptar um sistema centralizado de controlo a uma forma radial, a partir da qual seria mais fácil fazer modificações e/ou ampliações no edifício, caso fosse necessário.

> *Apesar de tudo, e qualquer que tenha sido o sucesso da execução de modelos panópticos, o princípio da inspecção revolucionou as práticas do encarceramento. A sua enorme influência em toda a história da arquitectura penitenciária ainda se faz sentir, continuando a dirigir concepções mais contemporâneas.*[32]

[29] TRIGUEIROS, Conceição. op. cit., p.40

[30] *Arquitectura y Orden: ensaios sobre tipologias arquitectónicas.* op. cit., p.95 "en primer lugar, por la imposibilidad de crecimiento a la que condenaba al edificio la forma circular; en segundo, por la desmesurada necesidad de espacio para su construcción y, en el último lugar, por la dificultad que representaba el sistema panóptico de reutilizar para la función penal antiguos edificios, fundamentalmente la enorme cantidad de monasterios que habían quedado abandonados en gran parte de Europa."

[31] Segundo Thomas Markus a exceção era Edinburgh's Bridewell (1791) MARKUS, Thomas A. op. cit., p.123 "some claiming to be Panopticons, with one exception none were. They lacked that total asymmetry of power which was an essential feature. Inmates could see and hear each other or they could see their keepers or there were periods where they escaped surveillance."

[32] TRIGUEIROS, Conceição. op. cit., p.81

Bentham já tinha previsto que a separação celular seria crucial na prevenção da solidariedade entre reclusos. Antecipou ainda, que para que a vigilância centralizada funcionasse com sucesso, seria necessário que os próprios guardas fossem também supervisionados segundo o esquema hierárquico mencionado anteriormente.

> *Estas ideias tornaram-se concretas nas formas radiais, que receberam um grande impulso pelos planos modelo da Society for the improvement of Prison Discipline publicado na década de 1820.*[33]

Nesse sentido, as décadas de 20 e 30 podem ser consideradas "*como um período de assimilação de abordagens 'realistas' que procuraram confrontar de forma racional o desenvolvimento do crime, em constante aumento na cidade burguesa.*"[35] Consequentemente, vai-se verificar uma rápida evolução dos dispositivos penitenciários, que vão tentar responder a uma intensa autocrítica, e crescente cepticismo em relação à eficácia do sistemas de classificação. *"Esta era a minhoca na fruta; a astúcia dos perversos que de algum modo conseguiriam superar a classificação mais escrupulosa e evadir a supervisão mais vigilante."*[36]

Paralelamente nos Estados Unidos, estavam a ser experimentados novos sistemas de encarceramento, que vieram mais tarde substituir as práticas europeias – o *silent system* e o *separate system*.

O primeiro, também conhecido como Auburn system foi ensaiado apenas durante dez meses, na prisão com o mesmo nome, em Nova York. Neste sistema, os reclusos ficavam continuamente enclausurados *"num bloco especial com 80 cubículos claustrofóbicos que mediam 7 pés por 3,5. Os reclusos trancafiados eram sujeitados a uma tal reclusão que acabavam por morrer ou enlouquecer."*[37] Com resultados tão horrendos como estes, o modelo acabou por se transformar num regime de trabalho pesado durante o dia e encarceramento celular individual à noite.

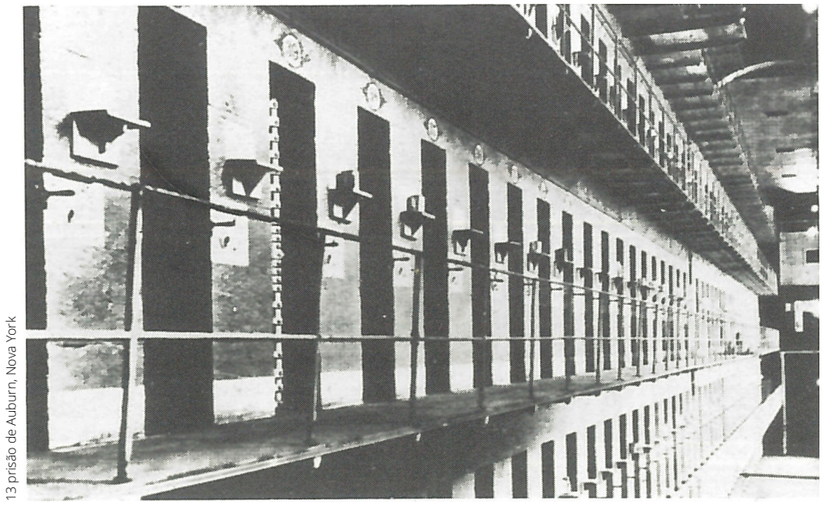
[33] MARKUS, Thomas A. op. cit., p.127

[34] ibid. p.127 "'These ideas became concrete in radial forms which were given a great impetus by the model plans of the Society for the improvement of Prison Discipline published in the 1820s."

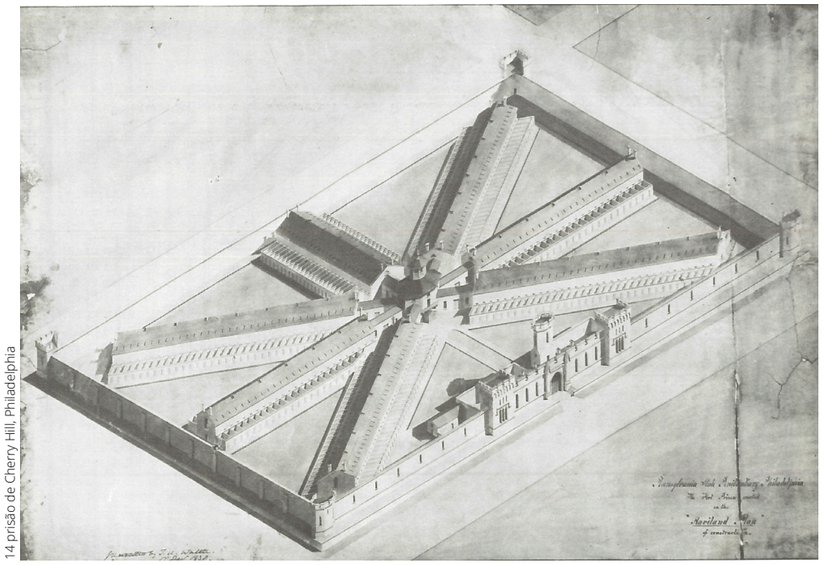
[35] *Arquitectura y Orden: ensaios sobre tipologias arquitectónicas.* op. cit., p.95 "se puede considerar como un periodo de asimilación de planteamientos "realistas" que pretenden enfrentarse de una manera racional al desarrollo del crimen, en constante aumento en la ciudad burguesa."

[36] EVANS, Robin – *The fabrication of virtue: English prison architecture, 1750-1840.* 1982 p.314 "'This was the warm in the fruit; the artfulness of the wicked who were somehow able to overcome the most scrupulous classification and evade the most vigilant surveillance."

[37] As celas de Auburn mediam o equivalente em metros a 2,13x1,06m. ibid. p.318 "in a special block of 80 claustrophobic cubicles measuring no more than 7 feet by 3,5feet. The closeted convicts were subjected to such complete seclusion that they died or went mad."



13 prisão de Auburn, Nova York



14 prisão de Cherry Hill, Philadelphia

Apesar de comerem e trabalharem em conjunto, um rígido regime de regras e protocolos garantia o silêncio total; *"qualquer comunicação entre condenados – até mesmo um olhar de relance – era punido através de um açoitamento vigoroso de forma a prevenir a contaminação moral."*[38]

A partir de 1820 as celas deixaram de ter janelas exteriores. Recebiam a luz da galeria de acesso, e a zona da galeria, isto é, o centro do bloco, tinha uma clarabóia.[39]

Embora as lições de Auburn tivessem sido aprendidas o regime do isolamento não foi abandonado.[40] No segundo sistema, denominado *separate system* ou *Philadelphia system* os reclusos eram mantidos em contínuo isolamento noite e dia, inclusive durante o trabalho, a instrução profissional, literária e fundamentalmente religiosa. Em Cherry Hill, *"a solidão era considerada como a melhor maneira de introspecção e regeneração (...) Em isolamento o preso poderá 'reflectir sobre os erros cometidos...ouvirá as repreensões da consciência* [e] *as normas religiosas'."*[41]

Desenhado por John Haviland, e *"baseado indiscutivelmente no sistema celular das Zuchthauser, no partido radial de Vilain, e na disposição panóptica de Bentham"*[42], é com este edifício que se consagra o esquema radial. Oito corpos, sete dos quais destinados à reclusão, irradiam de um ponto central, que funciona como um hall de vigilância. Contudo, *"frente às tradicionais concepções panópticas ou panóptico-radiais, o 'centro' perdeu toda a sua importância no mecanismo; por outro lado, a cela individual converte-se na peça fundamental do sistema; por este constante isolamento o próprio tamanho da cela cresce."*[43]

As celas, local onde se realizavam a maioria das actividades diárias, estavam equipadas com retrete, torneira e um cilindro de água quente.[44] Tinham ainda um pequeno pátio particular, que serviria como zona de trabalho. *"Eventualmente a pureza da intenção foi diluída com a adição de um segundo andar sem jardim, para aumentar a lotação para 400 lugares."*[45]

[38] EVANS, Robin. op. cit., p.318 "any communication between convicts – even a glance – was henceforth punished by vigorous flogging in order to prevent moral contamination."

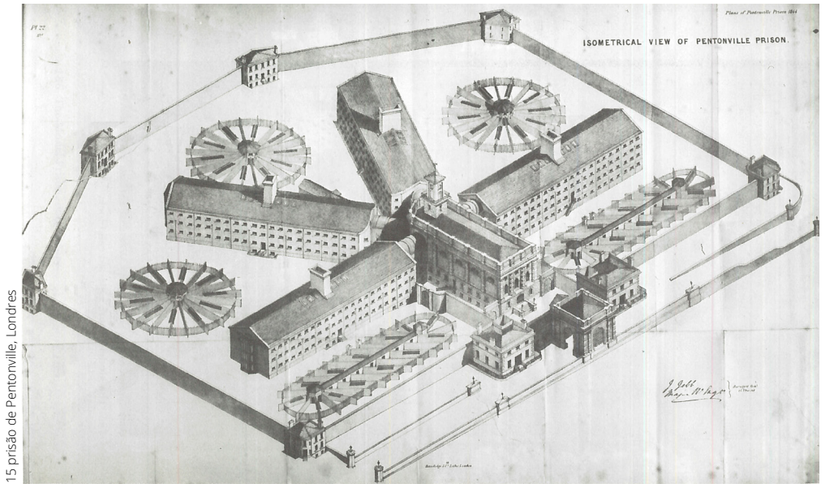
[39] PEVSNER, Nikolaus. op. cit., p.200 "a partir de 1820 las celdas no tenían ventanas exteriores. Recibían la luz de la gallería de acceso, y la zona de galerías, es decir, el centro del bloque, tenía una claraboya."

[40] EVANS, Robin. op. cit., p.200

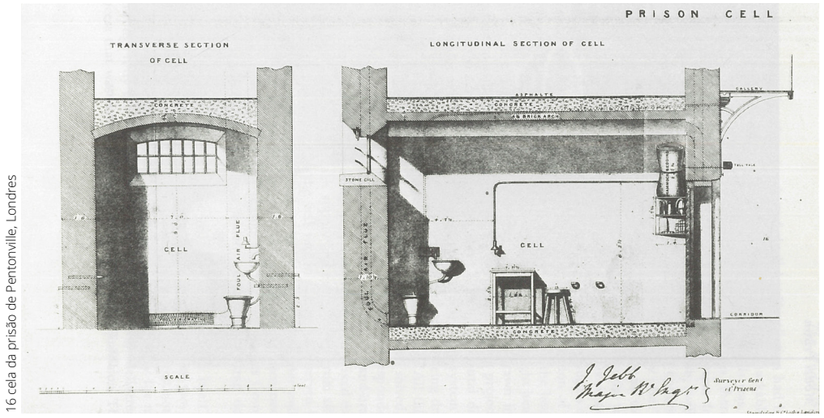
[41] PEVSNER, Nikolaus. op. cit., p.200 "La soledad era considerada como la mejor manera de introspección y regeneración (...) En soledad el preso podrá 'reflexionar sobre los errores cometidos...oirá los reproches de la consciencia [y] las normas religiosas."

[42] LIMA, Rodrigues. op. cit., p.129

[43] *Arquitectura y Orden: ensaios sobre tipologias arquitectónicas.* op. cit., p.96 "frente a las tradicionales concepciones panopticas o panoptico-radiales, el "centro" ha perdido toda su importancia en el mecanismo y, por otro lado, la celda individual se convierte en pieza fundamental del sistema; por este constante aislamiento el propio tamaño de la celda crece."



15 prisão de Pentonville, Londres



16 cela da prisão de Pentonville, Londres

Alguns viram neste 'separate' system uma ordem humana e moralmente eficaz; outros um desvio patológico, que levaria à loucura e a estados 'tipo zombie' incuráveis.[46]

Cherry Hill ficou rapidamente associada a aprisionamento reformativo, enquanto Auburn a aprisionamento retributivo; Cherry Hill a humanidade; Auburn, economia; Cherry Hill a idealismo, Auburn, a realismo. Aí estavam as dimensões de uma controvérsia que foi mais tarde exportada para a Grã-Bretanha. Na America o sistema do silencio de Auburn era o mais influente, mas os enviados Europeus viram o separate system de Cherry Hill com entusiasmo.[47]

Apesar de terem sido contestados no fim da última metade do século XIX, os modelos radiais com regimes baseados no *separate system* expandiram-se pela Europa.

A prisão de Pentonville, desenhada por Joshua Jebb, tornou-se o modelo de referência. Neste edifício, que tem um esquema semelhante a Cherry Hill com quatro blocos de celas de três pisos, foram introduzidas construções circulares onde os reclusos poderiam fazer exercício, garantindo ao mesmo tempo que estes continuavam restritamente segregados.

A prisão Londrina apresentou invenções técnicas realmente assombrosas relativamente à organização da cela, que começa a constituir-se como um microcosmos completamente separado do resto da prisão.[48]

As redes de condução e ventilação de ar, o saneamento e até um sistema de distribuição de alimentos por correias, foram pensados de forma a impedir qualquer comunicação; a porta, igualmente insonorizada, continha um visor onde era possível observar, apenas num sentido, o interior da cela; também aqui, se procurou evitar o contacto visual com o exterior utilizando um janela translúcida.[49] *"Em definitivo, uma sofisticada 'tecnologia' substitui a 'forma'; a partir da técnica cria-se uma angustiante microfísica de poder que pretende dobrar desejos, dominar acções e dirigir os sentidos."*[50]

---

[44] Cilindro foi traduzido a partir de calientador de água caliente in PEVSNER, Nikolaus. op. cit., p.200

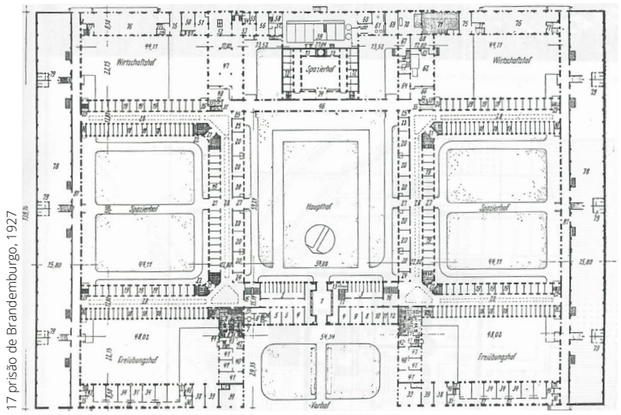
[45] MARKUS, Thomas A. op. cit., p.127

[46] ibid. p.127 "Some saw in this 'separate' system a humane, morally efficacious order; others a pathological one, leading to insanity and incurable zombie-like states."

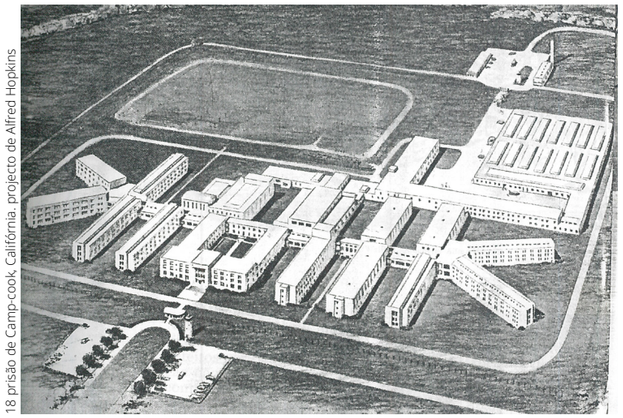
[47] EVANS, Robin. op. cit., p.323 "Cherry Hill soon became identified with reformative imprisonment, Auburn with retributive imprisonment; Cherry Hill with humanity, Auburn with economy; Cherry Hill with idealism, Auburn with realism. There were the dimensons of a controversy that was afterwards exported to Britain. In America the silent Auburn system was the more influential, but European envoys viewed the separate Cherry Hill system with unalloyed enthusiasm."

[48] *Arquitectura y Orden: ensaios sobre tipologias arquitectónicas.* op. cit., p.96 "La prisión londinense presentó invenciones técnicas realmente asombrosas en la organización de la celda, que empieza a constituirse como un microcosmos completamente separado del resto de la prisión"

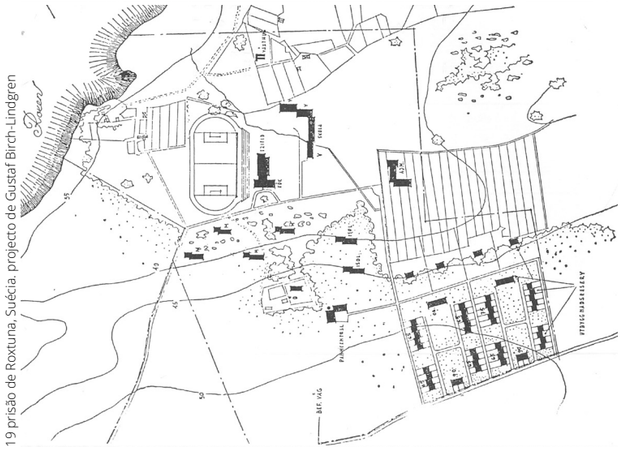
[49] ibid. p.96



17 prisão de Brandemburgo, 1927



18 prisão de Camp-cook, Califórnia, projecto de Alfred Hopkins



19 prisão de Roxtuna, Suécia. projecto de Gustaf Birch-Lindgren

Segundo Nikolaus Pevsner, as plantas radiais foram ainda utilizadas ocasionalmente depois de 1900, contudo estavam já claramente desactualizadas. Como tal, o período correspondente ao final do séc XIX e primeiras décadas do século XX vai ser caracterizado por uma grande experimentação do ponto de vista da organização arquitectónica prisional, com o surgimento de três principais soluções tipológicas – o esquema em espinha, também denominado de pente ou poste telegráfico; o esquema concentracionário ou em ferradura; e o pavilhonar.[51]

Segundo o primeiro esquema, os pavilhões destinados à reclusão, oficinas e aos restantes serviços organizam-se paralelamente entre si, e ortogonalmente a uma galeria central de distribuição. Com esta disposição, consegue-se *"além de um ambiente menos severo, orientar as celas da melhor forma possível em relação aos raios solares, preocupação que até então não existia."*[52]

O segundo esquema teve origem na Alemanha, com a construção de uma nova penitenciária em Brandeburgo, cuja particularidade consistia na *"concentração e centralização das celas e das camaratas, de modo a evitar qualquer evasão ou revolta dos reclusos."*[53] Os edifícios destinados às oficinas, armazéns e serviços comuns são colocados perifericamente aos primeiros, circundando-os, funcionando assim, como uma primeira barreira que duplica a exterior.

O terceiro partido arquitectónico (pavilhonar) é composto por um conjunto de pavilhões prisionais, separados entre si e colocados de forma ordenada sobre um vasto terreno. Segundo Rodrigues Lima,

> *as vantagens de controle administrativo e de vigilância são tantas, e ainda mais as possibilidades de recuperação e regeneração dos reclusos que, os novos estabelecimentos prisionais hão-de forçosamente tender cada vez mais para se transformarem em pequenos agrupamentos pavilhonares sem aspecto intimidativo, nem ambientes pesados ou deprimentes, onde vivam sob vigilância discreta e*

[50] ibid. p.96 "En definitiva, una sofisticada 'tecnología' sustituye a la 'forma'; desde la técnica se crea una angustiante microfísica del poder que pretende doblegar deseos, dominar acciones y dirigir los sentidos."

[51] termo utilizado pelo arquitecto Rodrigues Lima *in* LIMA, Rodrigues. op. cit., p.205

[52] ibid. p.138

[53] ibid. p.146

depois do trabalho em comum, pequenos núcleos de reclusos agrupados pelo seu temperamento semelhante, suas tendências culturais e religiosas a maior ou menor possibilidade de regeneração.[54]

O conceito de *prisão aberta* abriu precedente para se pensar a prisão de uma forma mais normalizada e menos constrangedora. Esta organização,

permitiu flexibilização onde antes havia uniformidade, aumentando ainda o potencial do contacto com o mundo exterior. Até então, tinha havido um activo desencorajamento de qualquer tipo de participação comunitária, que era reforçado pelo simbolismo dos altos muros perimétricos.[55]

O período que começa no pós-guerra e se estende até ao final do séc. XX, vai-se caracterizar por várias flutuações no que toca à filosofia punitiva e consequente opinião pública, que por sua vez, vão influenciar directamente as atitudes no que respeita a arquitectura prisional.

Nos primeiros anos da segunda metade do séc. XX, o aumento esporádico do numero de prisões foi geralmente não planeado e executado "à pressa", sobretudo para responder a graves crises de sobrelotação, que passaram a existir com o aumento da criminalidade e que ainda hoje não se encontra estabilizado.

Praticamente qualquer tipo de edifício foi arrastado para o serviço e designado como prisão; velhas prisões existiam a par de mansões de campo convertidas, edifícios públicos e acampamentos.[56]

Para as novas construções procurou-se uma abordagem diferente: rompendo com a filosofia punitiva vitoriana, apareceu a primeira prisão em Inglaterra que incorporava zonas de oficinas, educação, cantina, áreas de lazer, campos de jogos e zonas de culto, e que tinha como principal objectivo providenciar tratamento e

[54] LIMA, Rodrigues. op. cit., p.148

[55] DUNBAR, Ian e FAIRWEATHER, Leslie – *English prison design* p.20 *in* FAIRWEATHER, Leslie e MACCONVILLE, Séan – *Prison architecture, Policy, design and experience.* 2000 "It enabled flexibility where before there had been uniformity, and also increased the potential for grater contact with the outside world. Previously there had been active discouragement of any sort of community participation, which was reinforced by the symbolism of the high perimeter walls."

[56] ibid. p.21 "almost any sort of building was dragged into service and designated as a prison; old convict prisons existed alongside converted country mansions, public buildings and hutted camps"

formação.[57] Os reclusos estavam distribuídos em grupos mais pequenos, com diferentes regimes e categorias de segurança.[58] Contudo, este sistema também *"semeou as sementes dos problemas de controlo porque permitia aos reclusos mais liberdade para se movimentaram."*[59] A disposição dos edifícios era mais fragmentada e menos monolítica, a escala era mais pessoal e menos intimidante e os blocos de celas distribuíam-se nos quatros cantos de um núcleo central que continha as instalações comuns. *"Havia pequenas salas de estar no piso térreo de cada bloco, um uso experimental de dormitórios, e um melhor desenho das celas com maiores janelas.* [Este projecto] *foi uma notável mudança de atitude e desenho, mas era ainda uma solução muito rígida e inflexível à sua maneira."*[60]

Apesar deste período se distinguir inicialmente pela esperança/crença no funcionamento do sistema penal e na eficiência dos programas que promoviam o alcance da reforma como objectivo; assistimos rapidamente a uma mudança de pensamento:

A crença de que o 'tratamento funciona' foi gradualmente transformada por um longo período de 'nada funciona', para 'a prisão funciona' e, posteriormente, para uma política mais pragmática de fazer 'o que funciona'.[61]

Desde meados da década de 1960, que o consenso penal passou de políticas de reforma, para políticas de retribuição e seguidamente para políticas de incapacitação, com uma facilidade surpreendente e relativamente pouca pesquisa, considerando as questões morais, humanitárias e práticas em questão.[62] A descrença na "punição reformativa" aparece assim na sequência de algumas alianças políticas e de um estudo que procurou medir de forma pouco discriminada os resultados dos programas que

[57] Modelo protótipo para a construção de dezenas de prisões, a primeira construída em Blundeston, Suffoll em 1963.

[58] DUNBAR, Ian e FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.22

[59] ibid. p.22 "but it also sowed the seeds of control problems because it allowed the inmates more freedom to move around at will."

[60] ibid. p.22 "There were small association rooms on the ground floors of each block, an experimental use of dormitories, and improved cell designs with larger windows. It was a remarkable change in attitude and design, but was still a very rigid and inflexible solution in its own way."

[61] ibid. p.16 "The belief that "treatment works" was gradually transformed through a long period of 'nothing works', to 'prison works' and, latterly, to the more pragmatic policy of doing 'what works."

[62] MACCONVILLE, Séan – *The architectural realization of penal ideas* p.3 *in* FAIRWEATHER, Leslie e MACCONVILLE, Séan. op. cit.,

sustentavam esta ideia – sugerindo que não era possível suportar as alegações que estavam a ser feitas para os vários tipos de programas. *"Uma abordagem poderia ter sido o redesenho e aperfeiçoamento dos programas, de forma a combina-los melhor com os tipos de infractores,* (...) *em vez disso, proclamou-se com crescente unanimidade e fervor que 'nada funciona'."*[63]

A esta generalização, somou-se a ideia de que a regeneração como objectivo da sentença dilui a responsabilidade individual das más escolhas ou erros cometidos; complementarmente, atribuir a culpa às circunstâncias, ao determinismo social, cultural e psicológico passou a ser considerado um ataque à estrutura moral da sociedade. *"Programas de tratamento foram cancelados, a segurança tornou-se asfixiante, e estabeleceu-se o desespero e a confusão."*[64]

Com esta nova obsessão pela segurança, criou-se um sistema de classificação nas prisões (baixa, media, alta, especial) que se procurou complementar com a dispersão em diferentes estabelecimentos dos presos de "alto risco". Estas duas medidas tiveram profundas implicações na organização e desenho das prisões, para além da disseminação da anomalia "*de que reclusos de alta segurança deveriam ter melhores instalações do que reclusos não condenados em prisão preventiva ou aqueles com sentenças de pequena duração presos em prisões regionais."*[65]

Pelo contrário, um sistema retributivo deixaria clara a ideia da responsabilidade individual e de que o objectivo do processo criminal e penal seria identificar os culpados e sujeita-los a uma punição ao nível do mal que criaram. A ideia de que a dissuasão, através do agravamento das penas teria efeitos mais positivos, foi também alvo de experiências empíricas, as quais apesar de tudo não eram mais sofisticadas do que as aplicadas às políticas reformativas, que mostraram que este método aparentemente não produziria melhores resultados do que o anterior. Assim, a mensagem geral, que foi amplamente recebida foi 'nada funciona.'

[63] MACCONVILLE, Séan op. cit., p.3 "One approach might have been to redesign and refine programmes, better to match them with types of offenders (…) what actually happened was that it was proclaimed with increasing unanimity and fervour that 'nothing works."

[64] DUNBAR, Ian e FAIRWEATHER, Leslie op. cit., p.23 "'Treatment programmes were cancelled, security became stifling, and despair and confusion set in."

[65] ibid. p.23 "that high security prisoners were to have better facilities than non-sentenced prisoners on remand and those smaller-term prisoners held in local prisons.

Na década de 70 e 80 assistimos a mais uma ampliação do aparelho de segurança, com a imposição de mais barreiras físicas – multiplicaram-se os portões, postos de acesso e de controlo de zonas – de forma a conseguir maior controlo do movimento dos reclusos. A vigilância passou a ser assegurada essencialmente por sistemas TV de circuito fechado – o corpo de guardas é colocado em zonas seguras e passa a servir-se da tecnologia para garantir a vigilância e controlo dos espaços, reduzindo assim não só as interacções entre reclusos e staff mas também as interacções entre a comunidade reclusa. *"Segurança e armazenamento humano tornaram-se a norma."*[66]

Com a difusão das drogas, especialmente nas áreas metropolitanas, sentiu-se uma grande pressão política que contribuiu para uma mudança de atitude no que respeita os problemas relacionados com o tráfico e consumo de estupefacientes. Deslocando-os da área da saúde pública para o âmbito penal.

> *Paralelamente, protecção social sob a forma de sentenças longas obrigatórias começou a misturar-se e gradualmente a substituir a retribuição como factor principal do pensamento penal. A epidemia de cocaína que atingiu as áreas metropolitanas dos EUA nos anos 80 afastou as respostas políticas racionais e transformou-as em retóricas e atitudes de guerra.*[67]

Instala-se um receio acrescido na sociedade que se sente ameaçada e dissemina-se a ideia de que seria benéfico aumentar a duração das penas de prisão, segundo o argumento de que alguém que está detido, não pode cometer crimes.

Durante estes anos a construção foi geralmente deficitária e os orçamentos reduzidos e mal aplicados. Isto foi especialmente perceptível em prisões de alta segurança, onde os requisitos de segurança foram aumentados, geralmente à custa de melhoramentos que poderiam ter sido feitos nos estabelecimentos de categorias mais baixas. *"No entanto, a sobrelotação continuou a piorar, e não houve nenhum sinal*

[66] DUNBAR, Ian e FAIRWEATHER, Leslie op. cit., p.23 "security and human warehousing became the norm."

[67] No UK e em Portugal verifica-se o mesmo fenómeno na década de 80 e 90.MACCONVILLE, Séan op. cit., p.6 "Concurrently, social protection in the form of long mandatory sentences began to mingle with and gradually replace retribution as a leading factor in penal thinking. The cocain epidemic that hit America's metropolitan areas in the 1980s moved beyond rational policy responses into the rhetoric and attitudes of war."

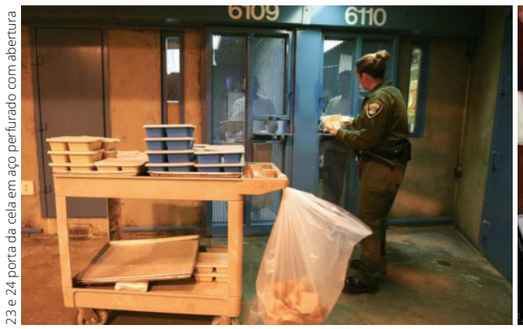


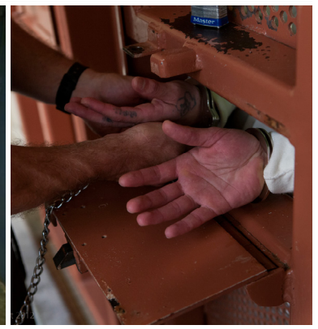
20 (esq) porta de cela. Security Housing Unit, Pelican Bay
21 (dt) espaço exterior. SHU unit, Pelican Bay





22 corredor com grande metálica de segurança. SHU unit, Pelican Bay





23 e 24 porta da cela em aço perfurado com abertura

de uma clara relação entre as políticas penais e o desenho de estabelecimentos prisionais, que deveria ter sido gerada."[68]

A proliferação das supermax prisons representa o auge desta questão:

As prisões supermax usam extensivamente a tecnologia para facilitar o controle da instituição e de todos os que estão lá dentro. Há todos os usuais controlos electrónicos de ponta para detecção de drogas e contrabando ao entrar nas instalações; mão, voz e outras técnicas de identificação que superam a precisão dos controlos de impressão digital, para entrada na secção segura do estabelecimento de staff, visitas ou reclusos; câmaras de vídeo em todo o lado; múltiplos controles electrónicos de entrada em passagens interiores, que geralmente são subterrâneas; grades em aço por cima dos corredores onde o recluso é transportado[69] e aberturas que permitem algemar o recluso no interior da cela.

A tecnologia e a arquitectura trabalham assim em conjunto para elevar o nível de punição nestes dispositivos, que se torna próximo do nível de tortura psicológica.

Evidentemente, todo este aparelho é extremamente dispendioso. A partir do exemplo descrito por Norval Morris – a prisão de Tamms, no Illinois – podemos perceber a quantidade de investimento necessário para construir, gerir e manter uma prisão deste tipo:

Custa mais de 73 milhões de dólares para construir, e opera a um custo de 35800$ por recluso por ano, aproximadamente o dobro do custo anual per capita de uma prisão de segurança máxima no mesmo estado.[70]

Num regime de total segregação, a cela torna-se o espaço mais importante e praticamente único na vida do recluso que aí passa 23 horas por dia. Medindo

[68] DUNBAR, Ian e FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.24 "However, overcrowding steadily got worse, and there was still no sign of any obvious relationship between penal policies and the design of penal establishments, which they should have generated."

[69] MORRIS, Norval – *Prisons in the USA: supermax, the bad and the mad* p.98 *in* FAIRWEATHER, Leslie e MACCONVILLE, Séan. op. cit., "Supermax prisons make extensive use of technology to facilitate control of the institution and all those in it. There are all the usual state-of-the-art electronic controls for drugs and contraband upon entering the facility; hand, voice and other identification techniques far surpassing the precision of fingerprint controls for entry into the secure section of the facility by staff, visitor or prisoner; video cameras everywhere; multiple electronic controls of inner passage entrances, which are generally underground; walkways of steel grates over the corridors where the prisoner is moved"

[70] 73 milhões de dolares equivale a aproximadamente 63 milhões de euros. 35800$ equivalem a aproximadamente 30800€. ibid. p.99 "it cost over 73$ million to build, and it runs at a cost of 35800$ per prisoner per year, roughly twice the annual cost per capita of a maximum security prison in the same state."

geralmente 3,00x3,50m são construídas em betão perfurado, com uma cama do mesmo material encastrada na parede. Uma porta de aço com uma pequena abertura por onde se pode passar, por exemplo, a comida – isola o recluso dos restantes espaços. Geralmente têm ainda uma unidade sanitária de aço inoxidável e um espelho feito de metal polido praticamente indestrutíveis. Uma pequena janela estreita e alta permite uma reduzida quantidade de luz natural. São fornecidos ainda, mais alguns objectos: um colchão de plástico ininflamável, uma lâmpada fluorescente bem protegida e um interruptor de luz; luz esta que nunca se desliga totalmente para que os guardas possam observar o interior da cela a qualquer hora do dia.

Por vezes existe um acesso directo da cela ao chuveiro e ao espaço de exercício físico que é controlado remotamente. Quando não existe, o recluso é algemado nos pulsos e tornozelos e conduzido sozinho ou acompanhado pelos guardas por um percurso sempre vigiado por um guarda armado com uma arma e gás, posicionado sobre o corredor numa grade de metal. Ambas as "actividades" são consideradas uma recompensa por bom comportamento, podendo aumentar o número de permissões à medida que a sentença vai sendo cumprida sem incidências. O espaço destinado ao exercício físico é individual, pouco maior do que a cela, e pode ser construído em betão com uma abertura gradeada no tecto ou totalmente gradeado. Contudo, em nenhuma destas tipologias existe equipamento desportivo.

Praticamente não são permitidos quaisquer objectos pessoais: a roupa é standard, os produtos de higiene também, os livros disponíveis são os que existem na biblioteca da prisão; com a excepção das cartas recebidas e fotografias, mas até essas obedecem a regras estritas e estão sujeitas a um número específico de unidades.

Para além de negada a individualidade, o recluso está ainda sujeito a pouquíssimos momentos de socialização. Apesar de geralmente não serem permitidos telefonemas, a não ser em caso de emergência, os reclusos podem receber um número limitado de visitas por mês. No entanto, estas tendem a ser escassas pela distância das instalações às zonas habitacionais e pelo traumático processo de admissão, onde as visitas são escrupulosamente revistadas para evitar contrabando.

> *Os privilégios de visita, que variam de um a quatro por mês, são para a maioria dos reclusos uma retórica florida ao invés de uma realidade. Não se está, naturalmente, isolado do (...) staff. O padre visita regularmente, assim como o assistente social e o psicólogo, o enfermeiro e várias categorias de guardas que verificam como estás e te passam comida. Todos estes contactos ocorrem através da porta de aço perfurada.*[71]

Não há trabalho, educação, nem quaisquer actividades para além dos livros supramencionados, um dicionário, uma bíblia, papel e caneta, o que a imaginação pode oferecer, ou com sorte, uma televisão com programas limitados.

Salienta-se ainda, o facto de os fundamentos teóricos apresentados a favor da criação das prisões supermax não serem novos mas continuarem a ser convincentes.

> *Argumenta-se que vale a pena manter este grupo de reclusos, descrito pelos proponentes dessas instituições como "o pior dos piores", em confinamento solitário absoluto e reduzir severamente as suas condições de vida, para evitar que ataquem um membro do staff ou um recluso e para detê-los de fomentar distúrbios nas prisões das quais são enviados.*[72]

Mais uma vez, as difíceis condições existentes, ainda mais rígidas que as da zona de segregação das prisões de máxima segurança, são justificadas pela capacidade de dissuasão de práticas de violência e mau comportamento que outros reclusos, caso contrário, poderiam pensar realizar. Apesar de não existirem evidências da eficácia de nenhum destes argumentos, a classe política continuou a ganhar aprovação. *"O mantra nunca foi testado empiricamente, e devia ser. Contudo, mesmo que fosse verdade, será que justifica o nível de adversidade (...) para o recluso?"*[73]

---

[71] MORRIS, Norval. op.cit., p.102 "Visiting privileges, ranging from one to four a month, are for most prisoners a rhetorical flourish rather than a reality. You are not, of course, isolated from the (…) staff. The clergyman visits regularly, as does the social worker and the psychologist, the nurse, and various categories of guards who are checking on you or passing food to you. All these contacts take place through the multi-holed steel door."

[72] ibid. p.100 "It is argued that it is worthwhile to hold this group of prisoners, described by the proponents of these institutions as "the worst of the worst", in absolute solitary confinement and to reduce their living conditions severely to prevent them injuring a staff member or a prisoner and to stop them fomenting disturbances in the prisons from which they are sent."

[73] ibid. p.104 "The mantra has never been tested empirically, and it should be. However, even if it were true, does it justify the degree of adversity visited on the (...) prisoners?"

> *Até comparativamente tempos recentes, as microeconomias das prisões eram fortemente influenciadas pela doutrina de menor elegibilidade (...) formulada pelos utilitários no virar do século XIX.*[74]

Esta abordagem determinava que as condições de um recluso deveriam ser inferiores às condições do mais pobre indivíduo; funcionando assim como meio para dissuadir outras pessoas das práticas ilegais e reduzindo ao mesmo tempo os custos de manutenção relacionados com as necessidades dos detidos.

Actualmente já existe uma aceitação genérica de que os reclusos devem viver segundo um standard (mínimo) mas aceitável de dignidade. Quando não é possível reduzir nas necessidades básicas (comida, roupa, saúde, higiene, etc) – *"o que não quer dizer que não existam tais reduções; apenas que é provável que estas sejam tanto marginais como evasivas"*[75] – os cortes de gestão prisional acabam por recair, geralmente, na substituição do corpo de guardas por tecnologia de ponta.

Outra forma que se encontrou de reduzir os custos dos sistemas prisionais foi entregar o seu financiamento, construção, e gestão aos privados.

> *O envolvimento da indústria de segurança privada no sistema prisional tem sido a maior e mais recente mudança organizacional do mundo prisional. Por causa do seu regime de financiamento e velocidade de construção, as prisões privadas são muito relevantes para o ritmo a que o sistema prisional pode ser expandido.*[76]

Contudo, o envolvimento de empresas privadas no sistema prisional, inclusive da indústria de segurança, levanta algumas questões. Terá uma organização que visa o lucro, capacidade (e interesse) para promover programas de tratamento e reabilitação, mantendo ao mesmo tempo a segurança, sem se deixar influir pelos custos de gestão e conveniência? No que toca à arquitectura, poderá também

[74] MACCONVILLE, Séan. op. cit., p.13 "Until comparatively recent times, the micro-economies of prisons were heavily influenced by the doctrine of less eligibility (…) formulated by the utilitarians at the turn of the nineteenth century."

[75] ibid. p.13 "This is not to say that there can never be such savings; only that they are likely to be both marginal and elusive"

[76] ibid. p28 "The involvement of the private sector security industry in the prison system has been the largest recent organizational change in the prison world. Because of their financing regime and speed of construction, private prisons are very relevant to the rate at which the prison system can be expanded."

questionar-se sobre o aumento do desfasamento entre projecto e as ideias penais que se supõe reproduzir.

> *Comer, dormir, exercício físico, trabalho e lazer são fornecidos de uma forma funcional e mecânica – certamente para standards mínimos aceitáveis, no entanto frequentemente à distância e com pouca intervenção humana, conforto, ou reconhecimento do indivíduo.*[77]

Para a população em regime comum, à medida que o ritmo do encarceramento foi aumentando, a standardização tornou-se peça central na arquitectura e desenho prisional, viabilizando construções rápidas e económicas e uma gestão facilitada.

Contudo, apareceu um modelo nestas décadas do final do séc. XX que procurou reverter a falta de individualismo e relações humanas. *The New Generation* é provavelmente o modelo deste período que melhor utiliza a arquitectura para conseguir conciliar economia de staff, com um bom sistema de supervisão e controlo, reintroduzindo ao mesmo tempo relações de proximidade entre funcionários e reclusos. *"Pressagiava uma mudança, desde staff que se adequava aos edifícios, para edifícios que se adequavam ao staff."*[78]

Este projecto experimental, tem por base um novo sistema de operação intitulado supervisão directa, que potencia para além das relações já mencionadas, a prática de actividades e um ambiente mais relaxado, onde guardas podem antever eventuais problemas precisamente por conhecerem os reclusos individualmente, as suas personalidades e limites.

Desta forma, para além da escolha e formação do corpo de guardas, a arquitectura é uma ferramenta essencial na construção deste ambiente. Para existir esta relação de proximidade, é necessário, em primeiro lugar, reduzir a escala das zonas de reclusão que devem conter pequenos grupos de reclusos. Complementarmente, substituem-se os corredores longos e opressores de celas cinzentas por dois grupos de celas de dois pisos organizadas à volta de um grande espaço multiusos de pé direito duplo onde

[77] MACCONVILLE, Séan. op.cit., p.11 "Eating, sleeping, exercise, work and recreation are delivered in a functional, machine-like way – certainly to acceptable minimum standards, yet often remotely and with little human intervention, comfort or acknowledgment of the individual."

[78] DUNBAR, Ian e FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.24 "It presaged a changed from staff fitting into buildings to making buildings fit for staff."





25 e 26 Layout da secção de reclusão de uma prisão New Generation. Kent County Jail, Michigan

reclusos e staff podem ocupar-se com actividades.

A geometria destes edifícios de reclusão pode variar, havendo exemplos triangulares ou rectangulares, pavilhonares ou edifícios em torre; no entanto, todos tem em comum o controlo visual da totalidade do espaço, eliminando ângulos mortos; a divisão em escalas de proximidade; e a supervisão directa.

Apesar de representar uma evolução mais humana e preocupada com a socialização e reabilitação, este modelo tem algumas falhas cruciais. "*Alguns críticos sugerem que as prisões new generation não conseguiram cumprir as expectativas porque faltam componentes importantes, como um ambiente normalizado nas instalações*"[79] e um contacto mais flexível com o exterior e a natureza.

Paralelamente a este movimento, *"existia um enorme programa de actualização das prisões existentes. Embora desejáveis, essas melhorias não criaram novas formas de pensar projectos e de os relacionar a novas ideias penais. Com o advento das prisões financiadas e construídas pelo privado, é possível que o bom trabalho que estava a nascer a partir dos princípios das new generation não dê em nada."*[80]

Mais recentemente temos assistido a políticas mais focadas na reabilitação do indivíduo, mas sobretudo mais brandas com os crimes relacionados com o consumo de droga. Embora se façam sentir com mais intensidade na Europa, também nos Estados Unidos se procurou evoluir de um regime *'tough on crime'* para um que fosse *'smart on crime'*. Esta iniciativa propõe, em vez da pena de prisão, um programa de tratamento para os que tenham cometido crimes não violentos potenciados pelo consumo de droga.

Contudo, e apesar de alguns bons exemplos, não significa que estas políticas se façam sentir dentro do ambiente prisional. Este, pela dificuldade que representa uma restruturação global, continua a ser na maioria dos casos, uma soma de partes com regimes, estruturas e condições diferentes de estabelecimento para estabelecimento.

---

[79] SMITH, Adrian – A look at the new Generation Jail. *Corrections.* [online] 2013 "Some critics suggest new-generation jails have failed to live up to their promise because they lack important components, such as normalized living environment in their facilities"

[80] MACCONVILLE, Séan. op. cit., p.11 "there was a huge programme of upgrading the existing prisons. Although desirable in their own rights, these improvements did not further new thinking in terms of new designs related to new penal ideas. With the advent of privately funded and built prisons, it is possible that the good work springing from new generation principles could come to naught."

Centro Penitenciario Femenino de San Juaquín

Santiago, Chile

54 nota
57 composição
65 dinâmicas
69 Puente Alto
71 sector de visitas
79 dias de festa

Nota

A matéria desta dissertação tem como motivo próximo a participação num projecto para uma prisão feminina em Santiago, durante o período de mobilidade no Chile em 2015. É comum nos planos de estudo de arquitectura de faculdades chilenas, exigir-se a realização de estágios fora da academia, e com diferentes pressupostos. Nesse sentido, em Agosto de 2015 integrei uma equipa de estudantes de arquitectura, com o intuito de desenvolver um projecto hipotético que alertasse para algumas soluções a materializar caso se reunissem as condições necessárias.

O projecto, proposto por elementos da *Gendarmeria de Chile*[81] que acompanharam a equipa, visava reorganizar e requalificar os espaços e edifícios relacionados com as visitas, nomeadamente: a zona de espera exterior; a entrada e zona de identificação; o percurso exterior; o edifício de revisão; e o ginásio que funcionava simultaneamente como parlatório.[82]

Por ter sido acordada a não publicação e/ou partilha de documentos de carácter confidencial ou que pudessem interferir com as questões de segurança, em particular as cartografias digitais e levantamentos cedidos pelo departamento de engenharia da *Gendarmeria*, neste trabalho apenas se anexaram cartografias de imagem satélite e desenhos ou esquemas simples, de carácter ilustrativo, e sem informação que pusesse em causa o referido.

Complementarmente, esta acção permitiu a realização de uma visita a uma prisão masculina que, por ser mais recente e exibir um nível de segurança superior, poderia ajudar a entender outros tipos de organização e de dispositivos de segurança.

[81] Instituição penitenciária do Chile encarregada da ordem, segurança e reinserção social, comprimento de penas em prisões e protecção dos tribunais de justiça.

[82] O projecto para o sector de visitas foi divido em três zonas de acção que correspondem a três distintos momentos do processo: a portaria (zona de espera exterior, entrada, zona de identificação e percurso exterior) o edifício de revisão e o ginásio.



27 zona metropolitana de Santiago (sudeste)



28 San Juaquín, Santiago

Composição

Com cerca de 620 reclusas, o *Centro Penitenciario Femenino de San Juaquín* (CPF) é o único estabelecimento prisional para mulheres da região metropolitana de Santiago. Está localizado junto de uma área residencial, a poucos metros da estação de metro de San Juaquín e de um Pólo Universitário da Universidade Católica do Chile. A nascente, é limitado pela Avenida Vicunã Mackena, importante eixo que liga o centro a várias *comunas* periféricas a sudeste.

Apesar desta prisão não estar localizada (contrariamente ao que é habitual) numa zona afastada do centro urbano, não há um choque entre os seus limites e a envolvente. Das ruas que circundam o quarteirão, apenas se vê um muro, não excepcionalmente alto, e alguns portões que dão acesso a distintas zonas do complexo.

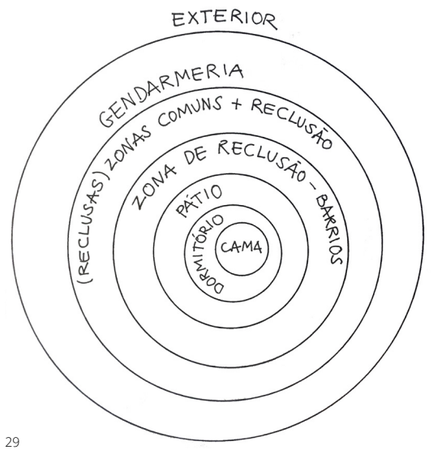
A imagem do CPF afasta-se assim do estereótipo lúgubre de prisão. Facto que talvez se possa atribuir à influência religiosa que ainda hoje se sente no complexo.[83] Com um ambiente relativamente normalizado, os tradicionais dispositivos de segurança e intimidação como arame farpado, altas torres de vigia, ou CFTV, não fazem parte das instalações desta cadeia. Evidenciando que pode ser possível suprimir o complexo aparelho de segurança do qual a generalidade das prisões é dependente. Uma outra razão que justifica esta aparência menos constrangedora e repressiva é a multifuncionalidade do recinto, que para além do Centro Penitenciário engloba as instalações da Direcção Regional Metropolitana da Gendarmeria.

---

[83] Entre 1884 e 1996 a custódia das reclusas esteve a cargo da Congregação das Irmãs do Bom Pastor – entidade religiosa cuja missão se relaciona com a protecção de mulheres e jovens "carentes e feridos pela sociedade", ver http://www.bom-pastor.org

(Em Portugal esta congregação também administrou a prisão de mulheres construída em 1953 – hoje EP de Tires - que só em 1980 transitou da tutela religiosa para a estatal).

Actualmente no CPF ainda existe uma secção de reclusão ligada a programas de ordem religiosa. As missas fazem parte da rotina, assim como o acompanhamento espiritual realizado por algumas freiras que ainda mantêm ligação com o CPF. Recentemente, as instalações foram inclusivamente visitas pelo Papa Francisco (16-01-2018).



29

A composição deste complexo pode ser comparada a uma matriosca, no sentido em que vários circuitos fechados se vão organizando perifericamente a outros. O que significa que quanto mais se entrar nos sucessivos circuitos, mais afastado se está do espaço livre, exterior. A primeira barreira física, limita o espaço da comunidade prisional face ao público geral, definindo assim o que é interior ou exterior. Já intramuros, outra barreira separa as instalações da *Gendarmeria*[84] (às quais as reclusas não têm acesso) dos espaços pertencentes ao quotidiano destas. Um terceiro momento, dissocia as zonas comuns[85] das zonas de reclusão.

As zonas de reclusão estão divididas, por sua vez, em três sectores principais: *barrio alto, barrio bajo,* e secção especial. *No barrio alto* encontram-se as reclusas de melhor comportamento, primárias, trabalhadoras, grávidas e as que se encontrem a frequentar programas religiosos ou, por ingresso voluntário, programas terapêuticos para toxicodependentes. Neste conjunto de alojamentos

[84] Tanto da Direcção Regional Metropolitana como as que dizem respeito ao Centro Penitenciário - administração, escritórios, refeitório, balneários, dormitórios, parque de estacionamento, instalações desportivas, etc

[85] As zonas comuns, referem-se aos espaços partilhados pelas várias comunidades prisionais (reclusos, guardas, staff, voluntários ou visitas). Neste caso, fazem parte das zonas comuns o ginásio (pavilhão polidesportivo onde se realizam múltiplas actividades), a capela onde se celebram regularmente as missas, as oficinas, salas de aula e sector de visitas.

1 interior | exterior

2 DMGendarmeria | CPF

3 zonas comuns | reclusão

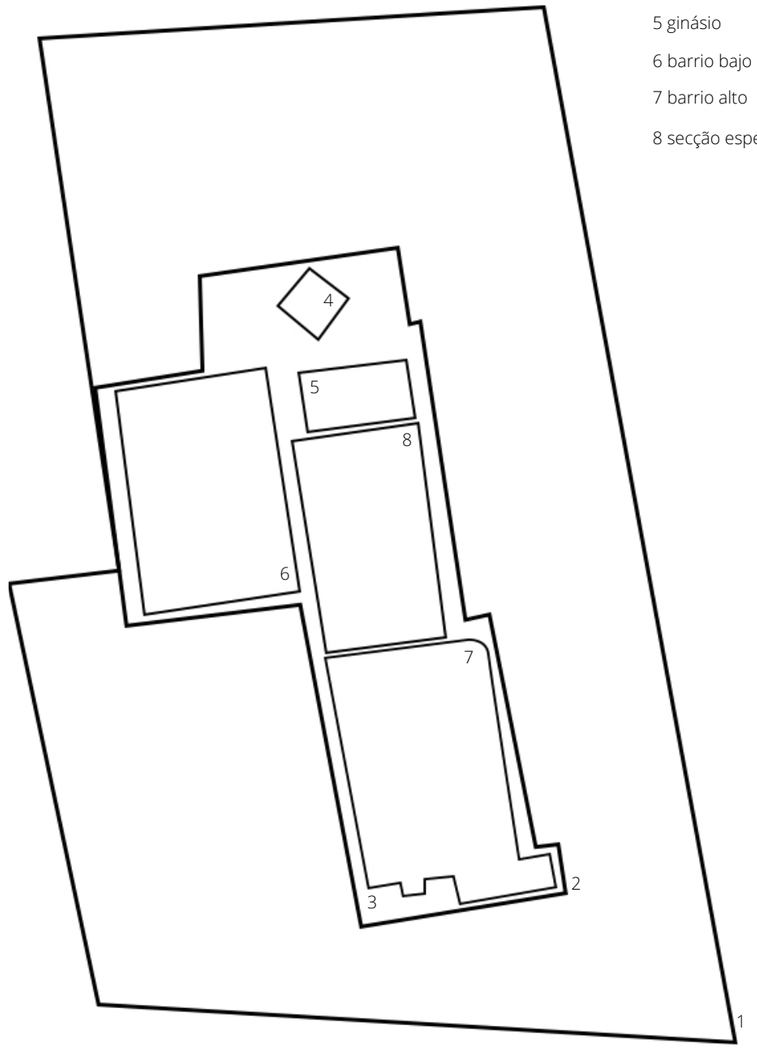
4 capela

5 ginásio

6 barrio bajo

7 barrio alto

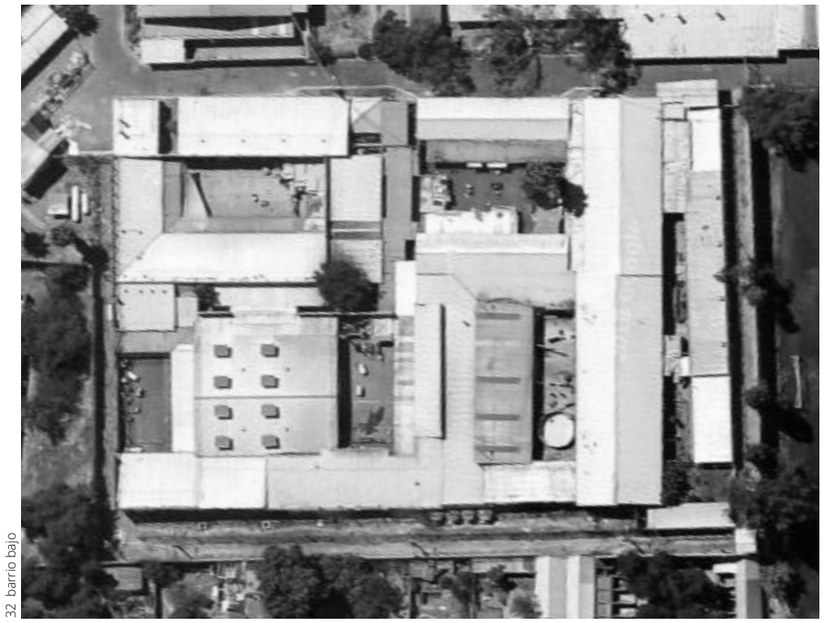
8 secção especial



30



31 Centro Penitenciario Femenino de San Juaquín e Direccion Regional Metropolitana de Gendarmería de Chile, Santiago



32 barrio bajo



33 barrio alto

há mais regalias, posturas mais flexíveis e até benefícios de saídas ao domingo ou fins de semana.[86] É possível, por boa conduta, a transferência do *barrio bajo* para o *barrio alto.* Contudo, verifica-se frequentemente a falta de vontade de cooperar com o sistema, trabalhar ou estudar. Para estas reclusas reincidentes (colocadas no *barrio bajo*) há um estatuto a manter, até para própria protecção e como tal, o acesso a benefícios por boa conduta pode ser um sinal de fraqueza.

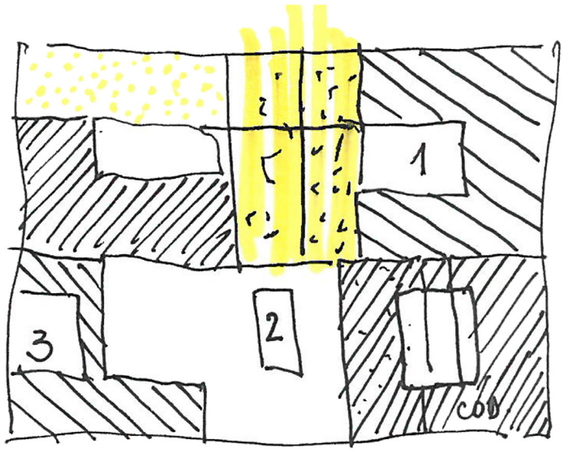
Fora dos *barrios* está a *Cuna* (ala de maternidade onde estão colocadas as mães com filhos até dois anos de idade); a SEAS (secção especial de alta segurança); e a ala de isolamento (equipada com celas individuais onde se cumprem castigos por motivos disciplinares em isolamento).

Dentro dos *barrios*, as reclusas são divididas entre um total de doze alas, denominadas *pátios*. Esta designação, deriva da forma como o conjunto de acomodações que constitui a ala é organizada ao redor de um pátio exterior que a distingue das demais. A colocação em cada *pátio*, é feita consoante as características dos indivíduos – tipo de regime, facha etária, grau de cooperação com sistema, conduta, tipo de crime cometido, duração da pena, programas religiosos, condição de trabalhador, gravidez ou cuidado de crianças pequenas.

Em qualquer dos *pátios*, os alojamentos são em dormitórios com beliches onde pernoitam, trancadas, em média 30 a 40 reclusas. Há ainda instalações sanitárias (geralmente poucas para a taxa de ocupação) uma cozinha, um refeitório, e a zona de lavagem/secagem de roupa.

Por fim, a cama simboliza neste esquema a expressão da individualidade, destacando-se como o único lugar em que pode ser reclamada a posse por um só indivíduo.

[86] Estes *benefícios* traduziam-se muitas vezes em diferentes circunstâncias de acomodação, que poderiam variar desde mobiliário exterior de plástico já claramente desgastado, a mobiliário feito numa actividade de voluntariado de paletes e almofadas. Ou mobiliário próprio para a realização das visitas, por oposição à necessidade de alugar as mesmas cadeiras e mesas de plástico claramente desgastadas, às restantes companheiras. Na impossibilidade de o fazer, os colchões dos beliches eram transportados e utilizados como zona de reunião.



34 pátios, barrio bajo

A estrutura edificada do CPF caracteriza-se essencialmente pelo aglomerado de diferentes edifícios relativamente pequenos que formam algumas massas concentradas, mas dispersas entre si. A sua composição é confusa, pouco clara e com acrescentos que foram sendo realizados à medida que a necessidade o obrigou.

Utilizando o *barrio bajo* como exemplo[87], consegue-se identificar facilmente esta promiscuidade de formas, materiais e linguagens. Não é perceptível uma regra, ou um esquema que sirva de guia e as decisões não obedecem a um plano do conjunto.

Contrariando a tendência das últimas décadas da arquitectura prisional, estas zonas de reclusão não foram construídas de forma *standard*. Tão pouco existe uma repetição das secções ou das alas. Cada *pátio* tem a sua própria proporção e geometria, assim como os dormitórios, cujo posicionamento em relação ao pátio exterior varia de caso para caso. Só no *barrio bajo*, há exemplos de distribuição em «L», em «U» em «O» ou em composições ainda mais complexas, como se pode ver através das imagens 32, 33 e 34.

[87] Embora esta questão esteja replicada por todo o estabelecimento, escolheu-se o barrio bajo para a demonstrar devido à sua organização simplificada, em relação por exemplo ao barrio alto, mais complexo e que tem inclusivamente zonas com dois pisos.

Dinâmicas

Numa primeira fase de abordagem ao projecto, procurou-se dinamizar o máximo de acções que permitissem conhecer o lugar, as pessoas e o quotidiano do CPF. Para tal, realizaram-se visitas regulares de forma a conhecer as instalações, falar com as várias comunidades prisionais, e fazer o levantamento dos espaços correspondentes ao sector de visitas. Paralelamente, foi possível reunir com a administração e corpo de guardas tendo sempre em vista entender, tanto quanto possível, as diferentes dinâmicas do sistema.

No decorrer das visitas realizadas, foi possível conversar com as reclusas de alguns *pátios,* sob vigilância mas sem a interferência dos guardas na proximidade, tanto no *barrio alto* como no *barrio bajo.* A vontade de cooperar, e fazer sugestões não foi unânime, existindo a percepção de que a desconfiança das reclusas aumentava à medida que aumentavam também as restrições do habitar. Com algumas não foi possível corresponder mais do que um cumprimento, sinalizando a estranheza perante os elementos não pertencentes. Outras conseguiram ultrapassar a desconfiança inicial, entendendo que as ideias enumeradas seriam para seu proveito. Algumas quiseram partilhar todo o seu quotidiano. Houve também quem assumisse o papel de líder e incentivasse as outras companheiras a participar, partilhar indicações e indignações. Estas queixas, pareciam tão mais egoístas quanto mais precárias eram as condições de habitabilidade, priorizando o próprio bem estar e necessidades básicas[88] em detrimento de um programa secundário. Pelo contrário, nos *pátios* que tinham essas necessidades garantidas, verificou-se que as preocupações eram essencialmente com as visitas dos familiares.

Esta experiência revela que mais restrições poderá ser sinónimo de uma pior relação com os guardas e maiores preocupações com o bem estar individual, dificultando as interacções sociais. Por oposição, uma maior socialização indica

[88] As indignações relacionavam-se sobretudo com a proibição de comida, ou alguns produtos de higiene e beleza, e não particularmente com os problemas relacionados com as visitas.



35 (esq.) zona de reclusão, CPF 36 (dt) ala de maternidade, CPF



37 (esq.) zona de reclusão, CPF 38 (dt) dormitório, CPF

uma melhor relação com os guardas, um maior respeito mútuo, mais privilégios, e uma maior chance de reintegração.

Já foram enunciadas algumas diferenças de tratamento consoante a categoria a que corresponde cada *pátio*. Nas acomodações da zona de reclusão, a estratégia de funcionamento mantém-se. Uma dessas particularidades diz respeito ao mobiliário exterior dos *pátios*. No *barrio bajo* estes estavam praticamente vazios, com a excepção de uma zona para secar roupa. As reclusas que se encontravam no exterior traziam consigo cadeiras de plástico, visivelmente gastas.[89] No *barrio alto* constatou-se que um dos pátios estava mobilado com objectos feitos a partir de paletes de madeira e almofadas, proporcionando um ambiente bonito, confortável e estimado. Este mobiliário, construído pelas próprias reclusas, integrou uma actividade sociocultural organizada por um programa de voluntariado em meio prisional.

Serve a presente experiência para esclarecer sobre alguns aspectos do contexto prisional. A primeira referência a fazer prende-se com o facto de a população prisional não ser homogénea. Por esse motivo, organizar uma prisão em unidades mais pequenas pode ser útil para estabelecer diferentes regimes, que consagrem também diferentes responsabilidades. Estabelecendo para quem se está a desenhar, podem-se projectar diferentes circunstâncias espaciais que se adaptem a cada regime. Evitando que quem esteja predisposto a seguir as regras do sistema tenha de habitar um lugar predominantemente repressivo e arbitrário.

Por outro lado, a constatação de que um ambiente mais repressivo se repercute em acções mais agressivas, faz reflectir sobre as consequências do princípio de menor elegibilidade.[90]

Verificando-se este pressuposto, não será mais positivo desenhar visando uma mensagem de confiança no processo de ressocialização?

[89] As mesmas que utilizam para as visitas, descritas na nota 86.

[90] *Less eligibility* foi uma política do governo britânico aprovada no *The Poor Law Amendment* de 1834, que especificou medidas para lidar com os indigentes. Este princípio significava que as condições nas casas de trabalho tinham que ser piores do que as existentes em liberdade para o mais pobre dos trabalhadores independentes. Em meio prisional é aplicado para referir condições propositadamente hostis.



39 Comuna de Puente Alto, Santiago



40 Centro de Detención Preventiva de Puente Alto, Santiago

Puente Alto

A visita a uma prisão masculina de Santiago – *o Centro de Detención Preventiva de Puente Alto* – permitiu conhecer uma outra tipologia, cujo funcionamento é significativamente diferente do CPF. Embora não seja de alta segurança, este centro aproxima-se em vários aspectos do estereótipo de prisão, em claro contraste com o exemplo anterior. Um desses aspectos é a sua localização periférica. O Centro de Detención Preventiva de Puente Alto, situa-se muito perto do maior limite da cidade de Santiago, a Cordilheira, e faz parte da *comuna* de Puente Alto, região com mais habitantes da cidade.

No que respeita a estrutura edificada, é um equipamento de construção compacta e concentrada, distribuindo-se a população prisional ao longo de vários pisos dos quatro pavilhões de reclusão. O piso inferior, onde se controlam os acessos, une as *torres* às restantes dependências do complexo. Lamentavelmente, dado o limite de tempo disponível, não foi possível observar estas zonas comuns, nem os espaços exteriores de lazer, limitando-se a visita às zonas de reclusão e instalações para visitantes.

Como no CPF, as acomodações são em dormitórios colectivos com beliches e os indivíduos são distribuídos consoante as suas características. Nos dormitórios, onde pouco cabia para além dos beliches, era permitido ter alguns aparelhos como rádios ou chaleiras. Para garantir alguma privacidade, os beliches tinham cortinas que permitiam isolar o espaço de dormir do restante dormitório. Ainda no gabinete do director que acompanhou a visita, alertou-se para a possibilidade de encontrar ambientes e/ou odores desagradáveis nesta zona das instalações – circunstância que serve para evidenciar a territorialidade subjacente ao meio prisional. Nas *torres*, os reclusos podiam circular livremente sem a presença de guardas, que ocupavam postos de controlo apenas na transição com as restantes zonas do edifício. Apesar de não se ter sucedido nenhuma situação particular, a sujidade dos acessos dentro da *torre*, com restos de comida espalhados pelo chão, contrastava com as zonas comuns.

Centro Penitenciário Femenino de Santiago

Demarcando claramente a zona controlada, com reclusos que trabalhavam nas limpezas supervisionados por guardas; da a zona de reclusão, indisciplinada.

Ao longo do percurso foi explicado pelo director, que a formação profissional e o exercício de uma ocupação eram fortemente encorajados em Puente Alto, havendo a possibilidade de frequentar programas educacionais e alguns trabalhos em diferentes valências. Contudo, existia também a consciência de que inúmeras vezes não é possível envolver todos os indivíduos e que em muitos persiste um estado depressivo provocado em parte pela inactividade. Era assim, bastante frequente permutarem-se os horários, ou seja, dormir durante o dia, altura em que existe um maior controlo por parte do *staff*, e viver de noite. Comportamento que permitia aos reclusos alguma sensação de liberdade e de controlo sobre as próprias vidas.

O percurso de visita em Puente Alto era substancialmente mais complexo e sofisticado que no CPF. Começa de forma semelhante com o gabinete de identificação, onde as visitas são reconhecidas e onde podem deixar os seus pertences. No passo seguinte, as encomendas são deixadas em local específico para serem inspeccionadas, passando as visitas para a sala de revista corporal, onde é realizada um revista pessoal com o intuito de precaver a passagem de objectos proibidos aos reclusos. Esta sala, ao contrário do CPF, está já melhor equipada e preparada para receber crianças.

Ao longo de todo o processo, as visitas são encaminhadas por uma série de dispositivos desde detectores de metais, carimbos visíveis apenas com luz ultravioleta (para confirmar à saída que a visita não trocou de lugar com um recluso) portas giratórias e uma série de postos de controlo e mudanças de direcção no percurso, que impedem uma fuga directa.

Sector de visitas do CPF

O processo de visitas do CPF, programa sobre o qual incide o projecto, divide-se em várias etapas: desde a chegada do familiar, aos diferentes postos de controlo das visitas, aos procedimentos simultâneos de condução das reclusas, encontro entre ambos, e por fim, a saída. Estas etapas, distribuem-se por sua vez, por três principais áreas: a entrada, o edifício de revista e o ginásio – local de encontro.

A entrada é uma zona intermédia, onde já nos encontramos no domínio do privado, mas não no interior da prisão. Na zona central de espera, existe uma cobertura que faz sombra mas não protege da chuva, e uns bancos velhos de jardim. Por uma abertura é possível deixar as encomendas – bens pessoais para as reclusas (como comida ou produtos de higiene) – entregues pela família em dias específicos.

Na hora da visita, forma-se uma fila a partir da porta que conduz à zona de registo, localizada no interior do recinto prisional. Neste espaço, as visitas são identificadas e carimbadas à vez por ordem de chegada, entregando os objectos pessoais que não podem ingressar (como telemóveis ou chaves).[91]

Enquanto as visitas são identificadas, é feita uma chamada para o guarda responsável pelo respectivo *pátio* que avisa as reclusas que têm visitas. Estas, assim que estejam prontas, são conduzidas desde o alojamento até às zonas de revisão, as quais já fazem parte do ginásio. Depois de passarem na revista, entram no ginásio e preparam as acomodações para receber os familiares.

Após o registo no primeiro posto de controlo, as visitas atravessam um espaço ao ar livre até ao edifício de revista que é dividido, como se pode ver na imagem 43, em três zonas: revista de mulheres e crianças, revista de bens e revista de homens. Quando aqui chegam, as visitas formam uma segunda fila e entregam a comida e bens trazidos para serem examinados. Após a indicação de outro guarda, e por ordem de chegada, entram em pequenos grupos para o seu sector respectivo procedendo-se, em simultâneo, à revista corporal.[92]

Depois de passarem este processo, que pode incluir apalpação, detecção de metais e por vezes desnudamento, as visitas percorrem um corredor primeiro interior, depois exterior, que as leva até à entrada do ginásio. Assim que o espaço esteja preparado para serem recebidas, é autorizada a entrada das visitas.

O ginásio é um pavilhão gimnodesportivo do tipo escolar, e desprovido dos equipamentos adequados para as famílias se reunirem. Há contudo, uma divisão com uma banca onde é possível aquecer comida, e dois sanitários que geralmente também servem para lavar a loiça.

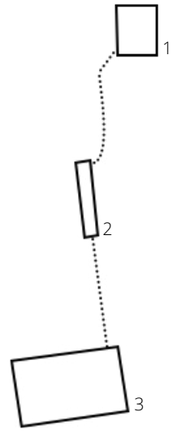
[91] A entrada para o pessoal, por onde a equipa foi encaminhada, é feita pelo portão de automóveis. Novamente existe um contentor onde deixar os objectos pessoais. Seguidamente, entra-se num edifício onde são verificadas as credenciais, e onde é feita a detecção de metais.

[92] Embora neste edifício haja o mesmo número de cabines em ambos sectores, há menos homens do que mulheres e crianças a visitar a população prisional feminina, o que resulta por vezes em tempos de espera desproporcionais entre os dois grupos.

1 portaria

2 sector de revista

3 ginásio





42 Sector de Visitas, CPF

1 entrada

2 zona de espera (exterior)

3 encomendas

4 zona de identificação

5 percurso (exterior) desde a portaria (2,3,4) até ao edifício de revisão (8)

6 zona de espera

7 fila para revisão de bens

8 edifício de revisão

9 percurso desde edifício de revisão (8) até ao ginásio (11)

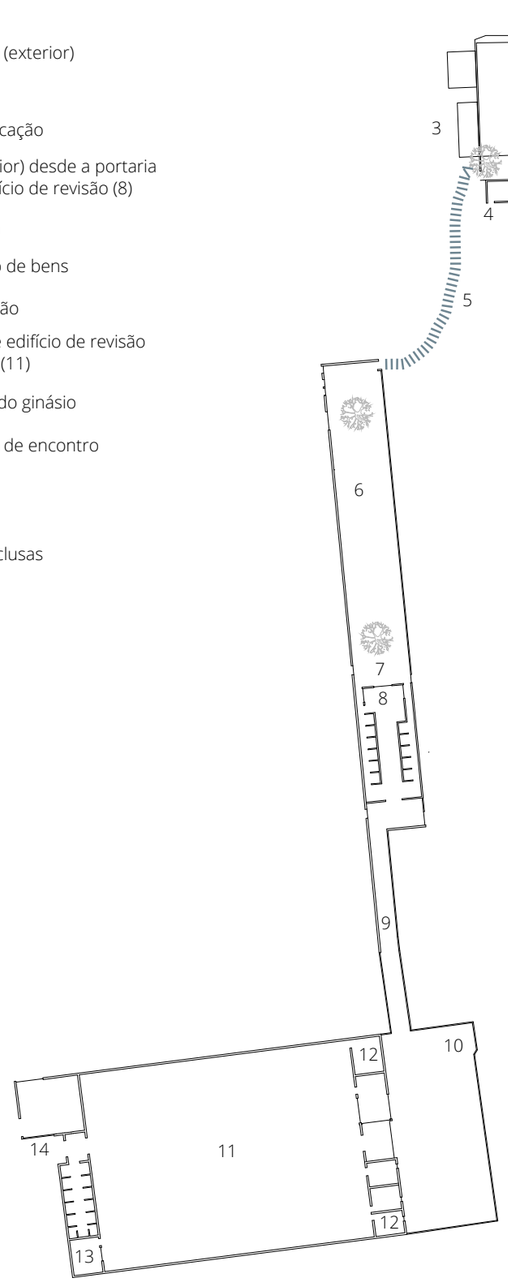
10 zona exterior do ginásio

11 ginásio – zona de encontro

12 sanitários

13 copa

14 entrada de reclusas



43 CPF, esquema do sector de visitas

Tal como para os diferentes regimes de acomodação, as regalias e posturas das visitas são variáveis de acordo com o *pátio* em que cada reclusa está colocada. Se as trabalhadoras têm um pequeno armazém para guardar mobiliário, os *pátios* do *barrio bajo* têm de trazer as suas próprias cadeiras e mesas. No caso de não terem, alugam às companheiras[93] e se o dinheiro não chegar para mesas e cadeiras, trazem os colchões dos beliches. Esta diferença de tratamento foi-nos justificada pela má conduta das reclusas, que provavelmente destruiriam o mobiliário se esse lhes fosse facultado. Por outro lado, a convicção no processo de reabilitação das reclusas trabalhadoras é incentivado através de um certo respeito e confiança na suas capacidades de autonomia. Por sua vez, a resposta correspondente é o sentido de organização e zelo pelo material.

A duração dos processos e tempos de espera que ocorrem ao longo da visita não são cronometrados e variam de acordo com vários factores – fluxo de visitas, ocorrência de incidentes nas zonas de revista, rapidez com que é feita a chamada para a zona de reclusão e prontidão com que se apresentam as reclusas. Caso os processos não aconteçam com celeridade, o tempo é deduzido ao encontro, que termina impreterivelmente à hora marcada.

A saída das visitas e reclusas é feita pelo percurso directamente inverso ao da entrada. Enquanto as segundas são novamente revistadas para garantir que não ingressa nenhum objecto proibido, as visitas percorrem o trajecto de regresso. Este é propositadamente seccionado e lento, com alguns postos de controlo que vão monitorando as visitas e verificando os carimbos. Quando estiver garantida a chegada das reclusas aos pátios, as visitas são então autorizadas a sair pela zona de registo, onde lhes são devolvidos os pertences.

[93] Na prisão tudo se converte em moeda de troca. Cigarros, telemóveis clandestinos, droga, maquiagem, protecção, tudo pode ser vendido ou trocado.



44 ginásio, CPF, visita do Papa Francisco



45 ginásio, CPF, circo de los hermanos González

Dias de festa

Em algumas das visitas realizadas ao CPF, foi possível presenciar outras actividades lúdicas realizadas no ginásio, tais como: torneios de futebol entre reclusas; jogos de equipas da *Gendarmeria*, com diferentes etapas pontuáveis; e dias de festa, nomeadamente a celebração do dia da criança, para reclusas e visitas. Destaca-se este último, pela proximidade de intenções pretendidas para o projecto. Uma das condições entendidas como essenciais, especialmente num centro penitenciário feminino, relaciona-se com os laços familiares e em particular entre mães e filhos. Realçando a importância de pensar soluções que facilitem a difícil experiência de visitar a mãe neste tipo de ambiente mecanizado e invasivo. Nesse dia especifico, o ginásio embora com poucas alterações, parecia ter um ambiente totalmente diferente. Para além das habituais mesas de comida, havia música e um insuflável para as crianças brincarem que alterou completamente o ambiente habitual das visitas.

O dia da visita a Puente Alto coincidiu com o dia de visitas conjugais, e como tal, não foi possível observar a organização do espaço de encontro entre familiares. Ainda assim, foi pertinente verificar como sem pudor e com poucos meios se pode construir improvisadamente um espaço de alguma intimidade – tema importante do projecto. As notas retiradas nesse dia descrevem o observado:

> Chegamos ao ginásio[94] e deparamo-nos com um guarda que controla a entrada das visitas com uma lista. Uma mulher esperava a chegada do companheiro para poder entrar no ginásio com um saco na mão. Ouviam-se várias músicas que tocavam em simultâneo. O guarda explicou-nos que em Puente Alto não existiam acomodações próprias para as visitas conjugais, como tal, cada recluso montava uma espécie de tenda com vários tecidos no interior do ginásio. Estas tendas, umas ao lado das outras, serviam de zona de encontro.

[94] Em Puente Alto a zona de encontro com as visitas também se realiza no ginásio.

2

Tendências

Modelos

85 prisão de West Kimberley, Austrália
89 prisão de Bastoy, Noruega
95 prisão de Halden, Noruega
97 prisão de Leoben, Áustria
101 prisão de Storstrøm, Dinamarca



46 espaço exterior, zona de reclusão, prisão deBastoy, Noruega



47 prisão de West Kimberley, Austrália



48 zonas comuns, prisão de West Kimberley



49 espaço recreativo, prisão de West Kimberley

West Kimberley

Em Fevereiro de 2017 as estatísticas australianas demonstravam que a probabilidade de um cidadão aborígene ser detido era 14 vezes superior face a um cidadão não-indígena.[95] Apesar de uma série de programas que têm sido postos em prática, para tentar prevenir a continuação deste paradigma, a população prisional aborígene continua a ser expressiva. *"Os povos aborígenes representam apenas cerca de 3% da população da Austrália Ocidental (WA). No entanto, constituem sistematicamente quase 40% da população prisional adulta."*[96]

Tendo em conta este factor, foi desenvolvido um projecto de uma prisão com o intuito de responder ao conjunto complexo de necessidades desta comunidade. *"O projecto é baseado no conhecimento de que as acomodações de uma prisão precisam de ser flexíveis, culturalmente apropriadas, consigam promover a interacção humana, e permitir que os reclusos indígenas permaneçam conectados à terra, aos seus parentes e à sua comunidade."*[97]

Projectada em parceria pelos arquitectos TAG e Iredale Pederson Hook, West Kimberley foi construída num terreno de 25 hectares. O complexo tem uma lotação de 150 reclusos, dos quais 120 são homens e 30 mulheres, e é constituído por 42 edifícios. Destes, 22 são unidades de habitação e os restantes organizam os programas comuns como um centro médico, um pequeno tribunal, cozinha e lavandaria, áreas para as visitas, áreas para os serviços prisionais e áreas para desenvolvimento vocacional e educacional. Este programa tem ainda algumas particularidades, como por exemplo, áreas destinadas a encontros culturais e um programa de anciães.

Embora o projecto tenha partido da necessidade de responder às circunstâncias específicas que caracterizam a população prisional aborígene da Austrália, há

---

[95] WAHLQUIST, Calla – Indigenous incarceration: turning the tide on colonisation's cruel third act. *The Guardian*. [online] 2017

[96] *in* Prisions. ed. Kyle May. 2014 p.119 "Aboriginal people represent only about 3 percent of Western Australia's (WA) population. Yet they consistently comprise close to 40 percent of the adult prison population."

[97] GRANT, Elizabeth –West Kimberley regional prison. *Architecture Australia*. [online] 2013 "The design is founded on the knowledge that prison accommodation needs to be flexible, culturally appropriate, promote human interaction and enable Indigenous prisoners to remain connected to their kin, land and community."



50 unidade de reclusão, prisão de West Kimberley



51 unidade de reclusão, prisão de West Kimberley



52 interior de uma unidade de reclusão, prisão de West Kimberley

algumas estratégias e atitudes que merecem análise e que podem ser facilmente aplicadas noutros contextos.

A entrada no estabelecimento é feita através de um único portão, cujo desenho contrasta com a típica entrada prisional austera. Os edifícios tem uma escala doméstica, são leves e não contemplam grandes elementos de segurança visíveis. De forma semelhante a cerca exterior demonstra a consciência da necessidade de dissimular os símbolos do encarceramento – *"à distância (...) o tratamento galvanizado da barreira faz com que esta quase desapareça na luz cintilante de Kimberley, ao mesmo tempo que as vistas cuidadosamente planejadas e os elementos naturais a escondem em muitos ângulos."*[98]

O complexo foi projectado como um campus e revela a preocupação de localizar os edifícios com instalações comuns perto da entrada, de forma a minimizar as distâncias percorridas pelas visitas e staff, e aumentar a percepção de um ambiente receptivo e não institucional. Outro aspecto importante prende-se com a cor e a materialidade dos edifícios, que é influenciada pelas cores do lugar. Para reforçar a envolvente e a importância da natureza, foram criados inúmeros jardins, pátios e percursos, em todos os espaços intersticiais entre edifícios.

As unidades de habitação, seguem os mesmo princípios, sendo que cada unidade pode acomodar entre 6 a 8 pessoas. Para além dos *quartos*[99], dispõem de uma área comum central, uma cozinha, sala de jantar e casas de banho. Esta tipologia, que incentiva a vida em colectividade, favorece as capacidades de comunicação, negociação e interacção social necessárias para a vida em liberdade. Viver nestas pequenas unidades também permite um maior controlo sobre o ambiente mais imediato – circulação do ar, temperatura, iluminação e privacidade.

Outro aspecto importante deste projecto é a distinção dos edifícios consoante o nível de segurança, que pode ser mínimo, médio ou máximo. Em regime de

[98] HOBBS, Peter – West Kimberley regional prison. *Architecture Australia*. [online] 2013 "From a distance (...) the galvanized treatment of this barrier almost disappears in the shimmering Kimberley light, while carefully arranged close views and planting hide this fence from many vistas."

[99] Considera-se que o termo cela pouco tem a ver com esta tipologia, dada a liberdade para entrar e sair em qualquer horário e o carácter pessoal e individual atribuído a este espaço.

segurança mínima, as habitações têm *quartos* tanto individuais como partilhados e uma espécie de alpendre onde, dado o contexto cultural desta população prisional, também é permitido dormir. Embora os edifícios estejam encerrados durante a noite, neste regime os reclusos podem aceder a todas as zonas comuns. Pelo contrário, as celas de segurança máxima estão equipadas com instalações sanitárias e permanecem trancadas durante a noite.

Com os edifícios encerrados, a vigilância neste horário é feita exclusivamente a partir do exterior das habitações, o que reforça o contacto informal que existe com os guardas. *"Reclusos e guardas caminham juntos pelo terreno.* (...) *Isso levanta outra grande conquista deste projecto: a habilidade com que estes edifícios foram normalizados e a segurança da prisão, tão opressiva para a alma, foi tornada invisível."*[100]

[100] HOBBS, Peter – West Kimberley regional prison. *Architecture Australia.* [online] 2013 "Prisoners and prison officers walk the grounds together" "This raises another great achievement of this project: the skill with which these buildings have been normalized and the prison security, so oppressive to the soul, has been made invisible."

Bastoy

Comparando Bastoy com o exemplo anterior, verifica-se que neste caso a actuação da arquitectura está mais diluída numa atitude global, em que todos os componentes que interferem com a vida prisional trabalham em conjunto no sentido de uma reintegração real na sociedade. Ainda assim, insiste-se que sem um bom esqueleto de instalações, não seria possível providenciar todas as actividades, programas, condições de habitabilidade e ambiente saudável, que fazem desta prisão um exemplo *que prova que tratar os reclusos como seres humanos funciona.*[101]

Fundada em 1982, esta prisão está localizada na ilha de Bastoy, pertencente aos fiordes de Oslo, na Noruega. Dos 2,6km^2 de terreno só uma pequena praia é de acesso público, e vedada aos reclusos. Os restantes limites deste equipamento são impostos apenas pela transição de materialidade terra/mar, não existindo muros, nem cercas, nem arames farpados nas imediações.

Com cerca de 80 edifícios e uma lotação reduzida de 115 reclusos, esta prisão-ilha está organizada como uma pequena comunidade[102] onde todos têm um papel importante para o seu funcionamento. Cada recluso tem um trabalho: este pode ser tanto na gestão da comunidade e dos seus recursos, como no exterior de Bastoy, regressando no fim do horário através de um ferry (onde também há postos de trabalho para reclusos). Fora do horário de trabalho, as instalações desta prisão permitem ainda uma série de actividades e circunstâncias que não costumam fazer parte de um espaço desta natureza, tais como: pescar, andar de bicicleta ou a cavalo, desfrutar da praia no verão, praticar desportos como esquiar, corrida ou ténis, usufruir de um ginásio, campo de jogos, sauna e biblioteca, tocar instrumentos numa banda de blues, atender cerimónias religiosas, frequentar cursos e aulas, tudo num regime de livre circulação.

[101] DREISINGER, Bas – Norway Proves That Treating Prison Inmates As Human Beings Actually Works. *Huffington Post.* [online] 2016
[102] *in* http://www.bastoyfengsel.no/English/ "The prison is organized as a small island community"



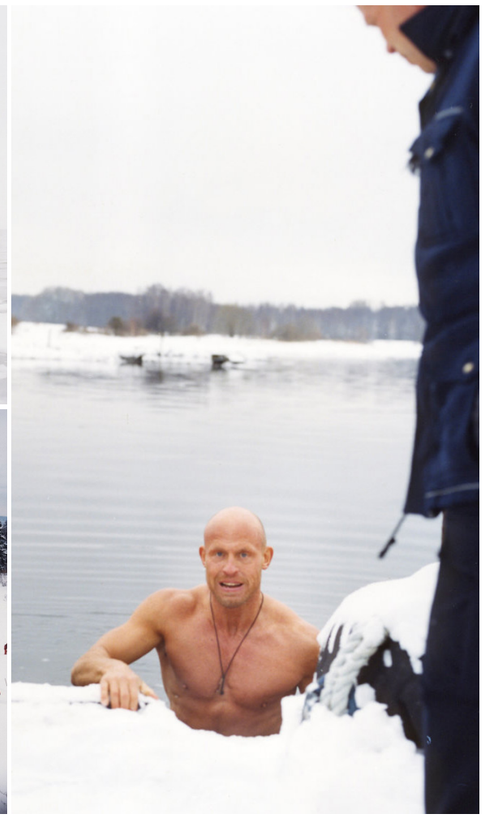
53 Ilha de Bastoy, Noruega



54 prisão de Bastoy



55 e 56 prisão de Bastoy



Aqui a preparação para a vida em liberdade é um desígnio sério e passa também pela práxis social e colectiva. Estas são incentivadas através do trabalho em comunidade e das actividades nas horas livres já referidas, pelo contacto com a natureza e os animais[103] e pelas as condições do habitar. Em Bastoy, (tal como em Kimberley) os reclusos estão subdivididos em pequenas habitações onde podem usufruir da privacidade do seu próprio *quarto*, partilhando apenas as áreas comuns. Estas habitações podem acomodar até seis pessoas, existindo ainda uma maior, organizada de forma semelhante a uma residência universitária.

Embora seja de baixa segurança, nesta prisão podem-se encontrar reclusos condenados por todo o tipo de crimes, desde crimes violentos como homicídios e agressões sexuais, a crimes de colarinho branco ou relacionados com droga. No entanto, só estão aptos a candidatarem-se a uma vaga, os reclusos que já tenham cumprido a maior parte da pena noutro estabelecimento prisional e tenham por cumprir menos de 5 anos. Seguidamente, é feito um rigoroso processo de seriação onde se procura valorizar essencialmente a motivação dos reclusos candidatos para viver uma vida lícita após a saída em liberdade. Ainda que se possa argumentar que uma parte do sucesso se deva a estas condições optimizadas e à possibilidade de escolher os reclusos – as quais muitas prisões não têm – não se pode por outro lado ignorar os baixíssimos índices de reincidência, e os praticamente inexistentes conflitos violentos.

Neste sentido, o trabalho e a conduta dos guardas são fundamentais. Segundo Arne Kvernvik Nilse, director de Bastoy até 2013, estes desempenham um papel tanto de guardas prisionais como de assistentes sociais, acreditando no seu trabalho e nos métodos utilizados e sabendo a diferença que estes podem fazer.[104] A formação é imprescindível. Sendo necessário três anos de formação para se ser guarda prisional na Noruega.[105]

---

[103] Em Bastoy, a agricultura e a ecologia fazem parte da filosofia da comunidade. Em particular, a criação de animais que também tem uma função social, ensinando empatia. DREISINGER, Bas. op. cit., "Agriculture is a big part of our philosophy. We are humane, ecological. Animals have a social function too, teaching empathy. Everyone works the land."

[104] JAMES, Erwin – Bastoy: The Norwegian prison that works. *The Guardian*. 2013

[105] JAMES, Erwin. op. cit.



57 (esq) reclusos e os cavalos da prisão de Bastoy
58 (dt) unidade de reclusão, prisão de Bastoy



59 espaço exterior e unidades de reclusão, prisão de Bastoy



60 oficina de reparação de bicicletas, prisão de Bastoy

Outra das políticas defendidas pelo staff desta instituição, é a de que o respeito que se dá aos reclusos faz com que estes respondam respeitando-se a si mesmos, aos outros e à comunidade. Considerando ainda, que o dia-a-dia numa prisão deve ser o mais próximo possível do quotidiano normal vivido em liberdade. *"Em prisões fechadas, os reclusos são tratados como 'animais ou robôs' (...) movendo-se de um lugar ao outro de forma planeada, sem escolha. Aqui, os reclusos são forçados a fazer escolhas – a aprender a serem pessoas melhores."*[106]

Para alguns indivíduos, depois de cumprir a maior parte da sentença num sistema de automatização e absoluto controlo, a transição para uma rotina onde é da responsabilidade individual cumprir e estabelecer horários, comparecer no trabalho, cozinhar a própria comida, fazer escolhas e gerir o tempo livre, pode ser complicada. Contudo, esta faz parte do compromisso estabelecido, assim como a frequência de seminários de práticas anti-violência e se necessário, anti-droga.

Todos estes critérios caminham em direcção à normalidade. Embora continuem a existir regras rigorosas (trabalho das 8:30 às 15:30 e cinco contagens por dia, p.e) a liberdade e responsabilidade conferidas ajudam no processo de reintegração na sociedade. Estas realizações dependem significativamente de uma opinião púbica que é favorável a um sistema mais humano e pedagógico e que apoia este tipo de sistemas.

[106] SUTTER, John D. – Welcome to the world's nicest prison. *CNN*. [online] 2012 "In locked-down prisons, inmates are treated 'like animals or robots' (...) moving from one planned station to the next, with no choice in the matter. Here, inmates are forced to make choices – to learn how to be better people."



61 maquete da prisão de Halden, Noruega



62 graffiti de Dolk, pátio da prisão de Halden



63 espaço verde exterior, prisão de Halden

Halden

A 100km de Oslo, numa área florestal, está localizada a prisão de alta segurança de Halden. Desenhada em colaboração pelos HLM arkitektur e pelo gabinete de arquitectura Erik Møller Arkitekter, foi projectada com o objectivo de se aproximar o mais possível ao mundo exterior, estabelecendo um modo de vida baseado na responsabilidade e na autodeterminação. "*A reabilitação é a base do processo de desenho. Todos os aspectos do estabelecimento foram projectados para aliviar pressões psicológicas, mitigar conflitos e minimizar atritos interpessoais.*"[107]

Este projecto é mais um exemplo que se serve de uma organização fragmentada, encorajando a circulação entre pavilhões e pelo exterior. O edifício tem uma escala moderada, não intimidante, notando-se um esforço tanto no que diz respeito à forma como à escolha dos materiais para limitar os efeitos de exclusão e desenhar uma estrutura que se distancia o mais possível do estereótipo de estabelecimento correccional. Como em West Kiberley, esta selecção foi feita de acordo com a envolvente, relacionando a materialidade da alvenaria, da madeira, e do aço galvanizado com os tons da natureza, e balançando a sensação de tensão e disciplina com um espírito de confiança e liberdade.

Apesar de não estar implantada numa ilha, existiu uma vontade semelhante à de Bastoy, de minimizar o impacto dos dispositivos de segurança – não há arame farpado, nem cercas eléctricas, nem torres de vigilância com atiradores. A separação com o exterior é feita exclusivamente pelo alto muro com uma terminação cilíndrica, cuja presença é atenuada através da sua forma curva, dos elementos naturais, e da expressão artística, que com humor pontua várias superfícies do complexo.

Estas intenções repetem-se de forma idêntica no interior, onde também se procurou eliminar os dispositivos tradicionais de segurança (grades, portas blindadas, etc) que face aos avanços tecnológicos actuais são facilmente substituíveis. No que diz respeito aos materiais, cores, texturas e mobiliário, a escolha foi feita no

[107] BENKO, Jessica – The Radical Humaneness of Norway's Halden Prison. *The New York Times Magazine*. [online] 2015 "rehabilitation became the underpinning of its design process. Every aspect of the facility was designed to ease psychological pressures, mitigate conflict and minimize interpersonal friction."



64 e 65 materiais da fachada, prisão de Halden



66 (esq.) cela, prisão de Halden 67 (dt.) loja, prisão de Halden



68 (esq.) zona de estar, Halden 69 (dt.) corredor, Halden

sentido de potenciar um ambiente mais doméstico (menos institucional), proporcionar conforto e aumentar os estímulos sensoriais.

Halden foi construída para uma lotação de 250 reclusos, subdivididos em unidades de habitação para aproximadamente 10 indivíduos. Estas, para além das celas individuais (equipadas com mini frigorífico, e instalações sanitárias) têm ainda uma cozinha, espaços de refeição e espaços de lazer comuns, promovendo a organização de actividades de lazer colectivas. Há no entanto, uma ala mais restrita onde estão colocados os reclusos que necessitam de maior atenção psicológica ou médica, ou cujos crimes os tornariam impopulares nas outras alas.

Para além dos pavilhões de reclusão, workshops, e espaços de formação, o programa desta prisão inclui uma cozinha "laboratório" (onde se desenvolvem cursos relacionados com restauração e noções básicas de nutrição e culinária); um estúdio de gravação musical; e uma secção de visitas, com instalações semelhantes a uma habitação normal para encontros com os familiares.

Leoben

A prisão austríaca de Leoben, desenhada pelo arquiteto Josef Hohensinn em 2004, tem a particularidade de estar inserida na cidade e ter a aparência de qualquer outra arquitectura civil, comprovando que esta solução também pode ser possível. O primeiro contacto desde o centro urbano é com o edifício do tribunal, que apresenta uma fachada envidraçada e múltiplos pisos, reforçando a ideia de transparência e imponência que deve estar subjacente à justiça. Nas traseiras deste, encontram-se as instalações da prisão de segurança mínima, projectada para uma lotação de 125 reclusos. O jardim e espaços desportivos atuam como filtro entre os reclusos e a parede limite, tendo sido desenhados de forma a impedir, simultaneamente, qualquer contacto proibido entre o interior e o exterior.[108] As quatro alas que totalizam a prisão de Leoben seguem um esquema semelhante às de Halden, acrescendo uma varanda por secção e um pátio exterior. A circulação dentro destas alas é livre e a deslocação para os espaços de formação, educação e trabalho é feita de forma independente.

[108] Hohensinn Archikectur, Justizzentrum Leoben *in* http://www.hohensinn-architektur.at







70 (esq.) prisão de Leoben 71 e 72 (dir.) pátio, prisão de Leoben, Áustria



73 (esq.) pátios, prisão de Leoben







74, 75 e 76 cela, prisão de Leoben



77 zona comum de uma da ala, prisão de Leoben





78 (esq) varanda de uma ala, prisão de Leoben
79 dt) zona comum de uma ala, prisão de Leoben



80 vista aerea, prisão de Storstrøm, Dinamarca



81 edifício ocupacional, prisão de Storstrøm





82 (esq) Storstrøm: 83 (dt) edifício de reclusão, Storstrøm

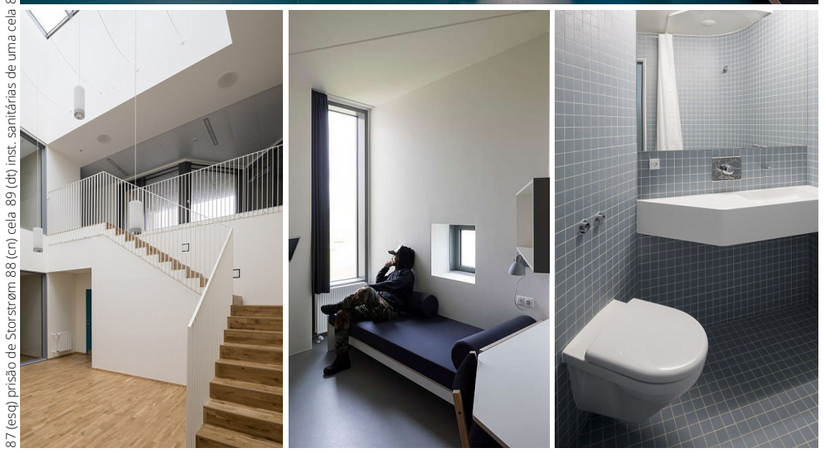

Græsning
Eksisterende Sø
Stormpark
Stormpark
Stormpark



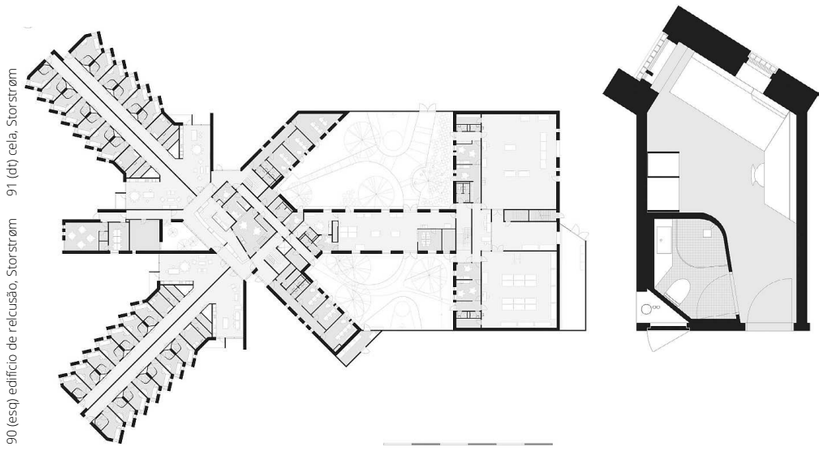
85 zona comum de duas alas, prisão de Storstrøm



86 zona comum de uma ala, prisão de Storstrøm



87 (esq) prisão de Storstrøm 88 (cn) cela 89 (dt) inst. sanitárias de uma cela



90 (esq) edifício de relcusão, Storstrøm 91 (dt) cela, Storstrøm

ambiciosos do que o produto final, onde apesar da abundância de zonas naturais se nota menos diversidade de elementos.

O layout utilizado, semelhante ao de um campus universitário, apresenta-se como uma boa solução, pois permite contrariar a tendência das tipologias concentradas. Esta dispersão dos edifícios pelo terreno, clarifica a organização do complexo hierarquizando diferentes funções. Assim, no centro da composição posicionaram-se o edifício ocupacional e o *centro cultural*, rodeados pelos pavilhões de reclusão e serviços. Coerentemente, o tratamento das fachadas destes edifícios de excepção destaca-se dos restantes, reforçando assim o seu carácter formador.

O programa inclui ainda a portaria, um edifício para o staff, uma unidade de visitas e 5 pavilhões de reclusão, dos quais um de segurança máxima, separado e cercado por um segundo muro. De cada edifício de reclusão, irradiam do corpo principal 4 alas – 2 por piso – cada uma com cerca de 13/14 celas. Por cada 7 celas, há ainda uma kitchenette e uma zona de refeições que os reclusos podem usar livremente.

Como se trata de uma prisão de alta segurança, e apesar de alguma liberdade de movimento, foram desenhados espaços seguros para o staff e vias de evacuação. Como principais dispositivos de segurança, foram instaladas 300 câmaras de CFTV e a parede exterior, com cerca de 6 metros de altura.



92 Projecto 21st Century Prison

Nota

"Não há formulas óbvias de desenho, nem certezas de que o que funciona em um local funcionará noutro, ou com culturas diferentes."[110]

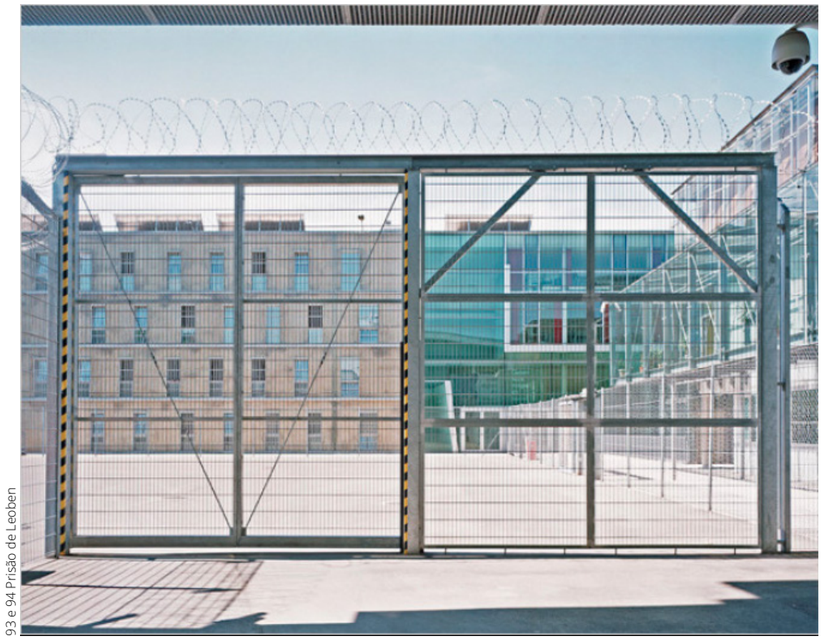
Contudo, é possível identificar algumas premissas/requisitos básicos que devem existir na maioria das prisões, mesmo em diferentes tipos de estabelecimentos prisionais e/ou contextos. Por este motivo procurou-se, através dos modelos referidos anteriormente e de algumas reflexões, entender quais são essas estratégias de desenho, que podem ajudar a potenciar a construção de um ambiente mais inclusivo e mais de acordo com a função formadora da prisão.

[110] FAIRWEATHER, Leslie – *Psychological effects of prison environment* p.31 *in* FAIRWEATHER, Leslie e MACCONVILLE, Séan. op. cit.

Contributos do desenho

104 nota
107 localização
109 integração na envolvente e comunidade
111 espaço de visitas
112 imagem
113 práticas sustentadas em pesquisa
117 dimensão
116 segurança e supervisão
117 layout e disposição espacial
118 supervisão directa
119 efeito da tecnologia
121 ambiente institucional vs residencial
123 cor | odor | conforto térmico
125 acústica | exterior
127 luz | mobiliário | materialidade | textura
129 celas vs dormitórios
131 programas e actividades
131 ambiente social





93 e 94 Prisão de Leoben

Escolher a localização de uma prisão é de suma importância. Embora se compreenda que estas estejam situadas geralmente nas periferias por razões de contenção de custos, não devem nunca estar demasiado isoladas. Preferencialmente, devem estar junto dos centros populacionais.

> *As prisões precisam de staff; os reclusos precisam de deslocar-se aos tribunais; os advogados precisam de visitar os seus clientes; as prisões dependem dos serviços da comunidade desde a recolha de lixo aos serviços de saúde; as famílias precisam de fazer visitas.*[111]

[111] WALL, Imogen – Architecture and prison: why design matters. *The Guardian.* [online] 2016 "prisons need staff; prisoners need to attend courts, lawyers need to see their clients; prisons depend on community services ranging from rubbish collection to health services; families need to visit."



95, 96 e 97 sala de visitas, prisão HM Standford Hill, Inglaterra

Para tal, a proximidade com zonas de residência é essencial, assim como garantir uma boa rede de transportes que as possa conectar com a prisão. Uma integração não só com o espaço envolvente, como também com a vizinhança para a qual o recluso vai ser libertado, terá sem dúvida efeitos positivos. Sobretudo quando a comunidade local está disposta a envolver-se em actividades, e a participar da rotina diária da prisão. Assim, apesar da necessária separação com o exterior, e enquanto instituição pública e de carácter social, esta deve ser o menos intimidante possível de forma a incentivar o contacto frequente com a comunidade.

Algumas estratégias como uma entrada convidativa, espaços que sejam *user-friendly*, abundância de luz natural e ventilação, temperatura e odores agradáveis, influenciam a percepção tanto das visitas, como dos voluntários, e até do *staff*, diminuindo o estigma associado à prisão.

Deve haver ainda, um cuidado acrescido com a zona de visitas. As visitas podem ajudar a motivar confiança tanto nos reclusos como nas famílias. São importantes para a moral dos reclusos e influenciam o processo de ressocialização. Porém, uma má visita pode gerar más reacções: *"existe um grau considerável de nervosismo e ansiedade por parte de muitos visitantes, assim como um manifesto entusiasmo por parte das crianças."*[112] Como tal, é importante que haja um espaço de recepção e espera, onde as crianças possam brincar, e onde os adultos possam ter acompanhamento de assistentes sociais para esclarecer dúvidas. Um espaço com mobiliário confortável, instalações sanitárias, bem iluminado e decorado com cores vivas.

As salas de visita devem ser desenhadas segundo os mesmo requisitos, excepto em situações excepcionais de comportamento violento. *"Dentro dos limites de segurança, todos os esforços devem servir para providenciar um ambiente relaxado para as famílias e amigos se encontrarem com os reclusos."*[113]

[112] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.36 "There is a degree of nervousness and anticipation on the part of many visitors, plus excitement from the children."

[113] ibid. p.36 "Within the bounds of security, every effort should be made to provide a relaxed atmosphere for families and friends to meet with inmates."



98 Entrada, prisão de Halden



99 fachada da prisão de Mas d'Enric, Espanha



100 fachada principal do complexo de Leoben

Em qualquer edifício, a arquitectura transmite uma mensagem silênciosa Esclarece sobre o que se pode esperar, e quais os limites aceitáveis do comportamento.[114] As prisões não são excepção. Se a percepção do ambiente é tão determinante como o ambiente em si, num edifício prisional, deve existir a preocupação de reflectir uma mensagem de confiança no processo de reabilitação. Uma imagem que procure espelhar o valor das pessoas, o respeito e a convicção de que através do desenvolvimento de ferramentas sociais e vocacionais é possível ultrapassar os erros do passado e criar um futuro mais construtivo. *"A ideia é a de que, se os reclusos forem tratados como seres humanos autónomos e responsáveis (ainda que num ambiente controlado e administrado) é mais provável que eles ajam em concordância."*[115]

Não se pretende, no entanto, descuidar os aspectos relativos à segurança; o público precisa de ser assegurado do funcionamento da justiça e isto também deve estar explícito no desenho do edifício. Contudo, segurança e justiça não significam necessariamente austeridade ou mais barreiras entre a vida no interior da prisão e o contacto com o exterior. *"É preciso encontrar um equilíbrio entre os requisitos de segurança e as consequências negativas de um ambiente demasiado opressor, que pode resultar numa reacção hostil por parte dos reclusos e numa resposta negativa do público."*[116] Evitar um *design* rígido e institucional (que frequentemente desperta comportamentos agressivos contra o espaço) tanto no interior como no exterior, pode reduzir o *stress* e o trauma provocado pela remoção abrupta da sociedade.

Simultaneamente, algumas *"pesquisas realizadas em espaços que eliminaram os símbolos do encarceramento e que tentaram alcançar um ambiente mais humano e normalizado, demonstraram* [que estas alterações] *são eficazes e contribuem para múltiplos resultados positivos."*[117]

---

[114] WALL, Imogen. op.cit., ""Architecture sends a silent message to everyone walking into any place. It tells you what to expect and where the limits of behaviour are"

[115] KRUEGER, James e MACALLISTER, John A – How to design a prison that actually comforts and rehabilitates inmates. *Fast Company*. [online] 2015 "The idea is that if you treat inmates as autonomous and responsible human beings (albeit within a controlled and managed environment), they will be more likely to act accordingly."

[116] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.47 "There has to be an appropriate balance between the requirements of security and the adverse consequences of an over-oppressive atmosphere, which can lead to a hostile reaction from the inmates and a negative response from the public."

[117] ibid. p.47 "research in settings that have eliminated the symbols of incarceration and attempted to achieve a more normal and humane environment has shown that this is effective in contributing to a variety of positive results."

Nesse sentido, é necessário em primeiro lugar, substituir a imagem estereotípica intimidante, por uma aparência mais normalizada, moderna e orientada para o cidadão. Que se possa assemelhar com qualquer outra arquitectura civil e pública e que tenha para o efeito uma escala apropriada.

Quando se pretende desenhar uma prisão, como com qualquer outro edifício de carácter social é necessário ter em conta estudos e pesquisas que possam informar o desenho. Neste caso, faz ainda sentido, incluir estudos de algumas tipologias que mantêm pontos de interesse comuns, nomeadamente aquelas a que Erving Goffman se refere como *total institutions*.[118] Existem inúmeras pesquisas conduzidas em instituições com configurações em vários aspectos semelhantes às de uma prisão e que procuram medir a relação entre o ambiente/espaço e o comportamento; orientando o impacto das decisões de projecto.

"A industria da saúde, já aderiu há muito tempo ao crescente conjunto de dados que suporta a ideia de que a arquitectura e o ambiente construído podem ter um impacto significativo no bem estar e na performance humana."[119] Hospitais, edifícios para o tratamento e terapias, edifícios destinados ao ensino, reformatórios, prisões, todos podem usufruir das orientações da psicologia comportamental e de *"pesquisas científicas (...) que demonstram a influência de ambientes saudáveis na redução da frequência e gravidade de comportamentos anti-sociais, de violência, e na atenuação do stress e da ansiedade."*[120]

Um exemplo do que se pretende aqui ilustrar, é o projecto Las Colinas Detention & Reentry Facility, em San Diego. Os arquitectos James Krueger and John. A. MacAllister, responsáveis pelo projecto, explicam que foram utilizadas *"pesquisas cientificamente comprovadas de como a luz, a cor, os materiais, as texturas, a qualidade do ar, a acústica e o acesso ao meio natural, afectam o bem estar mental e físico, informando as decisões de desenho"*[121] em todo o projecto.

[118] GOFFMAN, Erving – *Manicómios, prisões e conventos.* 2003 em particular o capítulo "*As Características das Instituições Totais*" p.13-108

[119] KRUEGER, James e MACALLISTER, John A. op. cit., "The health care industry has long embraced the growing body of evidence supporting the idea that architecture and the built environment can have a significant impact on well-being and human performance."

[120] LÓPEZ, Marayca – How to build for success: prison design and infrastructure as a tool for rehabilitation. *Penal Reform International.* [online], 2014 "scientific research (...) which demonstrate the influence of healthy environments in reducing the frequency and severity of anti-social behaviors and violence, and in mitigating stress and anxiety."

[121] KRUEGER, James e MACALLISTER, John A. op. cit., "scientifically-proven research on how light, color, materials, texture, air quality, acoustics and access to nature affect mental and physical well being to inform design decisions throughout."

Apesar das divergências de opinião no que respeita a lotação e consequente dimensão ideal de um equipamento prisional, não se pode negar a importância do tamanho para garantir o equilíbrio entre as medidas restritivas de liberdade e uma quantidade apropriada de actividades e tratamentos. Caso exista uma desproporção no sentido da restrição, os reclusos podem sentir-se alienados, afastando-se das condutas que permitem o regresso a uma vida lícita. Há também, por outro lado, *"consideráveis efeitos psicológicos nos reclusos e no staff quando a instituição é demasiado grande, fazendo com que os indivíduos se sintam abafados e intimidados pelo seu tamanho e escala"*[122] paralelamente, *"pesquisas baseadas em evidências mostram que espaços grandes e lotados aumentam a sensação de isolamento e ansiedade."*[123]

Embora seja recorrente ceder-se à tentação de projectar grandes complexos prisionais, por uma questão de redução de custos, um equipamento prisional não deveria ultrapassar os 600 lugares.[124] Quanto mais pequeno o edifício, mais fácil se torna de gerir, programar actividades, proporcionar trabalho e oferecer tratamento. No fundo, a pequena escala permite que exista uma atenção mais focada no indivíduo.

Assim, a maioria das recomendações apontam para uma escala correspondente a 300-400 reclusos. Acima deste tamanho, é frequente existir uma maior regimentação e uma excessiva concentração em rotinas; anonimato; e uma imagem que tende sucessivamente para a rejeição e segurança opressiva.[125]

Neste sentido, é importante que o tamanho permita que o *staff* (não somente os guardas, mas a administração, assistência social, pessoal médico, etc) conheça os reclusos pessoalmente, as suas personalidades, defeitos, virtudes, histórias, necessidades e dificuldades, de forma a desenvolver relações pessoais que permitam identificar a melhor maneira de lidar com cada pessoa individualmente.

[122] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.37 "There is also a considerable psichological effect on inmates and staff if the institution is too large and individuals feel swamped and intimidated by its sheer size and scale."

[123] LÓPEZ, Marayca. op. cit., "evidence-based research shows that large, crowded spaces increase an offender's sense of isolation and anxiety."

[124] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.37

[125] ibid. p.37



101 (esq) cela 102 (dt) zona comum da unidade de reclusão, prsião de Halden





103 zona comum da unidade de reclusão, prsião de Halden

Para tal, pode existir a necessidade de dividir um equipamento em várias fracções mais pequenas. Esta opção vai permitir por um lado, distribuir os reclusos em diferentes unidades de reclusão tendo em conta as suas características (execução de pena, motivação e cooperação, participação em actividades e tratamentos, etc) podendo diminuir o "contágio" e as "escolas do crime". Por outro lado, a existência de diversas unidades também possibilita desenhar segundo opções e particularidades diferentes, adaptando-as da melhor forma a cada grupo de reclusos.

Cada zona de reclusão deveria ainda, tanto quanto possível, ter o máximo de instalações que permitam replicar as mais frequentes actividades quotidianas (cozinhar, fazer refeições, estudar, ler, ver televisão, ouvir música, jogar jogos, fazer exercício, etc.) partilhando as restantes infraestruturas do equipamento com as outras unidades.

Apesar de também não existir consenso quanto às dimensões destas unidades, *"os números mínimos sugeridos são entre 12-20 reclusos, alegando que as unidades pequenas permitem mais espontaneidade, suporte, autonomia, e o desenvolvimento de um relacionamento pessoal mais próximo entre reclusos e guardas."*[126] Dentro destes valores, há ainda *"indicações de que o vandalismo e o graffiti são quase inexistentes, os níveis de violência são baixos, a tensão geral é reduzida e as relações staff-reclusos são mais positivas."*[127] A média geral parece situar-se entre os 40-50 reclusos existindo, no entanto, um entendimento generalizado de que a lotação não deveria ultrapassar os 80 lugares.

Algumas estratégias de desenho podem ajudar a aumentar a segurança e a facilitar a supervisão, sem no entanto imobilizar os indivíduos e restringir demasiado o seu quotidiano. O *layout*, a disposição espacial, a escolha de mobiliário, no fundo, as opções de projecto, podem orientar e simplificar a tarefa do *staff*, protegendo toda a comunidade prisional.

[126] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.37 "The lowest figures suggested are 12-20 inmates, with the claim that small units achieve more spontaneity, support and autonomy, and allow closer personal relationships tp develop between inmates and officers.

[127] ibid. p.37 "indications that vandalism and graffiti are almost non-existent, levels of violence are low, general tension is reduced and staff-inmate relationships are more positive."

Desta forma, desenhar para promover a segurança pode incluir: celas individuais, de preferência com wc completo (lavatório, sanita e duche); acesso 24h com possibilidade de trancar a cela (ainda que esta possa ser aberta a qualquer momento pelos guardas); e um desenho espacial orientado para minimizar as barreiras físicas e psicológicas. Ou seja, conceber o espaço de forma a manter todas as áreas dentro da linha de visão, tendo a preocupação de eliminar recantos e elementos que possam obstruir a visão total do espaço, que deve ser amplo e com extensas áreas de superfície. Simultaneamente há que reconhecer os espaços onde é frequente existirem agressões, reforçando a supervisão desses pontos – cabines de telefone fechadas e duches comuns são um exemplo, e o seu acesso deve ser vigiado ou restringido a um indivíduo de cada vez.

Em contrapartida, demasiada contenção e falta de liberdade de movimento são alguns dos aspectos que mais frustração podem gerar. E nesse sentido, é mais conveniente desenhar tendo em conta a liberdade de circulação dos reclusos e *staff*. *"Permitir aos reclusos uma quota-parte de controlo sobre o ambiente, resulta numa atmosfera propícia à mudança e autoconsciência, encorajando-os a gerir o seu próprio comportamento e responsabilizando-os pelas escolhas referentes à participação nas actividades diárias."*[128]

O complexo judicial de Leoben é um bom exemplo de uma prisão que procurou seguir esta premissa e equilibrar a segurança com independência. Segundo o arquitecto Josef Hohensinn cuja máxima é *«segurança máxima no exterior, liberdade máxima no interior»*[129] o objectivo é estimular a liberdade de movimento filtrando no entanto qualquer contacto proibido com o exterior.

Tal como anteriormente referido, *"a mudança de desenho mais relevante dos últimos trinta anos, foi precisamente a substituição das tipologias radiais, por projectos 'new genaration' com base na supervisão directa"*.[130] Para além de permitir uma maior circulação geral, este modelo apresenta significativas transformações espaciais ao

[128] LÓPEZ, Marayca. op. cit., "Allowing inmates a measure of control over their environment results in an environment conducive to change and self-awareness, by encouraging them to manage their own behavior and make responsible choices regarding their participation in daily activities."

[129] LEWIS, Jim – Behind Bars...Sort Of. *The New York Times Magazine*. [online] 2009 "Maximum security outside; maximum freedom inside."

[130] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.31 "'The most fundamental design change of the last 30 years has been the switch from radial layouts to direct supervision 'new generation' designs"

nível da unidade de reclusão. É, no entanto, possível e até conveniente aplicar os mesmos princípios nas infraestruturas comuns e acesso aos espaços exteriores naturais.[131] Repensar o programa e a sua organização pode ter significativas mais valias. No projecto *21st Century Prison*[132], acrescentaram-se zonas verdes exteriores ligadas directamente às zonas de reclusão, reduzindo o tempo e os recursos desperdiçados com a condução e supervisão dos reclusos no exterior. Pequenas alterações podem optimizar substancialmente a gestão e libertar recursos importantes.

A disposição espacial deste tipo de modelos, orientados para supervisão directa, promove uma vigilância mais informal, fomentando interacções espontâneas e constantes, uma comunicação mais normalizada e com contactos que obrigam o *staff* e os reclusos a conhecerem-se melhor, podendo significar até a dissolução de algumas tensões. Através desta proximidade os guardas aprendem a reconhecer problemas em potência, podendo assim reagir proactivamente antes deles escalarem em violência. Para tal, *"uma premissa fundamental desta abordagem é a de que os reclusos não permaneçam confinados nas celas todo o dia, mas antes participem em actividades e programas planeados, podendo circular e utilizar livremente os recursos disponíveis na unidade residencial sobre uma segurança menos intrusiva."*[133]

Tendo ainda em conta que existem inúmeras implicações psicológicas e de segurança, tanto para os reclusos como para o *staff*, é de suma importância que estes tenham formação extra, para que consigam responder e aproveitar as situações especificas que podem ser originadas por esta proximidade de contacto. Desenhar boas instalações onde o *staff* possa desenvolver o seu trabalho e ter momentos de descompressão também deve ser considerado. Trabalhar e habitar um espaço com más condições, degradado, feio, indigno e sobrelotado afecta sensivelmente o desempenho do *staff* Quanto melhor for o ambiente de trabalho para o *staff*, menos consequências indirectas dessa insatisfação afectaram os reclusos. Reduzir condições que provocam frustração e *stress* nos reclusos, é por sua vez, uma forma simples de tornar o trabalho do *staff* consideravelmente mais fácil.

[131] uma das criticas deste modelo é a falta de flexibilidade no contacto com o exterior e a natureza.

[132] [ver imagem 92] projecto de investigação da autoria de Buschow Henley Architects com a colaboração de Hillary Cottam e Demos. *ver* http://henleyhalebrown.com/works/21st-century-prison/

[133] LÓPEZ, Marayca. op. cit., "A foundational premise of this approach is that inmates are not confined in their rooms all day, but rather

Comparando as prisões *New Generation* com as prisões tradicionais, os resultados são especialmente positivos – *"há menos conflitos entre reclusos, e entre reclusos e staff. Os incidentes violentos são drasticamente reduzidos, a violação homossexual praticamente desaparece, e o vandalismo e o graffiti são substancialmente eliminados."*[134] Esta é uma das razões pela qual a construção desta tipologia de prisões não é necessariamente mais cara do que as tradicionais. Com a redução dos conflitos e do vandalismo, os materiais não precisam de ser tão resistentes ou indestrutíveis, sendo viável economizar através de opções mais baratas e normalizadas.

Esta nova forma de pensar a supervisão contrasta com um regime onde os territórios estão objectivamente mais definidos. O controlo é preferencialmente remoto, quer através de câmaras de vigilância, quer por observação à distancia, exercida através de um posto central fechado ou por patrulha de corredores e patamares protegidos. Esta distância entre reclusos e guardas pode ser propicia a que certas áreas sejam identificadas ou controladas por um indivíduo ou grupo, gerando problemas de territorialidade. *"Ao nível individual, os reclusos sentem-se invadidos quando outros, especialmente estranhos, entram nas suas zonas."*[135] Paralelamente, é comum existirem áreas controladas por certos grupos. *"Isto pode clarificar e controlar o contacto entre grupos, o que por sua vez pode reduzir a tensão, no entanto aumenta a polarização racial ou entre grupos."*[136] Nesse sentido, é importante compreender que a questão do território tem implicações no desenho do espaço, especialmente nas zonas de habitação comuns e áreas de convívio. Até uma mudança na disposição do mobiliário pode causar conflitos, pela perda dos limites do território.

Apesar dos benefícios da supervisão directa, alguns reclusos e guardas podem ter dificuldade em adaptar-se ao contacto mais imediato, preferindo uma definição mais clara dos limites entre o nós vs eles. Em alguns casos pode ser mais fácil de gerir a certeza da antipatia mútua, do que entender relações de proximidade com alguém frequentemente identificado como um obstáculo.

participate in scheduled activities and programming, and are free to move about and use the resources available to them within the housing unit, under less obtrusive security."

[134] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.35 "there is less conflict among inmates and between inmates and staff. Violent incidents are drastically reduced, homossexual rape virtually disappears, and vandalism and graffiti are almost eliminated."

[135] ibid. p.44 "On an individual level, inmates sense an intrusion into their zone when others, especially strangers, enter it."

[136] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.44 "This may clarify and control contact between groups. which in turn reduces tension, although

No final do século XX verificou-se de modo geral a ampliação dos sistemas de segurança, especialmente do aparelho tecnológico que passou a assegurar grande parte da vigilância.

Embora a tecnologia possa significar uma grande ajuda no controlo e supervisão do ambiente prisional, esta não deve actuar isoladamente. Confiar demasiado na resposta da tecnologia como solução da organização do regime prisional, reforço do controlo e gestão de situações de perigo, pode ter consequências profundamente negativas. Na eventualidade de uma falha operacional, o *staff* pode ficar consideravelmente incapacitado de agir, escalando seriamente qualquer problema.

Desta forma, *"a tecnologia é não só insuficiente em si mesma, como pode ser contraproducente ao colocar-se entre os reclusos e os guardas, reduzindo assim o contacto pessoal"*[137] de que a supervisão deve depender. Paralelamente,

> *sistemas de segurança complexos e de gestão de informação cujo único objectivo é reduzir a necessidade de staff prisional, irão impor problemas para a administração (...) nesse sentido, embora possa haver uma tentação considerável de perseguir ainda mais reduções de custo ao investir em tecnologia, o estrago que esse investimento pode realmente provocar nas relações entre reclusos e staff deve ser cuidadosamente vigiado.*[138]

Ainda assim, uma das vantagens que pode significar a utilização de vigilância electrónica, está em assegurar a supervisão continua do perímetro do edifício. *"Aparelhos sofisticados de detecção incorporados nas vedações ou muros em conjunto com camaras de CFTV, ambos fixos e controláveis, irão reforçar a força física do perímetro e melhorar o controlo e observação internos."*[139] Deste modo, os guardas prisionais podem realizar o seu trabalho estando mais protegidos, e menos vulneráveis em áreas do recinto geralmente isoladas. O mesmo se pode supor, para a segurança dos reclusos ou eventuais invasões e evasões.

it increases ethnic or group polarzation."

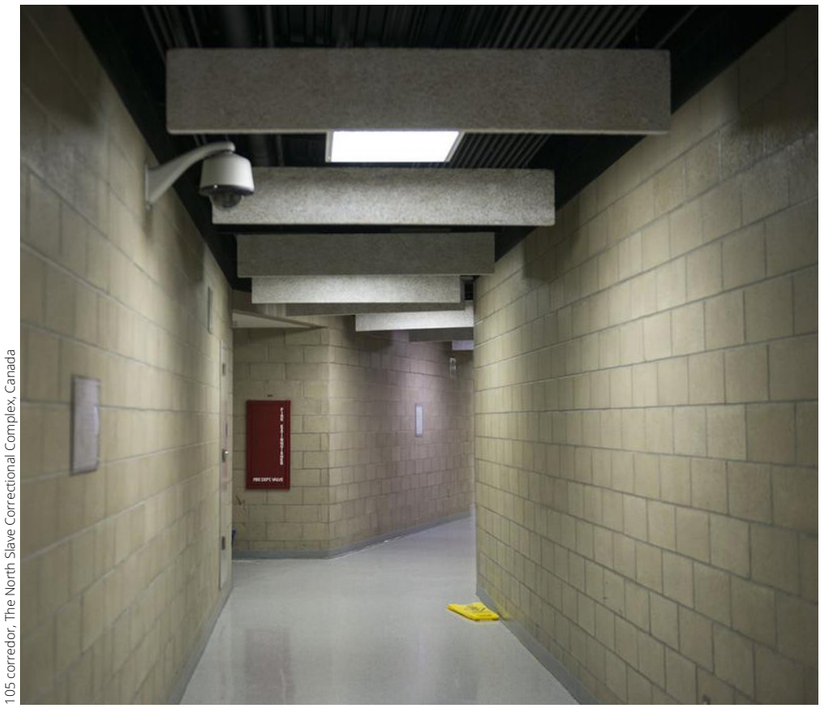
[137] ibid. p.32 "Not only is technology insufficient in itself, it can be counterproductive by getting between inmates and officers and thus reducing the personal contact"

[138] GANDER, Michael – *Providing the complete prison package* p.138 *in* FAIRWEATHER, Leslie e MACCONVILLE, Séan. op. cit., "Complex security systems and information management whose sole objectives are meant to reduce the need for prison staff will pose problems for prison managers (...) so although there may be considerable temptation to seek ever more cost reduction by investment in technology, the point at which that investment actually harms the central relationship between prisoners and staff must be carefully watched"

[139] ibid. p.138 "Sophisticated detection devices built into fences and walls coupled with CCTV cameras, both controlled and fixed, will enforce the physical strength of the perimeter and improve inter observation and control. (CFTV)"



104 cela, North Slave Correctional Complex, Canada



105 corredor, The North Slave Correctional Complex, Canada

Não deveria existir justificação para desenhar deliberadamente acomodações insalubres e desconfortáveis, feias, com cores monótonas, pouca iluminação e materiais excessivamente rígidos. Para além de todas as reacções comportamentais que este tipo de ambientes podem gerar – desânimo, frustração, tristeza e depressão, alienação, inconformidade, agressividade, etc. – uma atitude neste sentido passa a mensagem errada de que não faz sentido estar empenhado em regressar em melhores condições a uma sociedade que parece ter desistido do recluso. Como tal, *"esta forma de brutalidade institucional só brutaliza a sociedade como um todo."*[140] Ambientes desagradados e coercivos exercem não só influência nos reclusos como também nos guardas, prejudicando as suas condições de trabalho e o desenvolvimento das relações de proximidade a que se fez alusão no ponto anterior. A este ciclo vicioso acrescentam-se ainda os problemas de vandalismo – *"a monotonia e o aborrecimento, causados pela inactividade forçada, falta de variedade e privação sensorial, contribuem para o vandalismo."*[141]

Contrariando esta lógica, e como já foi brevemente mencionado, existem algumas condições de desenho que podem influenciar positivamente os estados psicológicos e sociais de um indivíduo, dos quais a arquitectura pode e deve tirar partido. Uma premissa primordial é orientar o desenho no sentido de reduzir a institucionalização, para que os reclusos possam estabelecer rotinas quotidianas num ambiente mais normalizado. O ambiente habitacional dentro de uma prisão, será tão mais eficaz no processo de reintegração social, quanto se aproximar do ambiente doméstico. Para tal, deve-se ter em consideração aspectos como a escala humana, os materiais, o mobiliário, a cor e as texturas, a privacidade e até a individualidade. *"O objectivo do design interior é tornar a prisão mais atractiva, iluminada, mais agradável e personalizada – no fundo menos institucionalizada."*[142] Esta aparência positiva aumenta a moral e a motivação ao mesmo tempo que reduz as tensões nas várias comunidades prisionais.

[140] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.41 "This form of institutional brutality only brutalizes society as a whole."

[141] ibid. p.42 "It has been suggested that monotony and boredom, caused by enforced idleness, lack of variety and sensory deprivation, can contribute to vandalism."

[142] ibid. p.43 "The object of interior design is to make the prison more attractive, brighter, more cheerful and personalized – in general, less institutional."



106 duas alas, prisão de Storstrøm



107 cela, prisão de Halden

Segundo Leslie Fairweather, é genericamente aceite que a cor afecta o comportamento humano. Num equipamento desta natureza, deve-se apostar sobretudo em cores suaves e que transmitam tranquilidade, especialmente em zonas mais reservadas como a cela. Contudo, podem-se introduzir alguns apontamentos de cores mais saturadas, já que estas podem ser convidativas e reconfortantes. Alguns *"estudos demonstraram respostas positivas de reclusos a cores vivas e murais noutros espaços, especialmente aqueles pintados por eles próprios."*[143]

Também no que diz respeito ao desenho do espaço, a cor pode ter um papel determinante, já que *"pode realçar a luz, ao aclarar ou dominar espaços, providenciar estímulos sensoriais, fornecer direcções e informação, e até mudar as proporções de uma divisão através de ilusões de óptica."*[144] Pode ser especialmente interessante em espaços amplos ou de grandes dimensões. Jogos de alternação de cores e/ou materiais permitem, por exemplo, criar percursos e zonas naturais de circulação, ou ainda marcar diferentes usos.

Como qualquer outro equipamento, uma prisão deve no mínimo estar limpa, não ter odores ofensivos, ter uma temperatura e ventilação agradáveis, promovendo um ambiente saudável tanto mental como físico.

O desconforto térmico, que pode incluir a temperatura, humidade e circulação do ar, é uma das queixas mais frequentes tanto por parte dos reclusos como dos guardas. Tendo em conta que a *"irritabilidade e comportamentos agressivos aumentam indubitavelmente com o desconforto térmico, especialmente quando está demasiado calor"*[145]; dar alguma autonomia de controlo dos sistemas de aquecimento, ar condicionado, e ventilação natural a guardas e reclusos pode ajudar a minimizar essas tensões desnecessárias.

"O barulho é um dos problemas mais persistentes do ambiente prisional, que subsiste mesmo nas novas 'soft' prisons."[146] Para compensar o ruído de fundo constante de um

[143] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.43 "studies have shown a positive inmate response to bright colours and murals elsewhere, specially those painted by the inmates themselves."

[144] ibid. p.43 "Colour can enhance light by brightening or subduing spaces, provide sensory stimulation, give directional and other information, and optically change the proportions of a room."

[145] ibid. p.42 "Irritability and aggressive behaviour undoubtedly increase with thermal discomfort, especially when it is too hot."

[146] ibid. p.42 "Noise is one of the prison environment's most persistent problems, pervading even the new 'soft' prisons."



110 (dt) espaço exterior, prisão de Mas d'Enric



108 e 109 (esq) espaço exterior, prisão de Halden





111 espaço exterior, prisão de Neustrelitz, Alemanha

ambiente lotado, onde existem vários aparelhos electrónicos ligados em simultâneo e conversas paralelas, os níveis de som descontrolam-se tornando a comunicação cada vez mais difícil. Conjuntamente, existem alguns sons simbólicos do ambiente prisional como o bater de portas e o trancar ou abrir das fechaduras, que induzem especialmente o stress e a ansiedade.

O complexo Judicial de Leoben procurou, por exemplo, combater este problema através de mecanismos de acústica relaxantes.[147] Estratégias para os ruídos indesejados podem ainda incluir a limitação do contacto entre superfícies duras e a utilização de materiais macios e absorventes como carpetes ou painéis acústicos. Contudo, compreende-se que estes materiais não sejam frequentemente utilizados dada a sua menor resistência e maior necessidade de cuidados de manutenção. Ainda assim, valerá esse esforço em muitas situações pelo beneficio de um ambiente menos inquietante.

Tal como o desenho do interior, "*o desenho paisagístico (...) pode induzir um estado de espírito de tranquilidade e quietude numa atmosfera tipicamente não associada com nenhuma destas sensações.*"[148]

Assim, no que diz respeito aos espaços exteriores é importante: estabelecer ligações com a natureza e a terra (de que é exemplo a prisão de Bastoy); criar conexões visuais a partir do interior com elementos da paisagem exterior possibilitando por exemplo a percepção da mudança das estações; ou ainda definir diferentes zonas que permitam realizar múltiplas acções. Estas tanto podem ser de encontro e lazer, encorajando a socialização, como percursos e ligações entre edifícios que promovem movimento, ou ainda espaços para reflexão e meditação, anfiteatros, espaços para práticas desportivas, entre outros. O objectivo final será procurar desenhar tendo em conta a diversidade, de modo a que seja possível desenvolver as mais variadas actividades e programas.

[147] BENNET, Oliver – How to build better prisons: New designs and a look at their purpose. *The Independent* [online] 2015 "Austria's Leoben Prison by Josef Hohensinn near Graz, of 2004, has a high-tech look and de-stressing acoustic performance."

[148] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.41 "Landscape design (...) can induce a mood of calm and repose in an atmosphere not associated with either."



112janelas das celas. prisão de Tegel, Alemanha



113 refeitório, prisão de Las Colinas, US



114 refeitório, prisão de Halden

"Os resultados (...) sugerem que as janelas são mais do que apenas um luxo para os reclusos, e que a falta de contacto com o exterior aumenta o stress e a depressão. Em situações restritas e monótonas, uma vista torna-se uma necessidade."[149] Tão importante como as vistas, é a quantidade de luz natural. Actualmente já é possível, sem grande esforço, garantir janelas seguras, com bastante área de transparência sem a necessidade de elementos austeros e sinistros.

O mesmo se poderia dizer da escolha do mobiliário. Este, que pode ter impactos psicológicos em termos de satisfação ou frustração, deveria ser o mais aproximado possível do doméstico e do comum. Privilegiando materiais normalizados com texturas variadas, ao invés da rigidez e da indestrutibilidade; e peças funcionais, que possam ser reordenadas consoante as necessidades individuais e colectivas.

A personalização do espaço é um aspecto importante do processo de reabilitação, que deveria ser promovido logo a partir do próprio quarto. Gestos simples como escolher a cor das paredes, ou modificar a disposição do mobiliário pode fomentar a noção de dignidade pessoal, a sensação de controlo do ambiente, o respeito próprio, e por sua vez, o respeito pelos outros e pelas coisas. No fundo, através da sensação de posse, quer seja de um espaço ou de alguns objectos, é possível desenvolver uma ligação e um sentido de pertença a esse mesmo lugar.

Considerando apenas o ponto de vista económico, é evidente que se torna mais rentável desenhar dormitórios do que celas individuais. Já que, com menos área por indivíduo se consegue aumentar o número de acomodações, reduzindo assim os custos de construção. Outra forma comum de rentabilizar o espaço de superfície é através da utilização de beliches, que permitem aproveitar o espaço geralmente desaproveitado. *"O que não deve nunca acontecer (...) é a adição de camas extra numa cela desenhada só para uma – especialmente se a cela tem instalações sanitárias expostas, e se os reclusos comem aí as refeições."*[150]

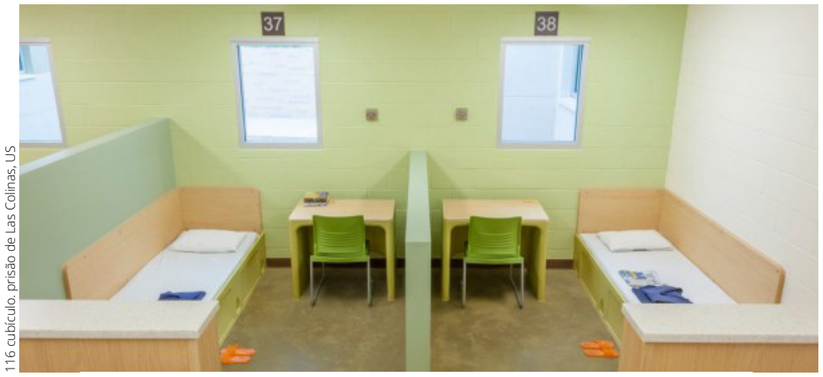
---

[149] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.43 "Results (...) suggest that windows are more than just a luxury for the incarcerated, and that lack of contact with the outside world heightens stress and depression."

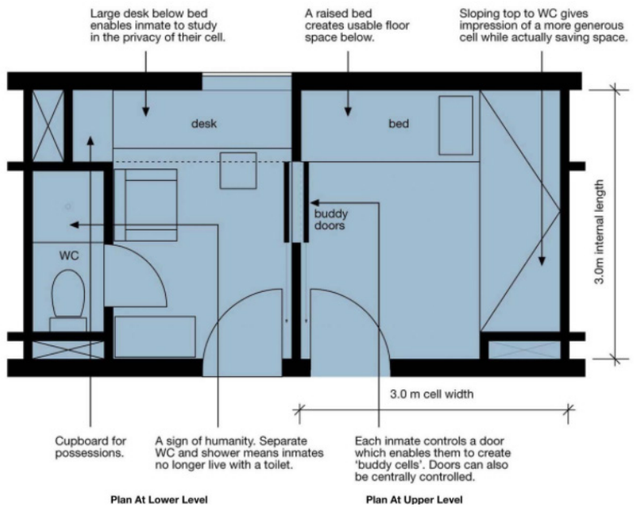
[150] ibid. p.38 "What should never happen (...) is the addition of extra beds in a cell designed for one – especially if the cell contains exposed toilet facilities and if inmates are expected to eat there."



115 dormitório, Califórnia



116 cubículo, prisão de Las Colinas, US



117 cela, projecto 21st Century Prison

Ainda que muito proveitosos economicamente, os dormitórios apresentam maiores impactos negativos do que as celas individuais. *"Doenças, queixas e a percepção de excesso de ocupação aumentam à medida que o número de reclusos aumenta."*[151] Adicionalmente, neste tipo de acomodação, existe a tendência para ampliar os efeitos da falta de privacidade, da diminuição da distância interpessoal, da ocorrência de interacções indesejadas, incluindo até comportamentos intimidatórios ou dinâmicas de poder. Outras pesquisas concluíram que os reclusos em dormitórios percepcionam os guardas mais negativamente do que os instalados noutro tipo de acomodações. Sendo que há uma relação directa entre lotação, densidade e agressividade. Estes resultados, segundo Leslie Fairweather, são consistentes para todas as raças, grupos étnicos, níveis de segurança e período de tempo passado na instituição.[152]

No caso de não ser possível assegurar acomodações individuais, existem algumas medias que podem melhorar a percepção espacial em dormitórios – nomeadamente o uso de cubículos. *"Os cubículos representam um meio barato de garantir privacidade em, caso contrário, dormitórios abertos. Quanto mais se assemelhar a um quarto individual (separações mais altas, arrumação, espaço de secretária) mais facilmente pode duplicar os efeitos positivos do quarto."*[153]

Contudo, e apesar desses efeitos benéficos, alguns reclusos preferem ter companhia ao isolamento de uma cela individual. Idealmente, uma prisão deveria ter variedade suficiente de acomodações para responder a diferentes necessidades ou preferências. Uma boa solução poderia ser o modelo *21st Century Prison*, onde as celas são desenhadas com uma porta intercomunicadora semelhante às dos hotéis (img. 117) ou ainda Bastoy onde a escala da habitação permite tanto privacidade e reclusão como socialização e convivência. Para quem preferir celas partilhadas, o ideal seria desenha-las com mais espaço por recluso, ou com beliches e instalações sanitárias fechadas, tendo sempre em consideração um companheiro de quarto compatível.

[151] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.39 "Illness, complaints and perceived crowding increased as the number of inmates increased."

[152] ibid. p.39

[153] ibid. p.39 "cubicles represent an inexpensive means of affording privacy in otherwise open dormitories. The more the cubicle resembles a single room (higher partitions, storage, desk space), the more it duplicates the positive effects of the room."



118 yoga. prisão de Heidering, Alemanha





119 (esq) oficina de cerâmica, prisão de Halden
120 (dt) espaço para manifestações religiosas, prisão de Halden



121 biblioteca, prisão de Halden

Apesar de já terem sido referidos alguns exemplos neste trabalho, é fundamental sublinhar a importância do desenho de espaços flexíveis e em variedade que possam garantir a realização das actividades e programas. *"Qualquer desenho com o intuito reabilitativo, deve maximizar o espaço destinado aos programas, para evitar que as actividades e tratamentos tenham de competir pelo espaço, e como tal, comprometer a participação e acesso regular dos reclusos aos programas e serviços."*[154]

Estes espaços devem ter em consideração a realização de múltiplas acções tais como: oficinas de produção, *workshops* vocacionais, aulas, programas criativos e artísticos, tratamentos e terapias, contacto com a comunidade e família, incentivo à prática de exercício físico, ou acolher celebrações, cerimónias e manifestações de culto.

Alguns arquitectos e especialistas defendem ainda que a distribuição programática deveria assemelhar-se a um campus universitário. Através da dispersão dos edifícios é possível, em primeiro lugar, rentabilizar o uso de instalações comuns, ao mesmo tempo que se criam espaços exteriores e percursos entre os edifícios que introduzem dinâmicas e movimento.

Segundo Leslie Fairweather, é importante que cada recluso possa controlar o seu ambiente social, isto é, quem encontra, com quem comunica e em que circunstâncias.

Para além dos problemas que possam decorrer do ambiente físico, existem outros factores importantes que podem ser fonte de *stress* e ansiedade como a separação da família e amigos, a perda da liberdade, apreensão sobre a vida após a libertação, a supressão da auto-estima ou da identidade pessoal, ou até preocupações sobre como passar o tempo durante a pena.[155]

Como tal, é importante conceder à medida que se progride no processo de ressocialização, algumas permissões na forma de: autonomia – entregando, por exemplo, as chaves das celas;[156] ou sensação de utilidade – através de trabalho cada

[154] LÓPEZ, Marayca. op. cit., "Any rehabilitative design should maximize program space, to avoid activities and treatment programs having to compete for the space, therefore compromising inmates' participation and regular access to programs and services."

[155] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.32

[156] Na prisão de Waldeck, na alemanha, ter as chaves da própria cela é uma prática comum. ver Prison Systems, *60 minutes US* [Reportagem] CBS, 2016

vez mais significativo e próximo do ambiente de trabalho real; ou ainda, rotinas e actividades que se assemelhem à vida em liberdade – como por exemplo, acesso a tecnologia.

Por fim, entender ainda que *"um dos factores mais importantes para um retorno bem sucedido à liberdade, consiste em facilitar e encorajar o apoio social e emocional que pode ser dado pela família e amigos."*[157] Por este motivo, destaca-se a relevância da localização, da integração na comunidade, de actividades de relacionamento com familiares e amigos, e de espaços que promovam a sociabilização.

[157] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.34 "One of the most important factors in an inmate's successful return to freedom is to facilitate and encourage the social and emotional support that can be given by family and friends."

3

Sistema Prisional Português



122 torre de vigia, EP de Lisboa

de fora
de dentro

de fora
137 contextualização
139 esquema de implantação
139 *cadeias centrais*
141 *cadeias comarcãs*
143 inserção no território e tipologia
145 imagem exterior

de dentro
147 tabela 1
148 *lotação vs ocupação*
149 tabela 2
152 condições do edificado
158 programa
160 actividades | imagem



123 pátio, EP de Coimbra

O sistema prisional português é composto actualmente por 49 estabelecimentos prisionais, distribuídos pelo território continental, ilhas dos Açores e Madeira. Neste conjunto, figuram cadeias cuja construção compreende um espectro temporal bastante alargado, sendo possível encontrar exemplos em funcionamento tanto do final de 1800[158] como infra-estruturas construídas no século XXI.[159] Não obstante, a maioria do edificado do parque prisional português, corresponde a construções edificadas pela Comissão para as Construções Prisionais criada em 1934 pelo regime do Estado Novo.[160] Segundo o arquitecto Raul Rodrigues Lima, foram projectadas neste período "*mais de cinquenta Cadeias Comarcãs, duas Cadeias Centrais, uma Prisão-Escola, dois Estabelecimentos para reclusos de difícil correcção, duas Colónias Penais para vadios e equiparados, uma Cadeia Penitenciária, uma Cadeia para Mulheres, um Sanatório Prisional, um Hospital Prisional*"[161] e uma Colónia Penitenciária.

A partir de 2009 as cadeias passaram a ser classificadas apenas em função do seu nível de segurança e grau de complexidade de gestão perdendo as categorias de Comarcã, Central e Especial. Nestes parâmetros de distribuição, estão contemplados três níveis de segurança: média, alta e especial, sendo que deste último existe apenas um exemplo em Portugal – a prisão de Monsanto – em funcionamento desde 2007. Este regime, distingue-se pelo complexo aparelho de segurança e vigilância, e pelos estritos mecanismos de isolamento, ao estilo das prisões *supermax* Norte Americanas.[162] Relativamente ao grau de complexidade de gestão, os estabelecimentos subdividem-se em elevada ou média complexidade dependendo de variáveis como nível de segurança, existência de unidade de segurança especial, unidade de saúde mental, natureza hospitalar, lotação e regime de execução.

---

[158] Designadamente o Estabelecimento Prisional de Lisboa (1885), Coimbra (1889), Ponta Delgada, Caxias e Monsanto.

[159] Como por exemplo o Estabelecimento Prisional de Vale do Sousa (1998-2002) e o EP de Angra do Heroísmo (2013).

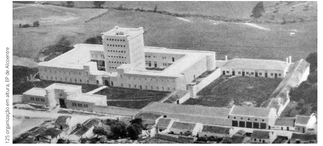
[160] Desta comissão fazia originalmente parte o arquitecto Cottinelli Telmo, substituído em 1939 por Raul Rodrigues Lima. Ambos arquitectos que são ainda, os principais responsáveis pela maioria dos estabelecimentos prisionais em funcionamento na actualidade.

[161] LIMA, Rodrigues – *Arquitectura Prisional in Boletim da Administração Penitenciária e dos Institutos de Criminologia.* nº9, Ministério da Justiça, 1961 p.158

[162] As prisões supermax estão referenciadas no capítulo *Pensamento e desenho punitivo* p.47



14 Presumed Castle of Guimarães

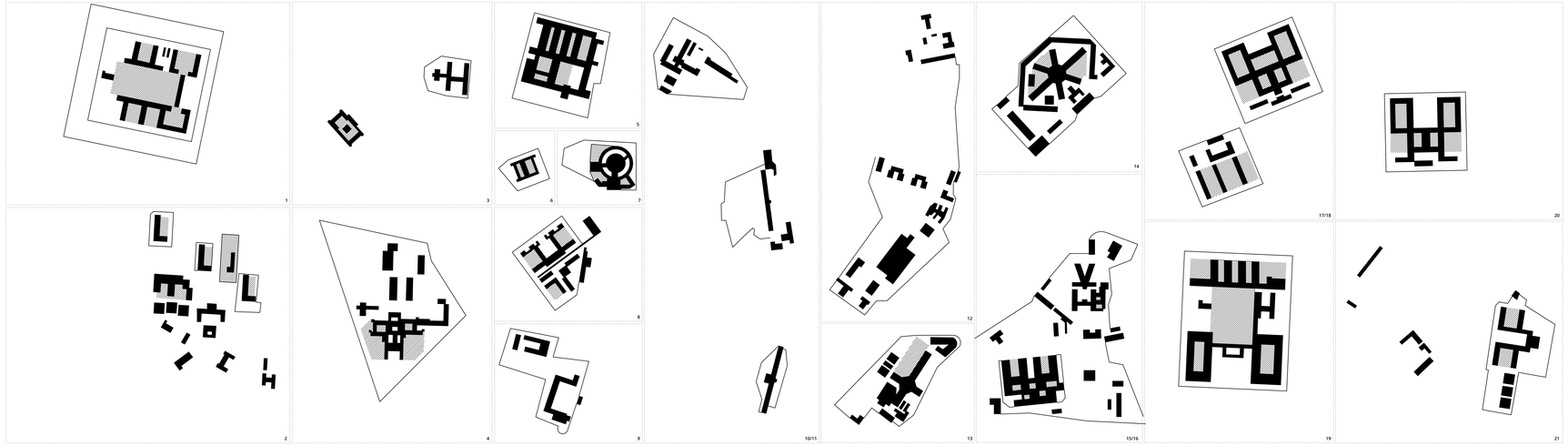


15 Reorganização em 1933 do EP do Linhó

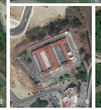


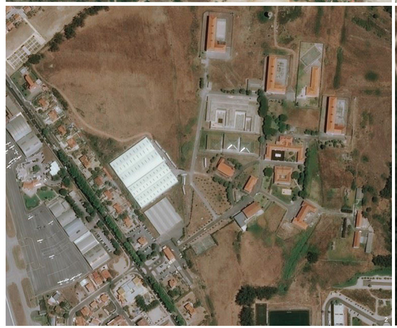
16 Capela do Hospital de Alienados, actual EP de Alcoentre

Esquemas







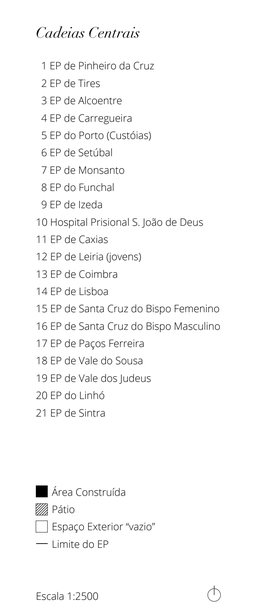










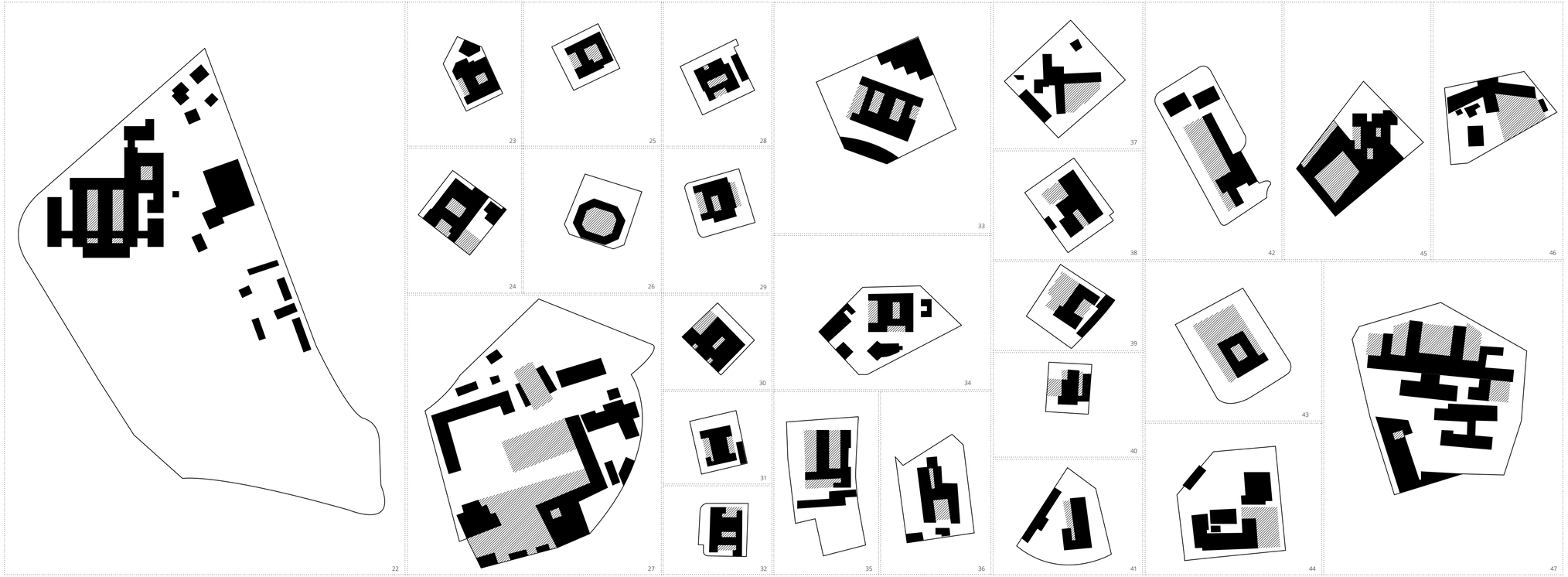



Cadeias Centrais

1 EP de Pinheiro da Cruz
2 EP de Tires
3 EP de Alcoentre
4 EP de Carregueira
5 EP do Porto (Custóias)
6 EP de Setúbal
7 EP de Monsanto
8 EP do Funchal
9 EP de Izeda
10 Hospital Prisional S. João de Deus
11 EP de Caxias
12 EP de Leiria (jovens)
13 EP de Coimbra
14 EP de Lisboa
15 EP de Santa Cruz do Bispo Femenino
16 EP de Santa Cruz do Bispo Masculino
17 EP de Paços Ferreira
18 EP de Vale do Sousa
19 EP de Vale dos Judeus
20 EP do Linhó
21 EP de Sintra

Área Construída
Pátio
Espaço Exterior "vazio"
Limite do EP

Escala 1:2500


22
23
25
28
33
37
42
45
46
24
26
29
38
27
30
34
39
43
31
35
36
40
32
41
44
47



Cadeias Regionais

22 EP de Viseu
23 EP de Lamego
24 EP de Vila Real
25 EP de Silves
26 EP da Cobvilhã
27 EP de Castelo Branco
28 EP de Olhão
29 EP de Viana do Castelo
30 EP de Aveiro
31 EP de Elvas
32 EP de Odemira
33 EP de Montijo
34 EP do Faro
35 EP de Leiria
36 EP de Chaves
37 EP de Évora
38 EP de Braga
39 EP de Torres Novas
40 Cadeia de Apoio da Horta
41 EP de Bragança
42 EP de Caldas da Rainha
43 EP de Guimarães
44 EP da Guarda
45 EP de Beja
46 EP de Ponta Delgada
47 EP de Angra do Heroísmo

Área Construída
Pátio
Espaço Exterior "vazio"
Limite do EP

Escala 1:2500

O resultado das diferentes épocas de construção dos estabelecimentos prisionais e da heterogeneidade de fins e especificidades para os quais foram desenhados, pode ser lido através da forma como estes equipamentos se inserem no território. As grandes cadeias do século XIX, projectadas no centro das cidades, contrastam com as colónias penais de orientação agrícola, localizadas em grandes extensões de terrenos rurais. Já as cadeias para penas maiores (antigas centrais), foram implantadas perifericamente às grandes cidades do país (a aproximadamente 50km), colmatadas pelas pequenas cadeias comarcãs para presos preventivos e penas até seis meses, inseridas em pequenos terrenos nos centros urbanos, e sempre que possível junto dos tribunais.[163]

Outra consequência desta conjuntura, é a grande diversidade de soluções tipológicas que caracterizam o conjunto do edificado prisional português. A lei de 18 de Maio de 1936 que passou a regular os serviços prisionais, serviu de base à execução de todos os edifícios prisionais a construir em Portugal, e definiu que tipo de estabelecimentos construir de acordo com os diversos grupos de delinquentes.[164] Deixando à responsabilidade dos arquitectos Cottinelli Telmo e Rodrigues Lima escolher o partido arquitectónico mais conveniente para cada complexo, de forma a responder a critérios como duração de penas, lotação, tipo de regime e localização. Dessa forma, fazem parte do quadro prisional nacional, soluções cuja configuração se organiza ao redor de pequenos pátios, baseadas nos projectos tipo do arquitecto Cottinelli Telmo (img. 23 e 26); esquemas em «T» ou em cruz (img. 37 e 38); modelos radiais, construídos no final do séc. XIX, à imagem da Eastern Penitenciary of Philadelphia (1829) (img. 13 e 46); exemplos de partidos arquitectónicos em ferradura (img. 17 e 20); espinha (img. 5 e 18); do tipo pavilhonar (img. 2 e 12); e ainda edifícios pré-existentes readaptados (img. 7 e 11) ou esquemas com características mistas (img. 15/16 e 47).

[163] Relatório Comissão das Construções Prisionais sobre Cadeias Comarcãs – Construções Prisionais. Cadeias Comarcãs. Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos. nº2, 1938

[164] LIMA, Rodrigues. op. cit., p.154 "A lei que passou a regular os nossos serviços prisionais, publicada em 28 de Maio de 1936, e que serviu de base à execução de todos os edifícios prisionais a construir em Portugal, estabeleceu (...) quais os tipos de estabelecimentos prisionais construir quanto aos diversos grupos de delinquentes"



127 entrada, EP da Carregueira



128 dispositivos de segurança, EP da Carregueira

Como foi possível observar pelas imagens das páginas 139-142, em Portugal, os terrenos dos equipamentos prisionais são vulgarmente pequenos. Como tal, a ocupação do recinto é rentabilizada ao máximo pela massa construída que abrange grande parte da área disponível. Já os espaços exteriores, são geralmente de dois tipos: ou pátios bem demarcados e contidos, adjacentes aos blocos de reclusão; ou os vazios que sobraram dessa mesma ocupação. Excluindo as antigas colónias agrícolas como Santa Cruz do Bispo, Sintra, e o mais recente Estabelecimento Prisional do Campo, que por tradição estão ligados ao cultivo e criação animal, a generalidade das prisões portuguesas não tem espaços verdes ou amplos espaços exteriores disponíveis para a população prisional.[165]

Vistas do exterior, as cadeias portuguesas apresentam uma aparência sólida, resistente, dura e impessoal, pretendendo por um lado transmitir uma mensagem de intimidação e dissuasão, e por outro confirmar o funcionamento da justiça. É através desta imagem austera e dos sistemas de segurança que anunciam controlo absoluto – muros altos, arame farpado, torres de vigilância, grandes portões - que se procura assegurar a sociedade de que esta continua protegida, comprovando a força do sistema. A arquitectura torna-se assim uma ferramenta ao serviço do controlo e do poder sobre o indivíduo. Isto é, aumentando a intensidade dos dispositivos de segurança, diminui-se o indivíduo, assim mais facilmente docilizado e controlado. Esta atitude é directamente oposta aos novos posicionamentos sobre o objectivo e imagem da instituição prisional, enquanto instrumento pedagógico e reintegrador, evidenciando a desactualização do sistema português face às realizações de outras democracias europeias.

[165] Não se estão a considerar os pátios, dadas as suas proporções reduzidas, limites híper definidos e materialidade "dura", qualidades que entram em conflito com a ideia de espaço exterior sereno e "livre" enunciado no capítulo anterior.



129 galeria, zona de reclusão.

Nota

A informação analisada a partir dos dados estatísticos da DGRSP, dos relatórios das visitas a estabelecimentos prisionais, apontamentos do arquitecto Rodrigues Lima e documentos fotográficos foi sintetizada em duas tabelas. A partir destas é possível relacionar alguns dos aspectos mais ilustrativos do quadro compositivo e de funcionamento dos estabelecimentos prisionais, nomeadamente no que diz respeito à lotação/ocupação, proporção de guardas para reclusos, características e condições do edificado, programa, espaços de alojamento, e actividades disponíveis. Para estudar a realidade do sistema (na tabela 2), definiu-se uma amostra de dez complexos penitenciários, destacados do restante conjunto por serem objecto do maior número de notícias nas fontes anteriormente mencionadas.

Tabela 1

lotação vs ocupação

	nível de segurança	grau de complexidade de gestão	lotação	reclusos existentes a 31-12-16	lotação	reclusos existentes a 31-12-17	taxa de ocupação
EP de Monsanto	especial	elevado	202	90	202	113	55%
EP de Alcoentre	alta	elevado	626	593	626	608	95%
EP da Carregueira	alta	elevado	732	707	732	703	95%
EP de Caxias	alta	elevado	**334**	**535**	**398**	**582**	145%
EP de Coimbra	alta	elevado	**421**	**518**	**421**	**538**	**130%**
EP do Funchal	alta	elevado	349	238	349	233	65%
Hospital Prisional de São João de Deus	alta	elevado	195	49	195	81	40%
EP de Izeda	alta	elevado	301	253	301	261	85%
EP de Leiria (jovens)	alta	elevado	347	183	347	185	55%
EP do Linhó	alta	elevado	584	538	584	551	95%
EP de Lisboa	alta	elevado	**887**	**1225**	**887**	**985**	110%
EP de Paços de Ferreira	alta	elevado	**548**	**726**	**548**	**710**	**130%**
EP de Pinheiro da Cruz	alta	elevado	645	643	**645**	**660**	105%
EP do porto (Custóias)	alta	elevado	**686**	**1183**	**686**	**1128**	165%
EP de Ponta Delgada	alta	elevado	**141**	**198**	**141**	**168**	120%
EP de Santa Cruz do Bispo (Feminino)	-	-	**374**	**514**	352	334	95%
EP de Santa Cruz do Bispo (Masculino)	alta	elevado	**352**	**343**	**374**	**476**	**140%**
EP de Setúbal	alta	elevado	**169**	**293**	**169**	**263**	155%
EP de Sintra	alta	elevado	767	631	767	565	75%
EP de Tires (feminino)	alta	elevado	470	427	470	406	85%
EP de Vale dos Judeus	alta	elevado	514	482	514	499	95%
EP de Vale do Sousa	alta	elevado	374	373	**374**	**384**	105%
EP de Angra do Heroismo	alta	médio	350	144	350	205	60%
Ep de Aveiro	alta	médio	**82**	**164**	**82**	**135**	160%
EP de Beja	alta	médio	**162**	**229**	**162**	**237**	145%
EP de Braga	alta	médio	**91**	**136**	**91**	**122**	**135%**
Cadeia de Apoio da Horta	alta	médio	**17**	**32**	17	18	100%
EP de Caldas da Rainha	alta	médio	**80**	**99**	**80**	**114**	145%
EP de Castelo Branco	alta	médio	141	121	141	127	90%
EP de Chaves	alta	médio	55	51	**55**	**70**	**130%**
EP de Elvas	alta	médio	**53**	**75**	**53**	**78**	150%
EP de Évora	alta	médio	**35**	**43**	**35**	**41**	120%
EP de Faro	alta	médio	**103**	**184**	**103**	**160**	155%
EP da Guarda	alta	médio	182	184	**182**	**193**	105%
EP de Leiria	alta	médio	**111**	**186**	**111**	**174**	155%
EP do Montijo	alta	médio	**148**	**216**	**148**	**196**	**130%**
EP de Odemira	alta	médio	56	51	**56**	**64**	115%
EP de Olhão	alta	médio	**50**	**59**	**50**	**54**	110%
EP junto da Polícia Judiciária do Lisboa	alta	médio	**116**	**134**	**116**	**124**	105%
EP junto da Polícia Judiciária de Porto	alta	médio	48	42	48	39	80%
EP de Silves	alta	médio	**58**	**77**	**58**	**77**	**135%**
EP de Viana do Castelo	alta	médio	**42**	**66**	**42**	**64**	150%
EP de Vila Real	alta	médio	**67**	**90**	**67**	**73**	110%
EP de Viseu	alta	médio	**37**	**85**	**67**	**77**	115%
EP de Bragança	média	médio	**58**	**98**	**58**	**87**	150%
EP da Covilhã	média	médio	101	86	101	101	100%
EP de Guimarães	média	médio	**73**	**103**	**73**	**96**	**130%**
EP de Lamego	média	médio	**65**	**85**	**65**	**84**	**130%**
EP de Torres Novas	média	médio	**38**	**53**	**38**	**60**	160%
			12.600	**13.999**	**12.694**	**13.440**	105%

No momento da visita, a população prisional em Portugal somava 14.007 reclusos para uma capacidade oficial de 12.600. No entanto, o nível geral de sobrelotação do sistema (i.e. 110%) mascara o facto de que alguns estabelecimentos prisionais operam muito a cima da sua lotação oficial.[166]

Observando a tabela 1, verifica-se que embora haja uma ligeira redução do número total de reclusos em 2017, o panorama de sobrelotação dos estabelecimentos continua por resolver. No início deste ano, foi anunciado pelo Governo (em resposta ao relatório do CPT) o fim da sobrelotação nas prisões portuguesas como consequência da aplicação de medidas alternativas ao encarceramento e do aumento da capacidade de alojamento.[167] Contudo, é preciso alguma atenção à forma como esta sobrelotação é calculada. Embora esta tenha de facto diminuído para os valores máximos aceitáveis no conjunto dos estabelecimento prisionais, continuam a existir várias prisões com excesso de reclusos, conforme se verifica na tabela. Por outro lado, também é preciso lembrar que os lugares adicionais criados são recorrentemente através do recurso a celas de ocupação múltipla. Convivência forçada que pode gerar situações de tensão.[168]

Outro problema estrutural (em parte também afectado pela sobrelotação) é a desproporção entre reclusos e guardas prisionais, desacerto para que se chama atenção nos relatórios – *"no geral, parece que o número de staff nas prisões visitadas não é suficiente para lidar com o tamanho e tipo de população reclusa nos estabelecimentos em questão."*[169] A partir da tabela 2, é possível constatar casos em que 200 guardas têm à sua responsabilidade a segurança de aproximadamente 1000 reclusos, o que põe em causa a protecção e operação do estabelecimento.

[166] [O último relatório do CPT corresponde a visitas realizadas entre 27 de Setembro e 7 de Outubro de 2016] *Report to the Portuguese Government on the visit to Portugal carried out by the European Committee for the Prevention of Torture and Inhumane or Degrading Treatment or Punishment* (CPT), 2016 p.24 "At the time of the visit, the prison population in Portugal stood at 14.007 prisoners for an official capacity of 12,600. However, the overall level of overcrowding within the system (i.e. 110%) masks the fact that certain prison establishments are operating way above their official capacity"

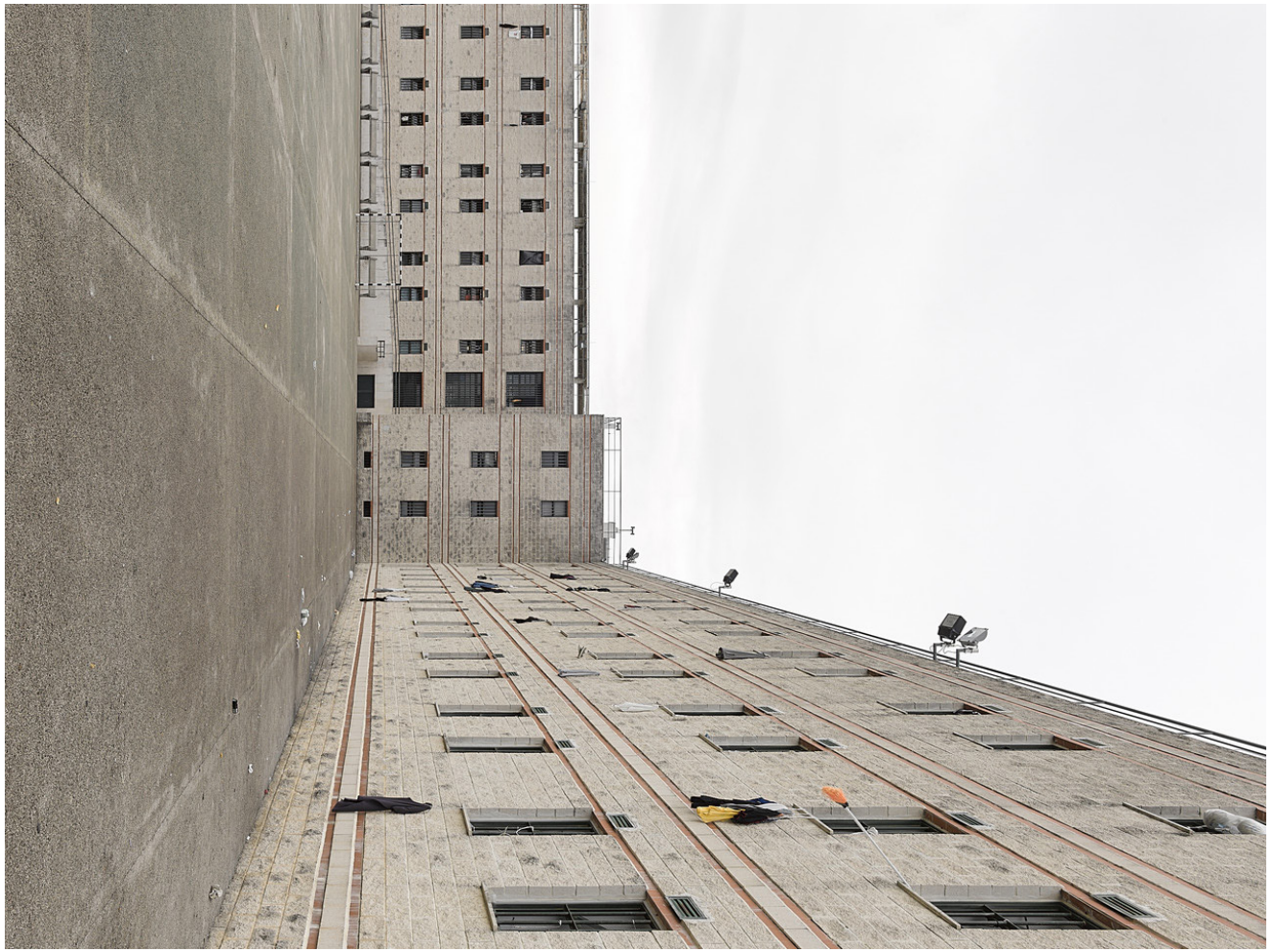
[167] Governo reage a relatório do Conselho da Europa referindo diminuição de reclusos. *Jornal Público*. [online] 2018

[168] Ver ALLISON, ERIC – The crime of a shared cell. *The Guardian* [online] 2009

[169] Relatório do CPT op. cit., p.35 "In general, it appeared that the number of staff in the prisons visited was not sufficient to cope with the size and type of the inmate population in the establishments concerned."

Tabela 2

| | data de construção actualização | arq. Cottinelli Telmo arq. Rodrigues Lima | nível de segurança | estado do edificado | | | | | | | | | 31/dez/16 | | | 31/dez/17 | | | nº de guardas | reclusão | | | | | | | | | | | | | | recreio pátio | programa | | | | | | | | | | | | | | | | | | actividades | | | | | | | | | | | | | | | | | |



130 pátio, EP da Carregueira



131 cela, EP de Lisboa

Vivemos hoje tempos de pensamento sobre a execução de penas que em muito evoluíram relativamente ao séc. XIX, ou aos anos sessenta e setenta do séc. XX.[170]

No entanto, salvo alguns melhoramentos pontuais e actualizações dos sistemas de segurança, os edifícios prisionais construídos nessas épocas mediante programas baseados no pensamento correccional vigente, são os mesmos que continuam em funcionamento – apesar de alteradas significativamente as condições sociais, económicas e políticas, as redes viárias e transportes, os meios de comunicação e a tecnologia de construção. Esta é uma das características da arquitectura prisional em Portugal, pela magnitude e custo associado, os edifícios são idealizados para perdurar no tempo. O que resulta do ponto de vista da organização, que o parque prisional esteja bastante estratificado e estabilizado, ainda que com diferentes estados de manutenção e conservação.

Os testemunhos sobre as condições do edificado e gestão dos equipamentos, das diferentes entidades e organizações que têm visitado as prisões portuguesas nos últimos anos, confirmam a precariedade desta conjuntura:

a situação das prisões portuguesas de um modo geral é horrível: muitíssimos anos de negligência dos sucessivos governos, a degradação das instalações, (...) celas em que dois detidos partilhavam um espaço que seria muito reduzido se só para um;[171]

ambientes húmidos, e por vezes, sombrios. Celas pequenas e com mobiliário desgastado;[172]

particularmente frias durante os meses de inverno devido a deficiências estruturais do edifício (janelas partidas, inexistência de sistema de aquecimento)[173]

[170] Luís de Miranda Pereira, Director Geral dos Serviços Prisionais (2002-2006) *A luz e o retrato.* p.23 *in* ANTUNES, Nuno – *Prisões, Espaços Habitados,* 2005

[171] José Miguel Júdice, Bastonário da Ordem dos Advogados (2001-2004) *Prisões Espaços Habitados* p.17 *in* ANTUNES, Nuno. op. cit.

[172] Marlene Neves, adjunta do Provedor de Justiça *in O Provedor de Justiça e a realidade prisional* [texto para a conferência: As nossas prisões: que presente e que futuro? organizada pela Ordem dos Advogados dia 21 de Outubro de 2016, Lisboa]

[173] CPT Report op. cit., p.32 "particularly cold during winter months due to the structural deficiencies of the building (broken windows, no heating system)."



132 fotografia da exposição *The Portuguese Photo Project*. espaços de reclusão, EP de Lisboa



133 espaço escola, EP de Lisboa

falta de guardas prisionais, e de viaturas celulares fiáveis (...) existência de torres de vigilância desactivadas e câmaras de vídeo avariadas (...) falta de camas, roupas de cama, colchões e produtos de higiene e limpeza.[174]

tudo isso se agregou para tornar as prisões em espaços que (...) não são dignos de serem habitados por seres humanos condenados à privação de liberdade, mas não a abdicar de condições de vida minimamente dignas.[175]

O CPT também tem alertado, nos seus relatórios, para o estado de degradação dos edifícios prisionais. Apesar de algumas obras de reabilitação os edifícios continuam com problemas estruturais, designadamente nas instalações eléctricas – *"muitas celas em toda a prisão não tinham iluminação artificial, ficando imersas na escuridão total após o por do sol"*[176] – e sanitárias, com queixas frequentes de odores fétidos. Não obstante as sucessivas recomendações, à data da última visita, ainda existiam alguns casos de instalações sanitárias sem divisórias em celas de ocupação múltipla. Do mesmo modo, persistem as advertências relacionadas com a falta de espaço. Na generalidade das prisões, continua a não existir um mínimo de 4m² por recluso tanto em celas como em dormitórios.[177]

A Ministra da Justiça, a propósito do 12º encontro Nacional da Pastoral Penitenciária, também destacou a degradação do parque penitenciário português admitindo que este é *"vetusto e necessita de intervenções urgentes"*. As promessas passam, contudo, por mais revitalizações, *"obras de beneficiação"*, e "*obras prioritárias"*, não se tratando de *"reconstrução mas de fazer obras de vulto."*[178]

---

[174] Associação Sindical de Chefias do Corpo de Guarda Prisional *in* FARIA, Natália – Falta comida, higiene e segurança nas cadeias, sobram presos. *Jornal Público* [online] 2016

[175] JÚDICE, José Miguel – *Prisões espaços habitados* p.17 *in* ANTUNES, Nuno. op. cit.

[176] Relatório do CPT op.cit., p.32 "Many cells throughout the prison did not possess any artificial lighting which plunged the cells into total darkness after sundown".

[177] 4m2 é o valor mínimo aceitável disponível por recluso para celas de ocupação múltipla segundo os padrões do CPT (ver *Living space per prisoner in prison establishments: CPT standards in* https://www.coe.int/en/web/cpt/home) o Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais e o Código da Execução de Penas e Medidas Preventivas de Liberdade não especificam quaisquer dimensões de alojamento, decretando apenas que (Art.26º do CEPMPL), (1) "os reclusos são alojados em cela individual" (2)"Os espaços de alojamento respeitam a dignidade do recluso e satisfazem as exigências de segurança e de habitabilidade, designadamente quanto a higiene, luz natural e artificial, adequação às condições climatéricas, ventilação, cubicagem e mobiliário." *in* http://www.pgdlisboa.pt

[178] Francisca Van Dunen, Ministra da Justiça (2015-) Ministra da Justiça promete revitalização de algumas cadeias. *Radio Renascença* [online] 2017 - "O Ministério da Justiça e o Governo estão a trabalhar num plano de revitalização do edificado prisional a dez anos"; "passará por obras de beneficiação"; "Não se tratará de reconstrução, mas de fazer obras de vulto. Temos mais um conjunto de outros estabelecimentos definidos como prioritários, onde vão ser feitas obras prioritárias."



134 instalações desportivas, EP de Monsanto



135 corredo, zona de reclusão, EP da Carregueira



136 portaria, EP da Carregueira

Independentemente da tipologia da planta, da organização espacial e da estratégia de funcionamento, o programa de um edifício prisional é estruturado por três zonas essenciais: a portaria, espaços comuns e zona de reclusão. A portaria, estabelece o contacto entre o interior e o exterior do complexo e contém os dispositivos relacionados com o controlo de entradas e saídas, tanto das viaturas, como do staff, das visitas ou reclusos. Os espaços comuns, materializados por apenas um ou por vários edifícios, compreendem geralmente espaços de aprendizagem, de encontro com visitas e advogados, a administração e instalações para o staff e corpo de guardas. Por fim, a zona de reclusão contém os espaços destinados à habitação dos reclusos e actividades quotidianas – celas, camaratas, balneários, pátios exteriores, refeitórios, serviços e oficinas (a localização destes últimos varia entre as zonas comuns ou as zonas de reclusão).

A partir da análise da amostra, verificou-se que para além das unidades de reclusão, é comum existirem nos estabelecimentos portugueses: salas de aula, oficinas, refeitórios, cozinha, unidade de saúde e algumas celas disciplinares.[179] Em menor número, mas ainda com alguma expressividade, identificaram-se alguns espaços para a realização de actividades desportivas, nomeadamente campos de jogos e ginásio; bibliotecas; salas de convívio; barbearia (cuja função acaba por acrescentar mais uma actividade profissional para alguns reclusos); e unidades livres de droga (de acordo com o descrito, estas estão disponíveis apenas para um pequeno número de reclusos, tendo preferência aqueles cuja libertação se encontra mais iminente).

As três prisões que contêm reclusas do sexo feminino dispõem de uma ala de maternidade que garante alojamento separado do regime comum, para mulheres grávidas ou mães com crianças pequenas. Em Tires e Santa Cruz do Bispo, está prevista inclusivamente uma creche para as crianças passarem o dia, cuja equipa de auxiliares é composta também por reclusas.

Para este estudo estão a ser contemplados apenas os espaços para usufruto dos reclusos, não considerando portanto, as instalações para administração, guardas e restante staff.

[179] Embora a amostra seja de estabelecimentos de segurança alta e especial, que em principio são dotadas de celas disciplinares, no projecto *tipo* para as cadeias comarcãs também se verifica o desenho de celas de isolamento, o que indica que a maioria dos estabelecimentos tenham alguns exemplares.



137 e 138 materialdade interior das prisões portuguesas



139 corredor, EP de Viseu



140 (esq) corredor 141 (dt) refeitório, EP de Viseu

Mencionados em menor número, estão os espaços destinados à compra de produtos alimentares, higiénicos e/ou tabaco; as lavandarias; parlatórios e quartos para visitas conjugais; e os espaços destinados a manifestações recreativas ou religiosas.

Em parte dos estabelecimentos analisados, persistem celas ocupadas por mais do que um recluso, cujas instalações sanitárias não têm divisões que garantem a privacidade face ao espaço partilhado ou supervisão do staff. Os problemas de excesso de ocupação implicam que as celas teoricamente desenhadas para um só recluso sejam divididas por dois às vezes três indivíduos. Estendendo-se o mesmo problema para os dormitórios. Com particular insalubridade, destacam-se os espaços de alojamento destinados a reclusos que, pelo tipo de crime cometido ou por especial vulnerabilidade, tenham de estar afastados da população em regime comum, o que significa passar a maior parte do dia dentro destas camaratas com condições de habitabilidade deficientes.[180]

A descrição dos espaços visitados, mas sobretudo a documentação fotográfica indica que a imagem do interior da generalidade das prisões portuguesas é, à semelhança do exterior, preponderantemente impessoal e austera. Grandes blocos de celas contrastam com pequenas celas sombrias e pobres, distribuídas ao longo de corredores ou galerias, cujas sombras e soma de portas criam um ritmo acelerado e intenso.

Os pátios ou recreios são geralmente despidos e claustrofóbicos e onde a apropriação dos poucos objectos existentes tende a criar mais situações de stress do que de lazer. A esta escala, os símbolos arquitectónicos do poder e controlo são sobretudo as janelas – pequenas e gradeadas – os gradões que materializam o controlo sobre o espaço, mas também sobre o indivíduo que só os pode transpor mediante autorização; e as portas, cujo som característico dos postigos e fechaduras é constantemente descrito como provocador de ansiedade.

Para além da repetição destes elementos, a imagem predominante prende-se com cores e texturas monótonas, assim como com materiais frios e inquebráveis.

[180] Ver, por exemplo, o relatório do CPT op. cit., p.30-31





142, 143 e 144 (dt) pátios exteriores, EP de Tires





145 dormitório



146 pátio exterior com zona coberta

Na exposição *The Portuguese Prison Photo Project,* era evidente a recorrente utilização de cerâmico em todas as cadeias da amostra, tanto no pavimento como nas paredes. Sendo um material barato e de fácil lavagem, compreende-se a tentação de reproduzir esta solução. Contudo, o exagero da sua aplicação, a falta de variação e cor, reforçam o carácter genérico e apático dos ambientes prisionais.

De forma idêntica, o mobiliário encontra-se frequentemente em más condições e é reduzido ao mínimo essencial. É pensado para ser ou o mais resistente e indestrutível possível, ou o mais barato e descartável, ao invés de servir para ser manuseado e proporcionar conforto.

Analisando os elementos disponíveis, subentende-se uma opinião consensual de que os ocupantes destes espaços não devem ter direito a mais do que o mínimo essencial.

> *O secretismo sobre a vida prisional, traço indelével do sistema prisional, tornou a visão idealista da vida prisional – por vezes comparada à estadia em hotéis – uma referência justaposta e associada à prisão como um mundo extra-social, onde se albergam seres com forma humana mas extra-sociais eles mesmos, reminiscências do passado tradicional que, por anomia, não foi possível ainda liquidar.*[181]

Conforto, socialização, respeito e reconhecimento do individual, são regularmente comparados a luxos (veja-se o exemplo de Bastoy constantemente referida como *cuchy, luxurious* e *holiday camp-like prison,* apesar dos resultados de sucesso).[182]

Neste sentido, e quando o objectivo é proporcionar apenas o mínimo aceitável, o mais rapidamente possível e com o menor custo de construção e gestão, o sacrifício da qualidade do espaço é inevitável. Em particular no destinado às actividades alternativas, cuja desconsideração programática é ainda mais evidente. O que se pode constatar com este modelo, ou com esta forma de pensar a arquitectura prisional, é que não somente restringe a introdução de ideais de ressocialização, como resulta também em impactos individuais, sociais e económicos negativos.[183]

[181] DORES, António Pedro – *Modernização das Prisões* p.7 *in European Prisons – starting a debate*. 2003

[182] JAMES, Erwin – The Norwegian Prison where inmates are treated like people. The Guardian [online] 25 Fevereiro 2013

[183] LÓPEZ, Marayca – How to build for success: prison design and infrastructure as a tool for rehabilitation. Penal Reform International [online] 2014 "this model of imprisonment has not only constrained the introduction of rehabilitative ideals but has resulted in negative individual, societal and economic impact."

Nota

Rodrigues Lima (1909-1980) é autor de um impressionante número de edifícios do Estado Novo, em particular construções prisionais e tribunais. Para além de dezenas de cadeias comarcãs, destacam-se duas prisões centrais (Linhó e Paços de Ferreira), uma Prisão Escola (Leiria), duas colónias penais (Sintra e Santa Cruz do Bispo), uma cadeia para mulheres (Tires) uma cadeia penitenciária (Alcoentre) um sanatório prisional (Guarda) um hospital prisional (São João de Deus) e quatro reformatórios. Projectos que se encontram ainda hoje em funcionamento. Escreveu *Arquitectura Prisional*, documento que reúne considerações importantes sobre os equipamentos prisionais que projectou. Contributo fundamental para perceber como são os edifícios prisionais em Portugal, e que desígnios punitivos moldaram o seu desenho.

Elói Castro, fundador do atelier C.A Arquitectos, Lda. é o autor do Estabelecimento Prisional de Vale do Sousa (1998), adjacente à antiga Cadeia Central do Norte, hoje EP de Paços Ferreira (1957). Para além de Vale do Sousa, o arquitecto esteve envolvido num estudo prévio para a Cadeia do Campo em Viseu, e participou como consultor numa equipa que concorreu para a realização do EP de Angra do Heroísmo. O seu testemunho, torna-se por estes motivos peça importante neste trabalho, como ponte entre os temas teóricos abordados e a realidade concreta do sistema prisional português.

O interesse em perceber como se posiciona o *arquitecto* neste sistema, quais os seus limites e liberdades de criação, motiva a análise das intenções de projecto destes dois arquitectos que representam contextos, cronologias e tecnologias distintas. A partir de uma entrevista a Elói Castro, estabelecem-se então relações com as opções projectuais do arquitecto Rodrigues Lima, expondo os temas essenciais do universo penitenciário. Do confronto sobre os diferentes significados do espaço em meio prisional, reconhecem-se possíveis aproximações às condições particulares do dispositivo, que por sua vez, definem as circunstâncias do habitar.

Processo de desenho
através de Elói Castro e Rodrigues Lima

168 contexto
170 modelo contrutivo e layout
172 zona de reclusão
172 celas individuais *vs* colectivas
174 materiais e mobiliário
176 instalações sanitárias
178 celas de isolamento disciplinar
178 areas de formação e ocupação profissional
180 sector de visitas
180 segurança
180 espaços verdes
181 incêndios
181 notas finais



147 Ep de Vale do Sousa e EP de Paços Ferreira

O projecto de Vale do Sousa foi ganho por concurso, num período em que o Ministério da Justiça considerou prioritário desenvolver novas cadeias. Contudo, depois da atribuição do projecto, este esteve parado anos. Segundo o arquitecto, foi muito moroso conseguir uma pormenorização do programa e respostas a dúvidas. Só tendo sido possível engrenar definitivamente o projecto após uma reunião com o subdirector dos serviços prisionais.

Da parte de uma boa parte dos técnicos havia uma guerra...uma resistência a entrar alguém de fora que não era quem costumava fazer os projectos do costume. Enfim o corporativismo a funcionar.

A circunstância esporádica de um concurso, contrasta com um momento de reforma prisional cuja intervenção no sistema não é somente projectual. Em 1936 estabelecem-se novas directrizes no sentido de reorganizar o quadro global do sistema, que vão definir não só a estrutura das penas, como o regime interno das prisões e os tipos de estabelecimentos prisionais a construir. Estes seriam da responsabilidade da Comissão das Construções Prisionais, criada exclusivamente para projectar edifícios de carácter penitenciário. Constituída não só por arquitectos, mas também por outros profissionais de áreas de interesse, desde engenheiros a penitencialistas, reúnem-se assim os conhecimentos necessários para fixar as questões funcionais, tipológicas, e de programa fundamentais para intervir no território a uma escala nacional.

Embora com estruturas de resposta diferentes, estes dois momentos de intervenção tem origens semelhantes: a sobrelotação estrutural e a desadequação do edificado existente para responder ao aumento de população prisional. Como tal, em ambas situações era necessário construir em número significativo, com celeridade e custos controlados.

O projecto de Vale do Sousa, destacou-se por representar um modelo construtivo capaz de ser multiplicado de forma rápida e eficaz.

Tudo é pré fabricado. Desde as lajes, às zonas interiores, às fachadas, às próprias torres de vigia.

Na mesma linha de contenção económica, foi ainda proposto aproveitar o máximo



148 limite e torre de vigia, EP de Vale do Sousa



149 projecto ECOAR na prisão de Vale do Sousa. (ao fundo) EP de Paços Ferreira

de sinergias e serviços comuns da cadeia antiga para a nova ala. Um dos exemplos desta intenção é a distribuição das torres de vigia. Num terreno rectangular, o habitual é existirem quatro torres, uma por cada vértice do limite perimétrico. Este projecto previu apenas três, valendo-se de uma das torres de Paços Ferreira que faz a vigia das duas cadeias simultaneamente. Outra particularidade do projecto, é a implantação num terreno com uma pendente acentuada. Segundo Elói Castro, não foi possível aplanar o terreno como é prática habitual neste tipo de equipamentos (nos quais se inclui Paços Ferreira) a não ser com custos muito elevados. Por esse motivo, optou-se por construir em patamares, utilizando a posição dos seis edifícios que compõe o complexo para vencer as diferentes cotas.

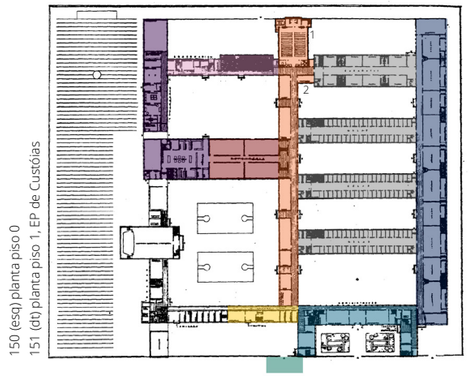
Estes edifícios, organizam-se no terreno de acordo com as suas diferentes funções – controlo de entradas/saídas, serviços comuns e reclusão. Os dois primeiros (a portaria e o edifício comum) relacionam-se através de um pátio e separam-se do exterior apenas pela cerca metálica com arame farpado que estabelece o perímetro de 600m. Já os três pavilhões de reclusão – paralelos entre si, formal e funcionalmente idênticos – estão delimitados por um muro de 7m de altura e comunicam com os restantes edifícios através de uma galeria onde se encerram todos os percursos possíveis.

No fundo uma cadeia é uma soma de cadeias. Cada bloco destes funciona como uma unidade praticamente autónoma portanto os reclusos depois de cá estarem vivem neste bloco e neste pátio. Não há interacção entre blocos.

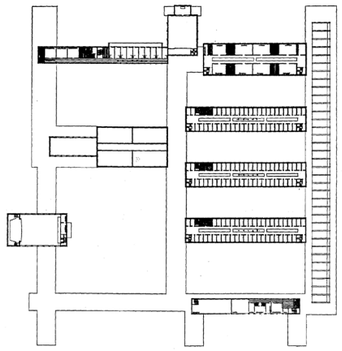
O layout de Vale do Sousa sintetiza os dois partidos arquitectónicos utilizados por Rodrigues Lima para as grandes cadeias do norte. No EP do Porto (vulgo Custóias) o arquitecto adoptou a solução tipológica em espinha. Conforme este esquema, os pavilhões destinados à reclusão organizam-se paralelamente entre si e ortogonalmente a uma galeria central de distribuição. Com esta disposição consegue-se "*orientar as celas da melhor forma possível em relação aos raios solares*"[184] e *"separar os preventivos dos condenados (...) primários e mais pervertidos e ainda dentro destes, os que necessitem dum isolamento ou assistência mais demorada.*"[185]

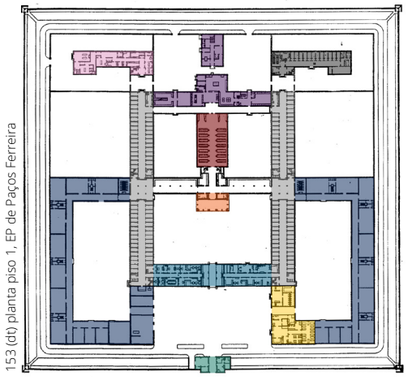
[184] LIMA, Rodrigues. op. cit., p.138

[185] ibid. p.179

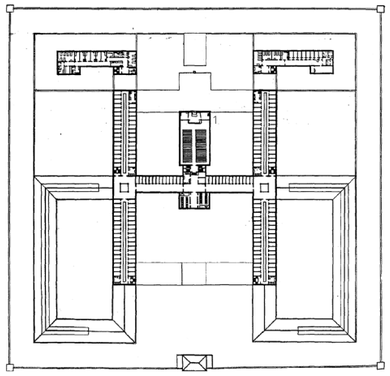


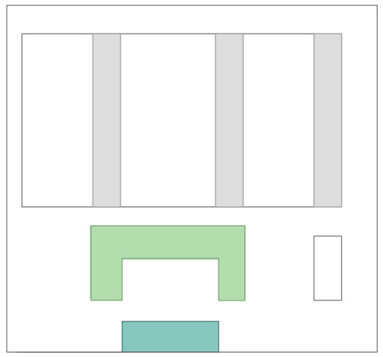
150 (esq) planta piso 0
151 (dt) planta piso 1, EP de Custóias





152 (esq) planta piso 0
153 (dt) planta piso 1, EP de Paços Ferreira





154 organograma de distribuição do programa,
EP de Vale do Sousa

- portaria
- administração
- espaços de visita
- espaços recreativos ou de formação (salas de aula, de convívio, biblioteca, capela, ginásio)
- oficinas
- refeitório
- serviços (cozinha, lavandaria)
- unidade de saúde
- unidade de segurança
- zona de reclusão
- edifício comum
- espaços verdes (horta)
- 1 capela
- 2 barbearia

Já Paços Ferreira, é desenhada segundo a tipologia concentracionária ou em ferradura, cujo objectivo é concentrar a comunidade reclusa no centro das instalações, dificultando tentativas de evasão. Assim, e destacando-se pela altura, a zona de reclusão ocupa o centro do edifício, afastando os detidos dos dois limites da composição. Economizando circuitos e evitando o atravessamento de zonas descobertas, garantindo assim maior segurança.

O esquema de implantação é portanto um tema que aproxima os dois arquitectos, que verificaram a necessidade de por um lado dividir a população reclusa em unidades mais pequenas, e por outro, afastar as zonas de reclusão dos limites do terreno, impedindo tentativas fuga.

Cada bloco de reclusão de Vale de Sousa é constituído por três pisos. No primeiro, organiza-se o programa colectivo: salas de trabalho, salas de convívio e refeitório. A circulação nestes espaços e dentro do bloco é relativamente livre, supervisionada apenas por um guarda que se encontra no gabinete do chefe de ala. A partir deste espaço, situado no topo do edifício, é ainda possível controlar os acessos à galeria que conduz à ala comum. Os restantes pisos do pavilhão, destinam-se ao programa mais privado – as celas – cuja ocupação é tanto colectiva como individual. Segundo o arquitecto, esta distinção teve essencialmente que ver com questões de programa:

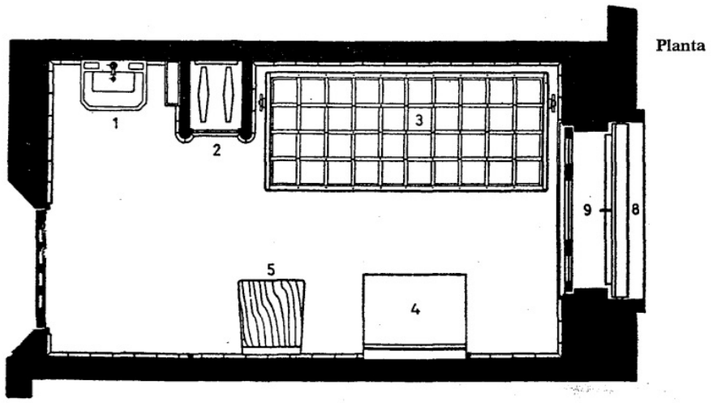
As celas variam muito de estabelecimento prisional para estabelecimento prisional em Portugal. Mesmo as que foram desenhadas para serem individuais acabam por ser colectivas, porque as cadeias estão sobrelotadas.

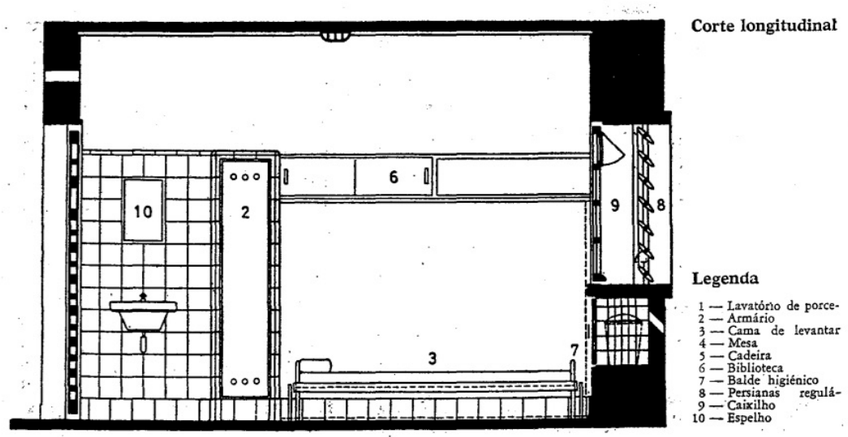
É uma questão de programa, porque se achava que esse devia ser um rácio a utilizar no momento. Uma percentagem de celas individuais e as outras colectivas.

Ao contrário do layout as celas são um tema de divergência, notando-se um claro contraste no que toca ao seu desenho. Em Paços Ferreira, por ser uma cadeia originalmente destinada a uma população com penas até três anos, todas as celas são individuais. Em Custóias, 80% da acomodação é do tipo celular, tendo-se previsto algumas camaratas (para aproximadamente 100 reclusos). Estas serviriam sobretudo como uma salvaguarda, mercê de ocasionalmente se verificar a necessidade de

Projecto de cela tipo — Arquitecto Rodrigues Lima.

A ideia em que se baseou a elaboração deste projecto foi dar à cela um ambiente menos severo e mais habitacional. As suas dimensões são: 2,00 de largura por 3,50 de comprimento e 2,65 de altura.





155 planta e alçado da cela ***tipo*** de Rodrigues Lima

proceder a numerosas detenções provenientes do grande núcleo habitacional e industrial servido por esta cadeia. Para Rodrigues Lima, a cela não corresponde somente a um item do programa, pelo contrário ela é o *"elemento básico do partido arquitectónico e, do seu criterioso estudo analítico dependerá não só todo os conjunto mas, o que é muito mais importante segundo a opinião dos mais conceituados penitencialistas, a possível regeneração dos reclusos."*[186]

As celas devem portanto aspirar a um *"ambiente mais acolhedor, menos deprimente e menos uniforme"*.[187] No estudo analítico da cela que realizou, o arquitecto procurou dar à cela,

> *'o aspecto de uma reduzida unidade habitacional, onde a exiguidade de espaço expressa pelo mínimo humanamente racional, fosse compensada pelo máximo aproveitamento do mesmo, havendo uma interpenetração das zonas, consoante o desfasamento da sua utilização."*[188]

A cela tipo proposta, tem uma área de 7m² (2,00x3,50), um pé direito de 2,65m de altura, e uma janela de vão 1,1x1,1m. Números que foram obtidos através da realização de estudos parciais relativos ao consumo de ar, ventilação e iluminação. Apesar das modestas dimensões, existe de facto uma intenção de máximo aproveitamento do espaço disponível, nomeadamente através da disposição e escolha do mobiliário. A cela está equipada com um armário para guardar objectos pessoais, uma cama escamoteável que se integra no armário quando recolhida, libertando o solo, uma mesa também escamoteável, e uma cadeira.

Segundo Elói Castro, em Vale do Sousa, com a excepção do equipamento fixo, todo o restante mobiliário foi deixado totalmente fora do critério do arquitecto, limitando a sua intervenção apenas aos materiais de superfícies.

> *Procuramos fugir um bocado ao que eram as cores habituais das cadeias, portanto cores muito frias e nós temos tons mais quentes. Procuramos que isso fosse mais suave do ponto de vista psicológico. Embora com materiais que tem a preocupação da durabilidade e da facilidade de limpeza.*

[186] LIMA, Rodrigues. op. cit., p.237
[187] ibid. p.237
[188] ibid. p.240



156, 157 e 158 *galeria panóptica tipo*, zona de reclusão.



159, 160 e 161 EP de Custóias

No que respeita aos acabamentos da cela, Rodrigues Lima especifica que as paredes deveriam ser pintadas com cores suaves respeitando estudos de cromoterapia:

> *'as cores e tonalidades a aplicar serão diferentes para cada parede atendendo a estudos médicos antroposóficos nos seus trabalhos de «cromoterapia» que nos dão valores em percentagem da reflexão e da absorção das cores primárias e derivadas.'*[189]

Na zona destinada à higiene, que se distingue pelo revestimento em azulejo, um lavatório em porcelana, um espelho, e uma pequena prateleira de mármore encastrada na parede, totalizam o conjunto.

> *'A questão de existir ou não retrete com a respectiva canalização de esgoto dentro da cela, já foi apreciada por esta Comissão em relatório anterior: se por um lado somos impelidos a aceitar a primeira hipótese, por amor ao progresso, por outro hesitamos (...) a solução da vasilha metálica portátil, de vedação hidráulica, continua a parecer-nos a solução mais económica, prática e de menos inconvenientes.'*[190]

Na sua cela tipo Rodrigues Lima, desenha uma zona propositadamente para arrumar e ocultar essa vasilha:

> *'sob o peitoril da janela e vedado com uma pequena porta de madeira ou ferro, um nicho cuja ventilação directa para o exterior se fará por meio de uma conduta sifónica, guarnecida no final com rede mosquiteira presa a um caixilho metálico, servirá para arrumar o balde sanitário para serviço nocturno.'*[191]

Apesar do balde higiénico só ter sido erradicado definitivamente das prisões portuguesas em 2009[192], o projecto para o EP de Vale do Sousa já previa para além do lavatório, um duche e uma sanita dentro da cela, o que demonstra uma maior sensibilidade com as questões da privacidade. Porém, estas instalações sanitárias foram desenhadas sem nenhuma separação com o restante espaço da cela, pondo em causa a dignidade dos reclusos.

São abertas e com visibilidade a partir da porta para poder controlar.

---

[189] LIMA, Rodrigues. op. cit., p.245

[190] Relatório Comissão das Construções Prisionais sobre Cadeias Comarcãs – Construções Prisionais. Cadeias Comarcãs. *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos.* nº3, Lisboa: Abril, 1938 p.81

[191] LIMA, Rodrigues. op. cit., p.245

[192] Balde 'pouco higiénico' erradicado das cadeias portuguesas. *Jornal Público* [online] 2009



162 blocos de reclusão, EP de Vale do Sousa



163 muro da zona de reclusão e limite exterior, EP de Vale do Sousa







164 e 165 pátio e bloco de reclusão (dentro e fora)
166 torre de vigia e cerca metálica, EP de Vale do Sousa

Uma outra particularidade, é uma orientação para a prevenção da destrutibilidade destes equipamentos, que num estabelecimento de regime comum parece um tanto excessiva.

As sanitas, os duches, toda essa parte já está muito actualizada com equipamentos em inox (...) espelhos em inox também para não partirem e poderem ser usados como armas. Os fluxómetros dos chuveiros e das sanitas são especiais. Lá dentro só há um contacto pneumático e portanto toda a manutenção é feita do lado de fora da cela, não é acessível de forma alguma. O autoclismo não é acessível, a canalização... isso já foi bem preparado.

Para além das celas individuais e colectivas, existem algumas celas de isolamento localizadas na cave do pavilhão comum.

São quatro ou cinco celas (...) em termos de áreas semelhantes às outras; em vez de terem o pátio todo têm um pátio mais restrito. Não têm é contacto com ninguém. E isto é o pior que pode acontecer a um recluso seja ele qual for. Apesar da violência, apesar de tudo, cada pavilhão destes é efectivamente uma unidade. E portanto esses laços de comunicabilidade social, que são com regras completamente diferentes das que nós temos cá fora, são extremamente importantes para os reclusos. Daí que seja muito importante (...) que as áreas comuns e de convívio sejam particularmente atractivas e bem desenhadas para fomentar exactamente essa sociabilidade e interacção. Julgo que o desenho destas coisas tem alguma importância mesmo ao nível da redução de alguma violência do ponto de vista psicológico.

Uma grande diferença programática entre os projectos do arquitecto Rodrigues Lima e Vale do Sousa, são as áreas destinadas à formação e ocupação profissional. Enquanto em Custóias se procurava uma maior intensificação da vida em comum e promoção de actividades educativas (através de espaços como oficinas de trabalho, salas de aula, biblioteca, uma sala para ginásio e manifestações recreativas e uma capela) no projecto de Vale do Sousa estes espaços tem pouca expressividade.

Existem umas pequenas áreas em cada um dos pavilhões mas nada de muito significativo porque teoricamente o tipo de reclusos que aqui se previam, iam estar mesmo de castigo, digamos assim.





167 e 168 EP de Vale do Sousa

A zona de visitas, pelo seu carácter de utilização mista, foi pensada no sentido de permitir mais algum conforto e liberdade. Segundo o arquitecto, existiu a preocupação de criar um ambiente o mais descontraído possível e completamente diferente do que é o ambiente de reclusão.

É mais aberto, tem mais luz. Os materiais são completamente diferentes. Essa preocupação do que é fora e o que é dentro, são claramente distintos.

Esta zona, especialmente o parlatório, marca tanto pela sua função como pela sua posição na composição – entre a zona de reclusão, fechada; e a portaria, que dá acesso ao espaço livre – o lugar entre a realidade do que é estar detido e a liberdade. Por ser um lugar de especial tensão, impõe-se ao mesmo tempo questões importantes de segurança. Nesse sentido, houve a necessidade de pensar alguns artifícios para controlar os movimentos dos indivíduos, seja através da sala de espera que permite conter de forma controlada as visitas, ou através dos percursos de entrada e saída.

O percurso de entrada é relativamente directo. O percurso de saída é um percurso que demora tempo e que permite formar filas. A ideia é que as visitas sejam retidas enquanto o recluso não chega à cela.

As questões de segurança são efectivamente um dos elementos mais importantes de um edifício prisional e foi evidente ao longo da conversa com o arquitecto que essa era uma das condições principais e com mais destaque no desenho.

O controlo planimétrico era importantíssimo. Para além das torres de vigia com guardas armados, havia duas cercas e havia ainda o caminho de patrulhas. Porque lá dentro durante muitas horas do dia se o recluso conseguir sair da cela há videovigilância para o chefe de ala.

Do mesmo modo, quando questionado sobre a insuficiência de espaços verdes nos equipamentos prisionais, o arquitecto justificou-a reforçando as questões de segurança.

São praticamente inexistentes. Qualquer coisa é possível de transformar numa arma muito rapidamente, um pau ou deitar fogo. Essa questão do deitar fogo, é das partes mais complicadas e que até é às vezes chocante, que é a questão da segurança contra incêndios. Normalmente na maioria dos estabelecimentos se há um incêndio as

portas abrem para as pessoas saírem. Numa cadeia não pode acontecer isso, se não existiam incêndios todos os dias. Quando há um incêndio fecha tudo. Fecha tudo e depois é feito de forma a que a zona de incêndio seja o mais seccionada possível (...) mas não abre mais nada. Isto tem lógica, percebe-se, mas é simultaneamente chocante... Claro que a perspectiva é a de que a zona está isolada, há intervenção de combate e as coisas controlam-se sem afectar mais...

Em Custóias, apesar do pouco espaço disponível, o arquitecto preocupou-se com a existência de uma zona natural, não ocupando intencionalmente ¼ do terreno, de modo que *"alguns reclusos, pela sua idade, ou por doença, ou ainda pelo pouco tempo porque estejam detidos possam exercer a sua actividade em horticultura e jardinagem."*[193] Quando questionado sobre os problemas mais urgentes do sistema português, e sobre o que significa uma boa arquitectura prisional, Elói Castro destacou algumas premissas importantes:

Primeiro, cadeias suficientes para resolver os problemas de sobrelotação. Depois fazer cadeias especializadas porque misturar os reclusos de diversos tipos todos no mesmo espaço não funciona, não é possível.

Tem de ser adequado do ponto de vista da função (...) e que naturalmente depois tenham em atenção o que provavelmente é o mais importante na arquitectura, que é a qualidade dos espaços em função dos utilizadores. Ter o utente dos edifícios como primeiro elemento que está na cabecinha dos arquitectos, é fundamental. E para isso é preciso que as próprias comunidades participem o mais possível na elaboração dos projectos e sejam ouvidos, o que também não é muito português.

Uma das coisas que poderia ser interessante, que não se faz, é a população em geral conhecer melhor as cadeias. As cadeias são um mundo à parte. É um buraco negro que ninguém sabe o que se passa lá dentro nem como é que se passa.

Nem os governantes tem muita disponibilidade mental para pensar no tema, os governantes e os responsáveis pelos serviços prisionais, nem temos dinheiro para isso. E portanto, fica tudo a acumular-se, problema em cima de problema.

[193] LIMA, Rodrigues. op. cit., p.179

A aproximação ao projecto do dispositivo prisional não é universal e depende tanto das intenções de projecto do arquitecto como de circunstâncias externas a este. Sobretudo quando o arquitecto tem pouca autonomia e não faz parte dos processos de decisão de questões importantíssimas como, no caso de Vale do Sousa, o programa. Por estes motivos, o resultado formal e funcional tanto pode tender para questões como a punição, a segurança e a disciplina, como para visões de integração social, responsabilização ou capacitação pessoal.

Por outro lado, a pressão para a contenção de custos é outra condicionante que afecta significativamente a qualidade do projecto. Vale do Sousa vai de encontro à tendência das construções prisionais da década de noventa, que procuraram compensar os cortes orçamentais recorrendo à standardização e a materiais/equipamentos baratos, sem no entanto restringir o aparelho de segurança. Apesar da necessidade de utilizar materiais de superfície baratos, esta preocupação não se estendeu às instalações sanitárias – de aço inox – um tanto excessivas para um equipamento de regime comum. Não seria mais eficaz aplicar os recursos em programas de gestão de comportamento, ou em espaços que ajudassem a mitigar o stress e a pressão psicológica, do que tentar proteger o equipamento desses acessos de violência?

Sem dúvida alguma, as questões de segurança são de singular importância num lugar desta natureza. No entanto, sem o equilíbrio destas com oportunidades de descompressão, lazer, sociabilidade ou formação, qualquer equipamento prisional tenderá rapidamente para a institucionalização[194] do indivíduo, tão prejudicial para o sucesso da reintegração na sociedade. Apesar de quase meio século de diferença a preocupação com o programa recreativo e de formação é maior nos projectos de Rodrigues Lima, que considerava *"que qualquer cadeia deve possuir, além de um partido arquitectónico simples e claro (...) um ambiente, que permita adivinhar e compreender a existência de uma acção verdadeiramente pedagógica."*[195] A escassez de espaços de cariz

[194] institucionalização ou síndrome institucional, é um termo da psicologia que se refere a défices de interacção social que se desenvolvem após um certo tempo de internamento em qualquer das *total institutions*.

[195] LIMA, Rodrigues. op. cit., p.159

ocupacional e recreativo justificados pela ideia de castigo a que deveriam ser sujeitos os detidos em Vale do Sousa, contrasta com um espaço de visitas mais sensível à importância dos laços afectivos, do que o desenhado, por exemplo, para as *Cadeias Comarcãs tipo*.

Estes elementos demonstram que encontrar novas formas de pensar a prisão, pode também envolver identificar as boas decisões de projecto, das velhas prisões. Por outro lado, projectos recentes não são sempre sinónimos de progresso, já que esta tipologia depende significativamente da disponibilidade do poder político, e como tal, da opinião pública, cujos interesses nem sempre estão alinhados com posições de reintegração e ressocialização da população reclusa.

4

Potenciação de Práticas

Motivações e propósitos

188 sobrelotação
190 ocupação
192 comunidade exterior

Como se procurou demonstrar na primeira parte deste trabalho, o desenho da prisão sempre foi uma ferramenta de apoio aos pensamentos, ideias e concepções punitivas independentemente da época. Enquanto instituição, assistimos à transformação da prisão, que começou por servir como veículo punitivo, posteriormente dispositivo de disciplina e vigilância e por fim meio físico de isolamento. Não obstante, e apesar das diferentes experiências de regime e organização espacial, "*o princípio do encarceramento permanece o mesmo: manter um corpo dentro dos limites controláveis de um dado espaço, separado do resto da sociedade.*"[196]

Neste terceiro momento do trabalho, interessa então questionar, tendo em conta o papel significativo que a arquitectura pode ter, qual poderá ser o seu contributo para que a prisão possa realmente, ser palco de ressocialização.

Embora seja questionável que o mundo precise de mais prisões, é inegável que o que o mundo precisa é de melhores prisões que acompanhem o progresso da filosofia e práticas correccionais.[197]

Construir novas prisões em situações em que as prisões no activo apresentem elevado estado de degradação e instalações insuficientes e ultrapassadas pode ser uma contribuição útil para a reforma penal. Contudo, é perigoso assumir que mais prisões podem ser uma solução em si mesma, como mostra a experiência norte americana e chilena. O programa de construção acelerada, implementado nestes países, só resolveu os problemas de sobrelotação parcialmente, acabando por motivar pelo contrário penas mais duras e mais condenações, alimentando um ciclo vicioso.[198]

---

[196] Carcelar Environments. Politics of Space and Bodies. *The Funambulist*, vol. IV 2016 p.11 "The principle of incarceration remains the same: keeping a body within the controllable limits of a given space, separated from the rest of society."

[197] LÓPEZ, Marayca. op. cit. "while it is questionable that the world needs more prisons, it is undeniable that what the world needs are better ones to keep pace with the progress in correctional philosophy and practices."

[198] Os dados sobre o sistema prisional dos EUA são muito claros neste ponto: "Nos últimos vinte anos, a população prisional dos Estados Unidos cresceu 700%, embora a população total tenha aumentado apenas 20% e a taxa de criminalidade tenha diminuído." Citação original: "Over the past twenty years, the prison population of The United States has grown 700%, even though out total population has increased only 20% and our crime rate has decreased. With our total imprisoned population now over 2,000,000, we incarcerate more people per capita than any other country that publishes statistics on prisons." *in* http://www.adpsr.org/home/the_prison_crisis



169, 170 e 171 imagens de uma cela do EP de Coimbra

Em Portugal, as várias reformas prisionais planeadas no último século, estiveram sempre dependentes de acomodações insuficientes, tanto face ao aumento de população, como ao aumento da criminalidade. Por este motivo, a reabilitação e construção de novos edifícios prisionais esteve sempre associada a um programa que permitisse construir o maior número de edifícios, o mais rapidamente possível, e com o menor custo de construção e gestão.[199]

A sobrelotação está então, geralmente, associada a edificado que pretende responder às necessidades mais urgentes de acomodação, mas que abdica por vezes de importantes recursos. Estes, poderiam ser utilizados para fins ocupacionais, formadores, sociais ou terapêuticos, que efectivamente pudessem ser aliados à missão institucional da prisão. Nesse sentido, é também um dos factores que mais significativamente pode interferir com o processo de reabilitação dos reclusos. Segundo Leslie Fairweather, há uma grande tendência para as prisões mais sobrelotadas serem menos eficientes,[200] afectando tanto o quotidiano, como a gestão e o funcionamento da prisão a vários níveis.

Assim, a sobrelotação é um problema que condiciona não só a qualidade da arquitectura dos edifícios prisionais, a experimentação, e possíveis ideias de reforma, mas também as próprias condições de habitabilidade e funcionamento das instituições.

Num plano mais intuitivo, a sobrelotação pode ser igualmente responsável por problemas de segurança derivados da desnivelação da proporção entre o número de reclusos e guardas. Por outro lado, afecta também significativamente as condições ambientais. Isto é, os recursos e espaço disponíveis têm de ser divididos por um maior número de reclusos, o que pode fazer escalar as concorrências, relações de poder e produção. Os padrões de ocupação são alterados, e as celas passam frequentemente a ser divididas por dois, às vezes três reclusos, assim como as instalações sanitárias dentro destas, que geralmente não tem barreiras físicas com o restante espaço. Só esta alteração já é suficiente para contrariar em absoluto as

[199] É possível observar este tipo de resposta tanto nos edifícios desenhados pela Comissão das Construções Prisionais, como em projectos mais recentes, nomeadamente as novas instalações da prisão de Paços de Ferreira.

[200] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.32



172 oficina de tipografia, EP de Coimbra

normas sociais aceites, retirando dignidade às acomodações e consequentemente aos indivíduos. Por sua vez, a sensação de claustrofobia e a falta de privacidade condicionam substancialmente a expressão da individualidade, a autonomia e a distância psicológica dos outros, factores de desestabilização emocional.

A sobrelotação desequilibra, ainda, a relação entre oferta e procura de trabalho. Num equipamento que foi desenhado para um número especifico de reclusos e consequentemente tem capacidade para comportar um número proporcional de actividades, podem-se desenvolver problemas de falta de ocupação. Segundo Rui Abrunhosa Gonçalves, uma ocupação é uma fonte de equilibro psiquilógico para o recluso. A largo prazo, a inactividade acentua o isolamento, que pode trazer perturbações de vária ordem, conflitos, até suicídio.[201] Num equipamento que ultrapasse largamente a lotação original é ainda mais difícil garantir actividades e trabalho a uma grande parte da população prisional.

Os relatórios do CPT também alertam para a escassez de actividades relevantes e com significado em Portugal: para além de algumas actividades desportivas, a maioria dos reclusos passa os dias sem ocupação, vadiando pelas alas.[202] Segundo o relatório do Prison Observatory, a formação vocacional que existe, é independente de qualquer trabalho disponível, muito limitada quanto às áreas vocacionais, e apenas existe em alguns estabelecimentos.[203]

Houve, contudo, épocas em que havia oportunidades de aprender vários ofícios (serviços eléctricos, construção civil, mecânica de automóveis, marcenaria, calçado, tipografia, etc). Porém, hoje em dia, a maioria do trabalho disponível é na limpeza e manutenção dos estabelecimentos.

> *Há também o recrutamento de reclusos por empresas privadas que organizam trabalho tanto no interior como no exterior das instalações prisionais; mas, mesmo com estas, as oportunidades de emprego são insuficientes.*[204]

---

[201] GONÇALVES, Rui Abronhosa – *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão.* 2000 p.182

[202] Report to the Portuguese Government on the visit to Portugal carried out by the European Committee for the Prevention of Torture and Inhumane or Degrading Treatment or Punishment (CPT) Council of Europe, 2012 p.28

[203] DORES, Antonio Pedro; PONTES, Nuno & LOUREIRO, Ricardo - *Prison Conditions in Portugal.* 2013 p.25

[204] ibid. p.25

As condições em que se organizam estes empregos, não estimulam, todavia, uma maior adesão:

> *Não há seguro de trabalho, o que causa dificuldades (e eventualmente negligencia) em assegurar os recursos necessários para tratar e reabilitar os reclusos que sofram acidentes de trabalho. Não há medidas de segurança a ser implementadas nos locais de trabalho, nomeadamente devido à falta de equipamento e protecção. Os reclusos recebem desde 60 a um máximo de 100 euros por mês.*[205]

Nas recomendações publicadas este ano pelo CPT, insiste-se novamente na necessidade de proporcionar oportunidades de emprego, formação vocacional, e ensino com significado, que possam ser relevantes para a readaptação à vida em liberdade. É também consensual que melhores oportunidades reduzem a reincidência. *"Ter uma forma de ganhar a vida é um dos elementos mais importantes para que o recluso tenha capacidade de se reintegrar na sociedade após a saída da prisão."*[206] Principalmente quando o encarceramento por si só, já implica a marginalização daqueles que já eram marginais ao mercado de trabalho. No que respeita qualquer reforma prisional, deve ser uma prioridade investir em programas de aquisição de competências, escolaridade, formação profissional e oportunidades de trabalho, que possam incentivar e colmatar a falta de qualificações da população prisional.

Se é verdade que a prisão é o resultado da falta de educação, de civilização e do fracasso de outras instituições como a escola, e o estado social;[207] então é tempo de questionar a sua eficácia tendo em conta aquilo a que se propõe ser. Um dispositivo que pretende formar, educar, reintegrar, ressocializar, reinserir. Mas será que pode um dispositivo que é altamente repressivo, retaliador e desinteressado, conseguir ao mesmo tempo motivar a promoção pessoal? Terá o espaço prisional que ser sempre este, estigmatizado?

[205] op. cit. p.26 "Estes rendimentos são divididos em quartos, um que vai para uma conta que fica disponível quando o recluso é solto, outro que vai para um fundo descartável que pode ser utilizado para comprar artigos na loja da prisão, outro para pagar alguma restituição imposta, multas, custos, ou outras obrigações, e um quarto final para pagar custos de alimentação caso seja imposto (estes dois últimos quartos revertem para os dois primeiros caso não seja aplicável)"

[206] COYLE, Andrew – *Administração penitenciária: uma abordagem de direitos humanos*. 1998 p. 89

[207] DORES, António Pedro – *Modernização das prisões* op. cit., p.7

As visitas e os familiares continuam a ser muito desconsiderados nos programas prisionais. Não é admissível que estas pessoas tenham de permanecer no exterior, independentemente do clima, à espera de autorização para entrar no recinto prisional. Sobretudo tendo em conta que as crianças e os jovens também visitam estes ambientes frequentemente. É fundamental repensar os espaços de recepção aos visitantes, reunindo esforços para que sejam o mais descontraídos possível, adaptados às crianças e que integrem o acompanhamento de assistentes sociais. Outra forma de reduzir o estigma da reclusão é através do envolvimento da comunidade exterior de uma forma mais natural e não exclusiva do voluntariado enquanto acto de caridade. Se realmente se considera que ainda não estão reunidas as condições necessárias para abolir a prisão, então esta tipologia tem de ser aceite definitivamente enquanto parte constituinte da cidade. O que está subjacente a uma maior abertura e transparência do espaço prisional, mediante estratégias que possam dar notícia das actividades desenvolvidas intra-muros e que de facto contribuam para mitigar a marginalização dos reclusos e do próprio espaço prisional. Para que estas condições se estabeleçam, é então necessário pensar em medidas que em primeiro lugar promovam actividades sócio-culturais que envolvam os reclusos; e que impulsionem a readequação dos espaços prisionais para receber estas visitas e eventos.

Nos próximos subcapítulos são apresentadas duas possibilidades de distinto carácter, com o intuito de simular possíveis intervenções do arquitecto no meio prisional. A primeira, enunciada no primeiro capítulo deste trabalho, é um projecto de reorganização de alguns dos espaços mais importantes para a reintegração social – o sector de visitas. Esta hipótese, apesar de contar com o depoimento das várias comunidades prisionais, não previa o envolvimento da população prisional na sua realização. Aproximando-se assim, do exercício tradicional de resposta ao pedido do cliente. Pelo contrário, a segunda iniciativa, requer a participação activa das comunidades prisionais numa actividade que permita tomar consciência do espaço, e que funcione como instrumento de capacitação para os reclusos.

Ajustamentos para o sector de visitas do CPF

196 Portaria
199 Sector de Revista
204 Ginásio



173 imagem do muro exterior do Centro Penitenciario Femenino de San Juaquin





174, 175 e 176 espaço de espera, CPF





177 e 178 depósito de encomendas

Portaria



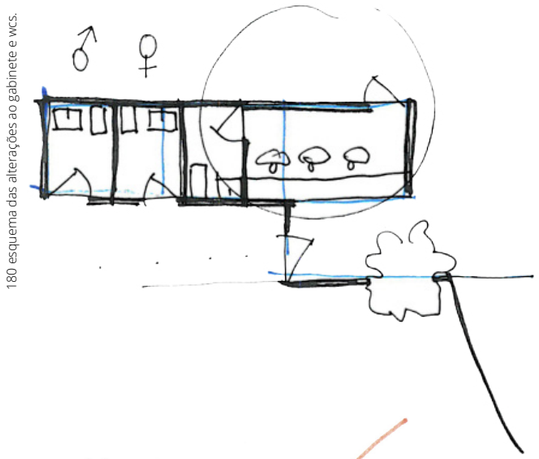
179 à esquerda a entrada, à direita o espaço de espera. CPF

Problemas apontados por reclusas, guardas e visitantes

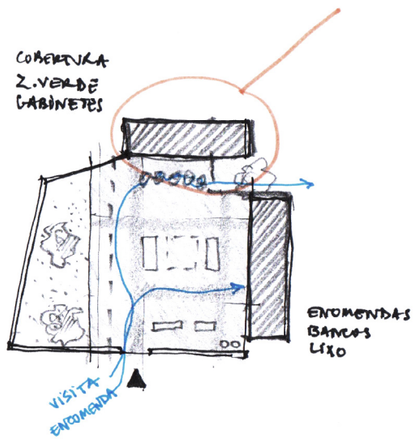
• O meu/minha companheiro/a às vezes tem de me esperar 50 minutos porque me avisaram muito tarde.
• Devíamos ser nós a esperar não a visita.
• É uma entrada muito muito feia.
• Chegam todos molhados porque não deixam entrar com carapuços/chapéus.
• Não deixam entrar com roupa verde nem preta. Então têm que alugar roupa suja à senhora do quiosque.
• Não é claro o que se pode levar para as visitas e deixar nas encomendas.
• A mim chateia-me que não haja um quarto de banho decente que possa utilizar depois de uma viagem de hora e meia para chegar aqui.
• Quando chove, cai água por todos os lados.
• Não temos wc e o gabinete é muitíssimo apertado.
• É uma entrada que te escorraça em vez de te convidar.

Ideias, hipóteses de intervenção

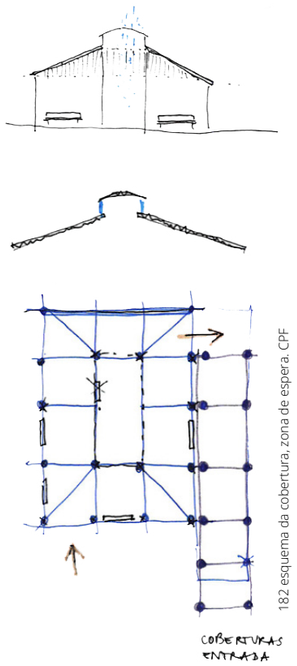
• Redesenho da cobertura e escoamento das águas pluviais.
• Redesenhar o pavimento.
• Acrescentar zonas moles/verdes.
• Acrescentar uma zona de brincar para as crianças.
• Reorganizar e possivelmente substituir o mobiliário exterior - bancos e caixotes do lixo.
• Colocar póster com informação importante sobre as regras de funcionamento das visitas e objectos proibidos.
• Reorganização da zona de depósito de pertences, instalações sanitárias e gabinete de identificação, distribuindo melhor as áreas necessárias para cada compartimento.
• No percurso (5) desenhar lugares de estacionamento para melhorar o controle visual das visitas.
• Marcar no pavimento o percurso a seguir através do uso da cor. Tratar as zonas verdes.



180 esquema das alterações ao gabinete e wcs.



181 esquema da planta da portaria, CPF



182 esquema da cobertura, zona de espera. CPF

O espaço da entrada do CPF seguia o padrão da maioria dos estabelecimentos prisionais. Tinha uma aparência desconfortável, feia, nada acolhedora ou convidativa, e transmitia à partida uma certa indiferença para com o tratamento das visitas. Este aspecto era mais evidente ainda nos meses de inverno. Nesta zona onde as visitas são obrigadas a esperar até serem autorizadas a entrar, não havia uma protecção que efectivamente as abrigasse da chuva. O pavimento, desnivelado e em mau estado, acumulava poças de água.

Para serem admitidas, as visitas faziam fila e à vez eram identificadas. O gabinete com uma janela onde se realizava a identificação, era visivelmente pequeno, tornando-se difícil processar várias pessoas em simultâneo. Esta condição, por sua vez, atrasava o processo e retirava tempo de visita.

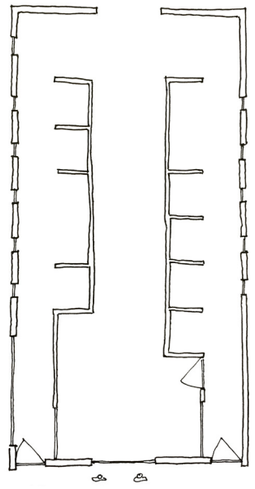
Os guardas deste sector chamaram ainda à atenção de que não dispunham de quarto de banho nas imediações. Esta carência de instalações reflectia-se igualmente no guarda responsável pela carimbagem das visitas, que não tinha se quer um gabinete, ocupando um espaço ao ar livre equipado apenas com um pequeno banco de madeira.

Na zona da entrada, estabeleceu-se como prioridade o redesenho da cobertura, garantindo que os familiares estejam protegidos da intempérie enquanto esperam pela hora da visita e ordem de entrada. Paralelamente, e de forma a tornar o espaço mais agradável, propôs-se repavimentar e nivelar toda a zona de entrada; definir novas áreas de jardim; e substituir o mobiliário, equacionando uma pequena zona para as crianças brincarem junto do espaço de espera dos adultos.

Considerou-se também, que seria conveniente desenhar um póster com informação útil sobre as encomendas e sobre o que é permitido, ou não, levar nos dias das visitas.

Para tornar mais operacional o trabalho do corpo de guardas, propôs-se redimensionar e reorganizar os gabinetes e instalações sanitárias, reabilitando os espaços que não estivessem a ser utilizados e garantindo casas de banho tanto para visitas como para os guardas do sector de identificação.

No percurso exterior entre o gabinete de identificação e o edifício de revisão, pensou-se um esquema de cores no pavimento que oriente os utentes de acordo com o destino desejado. Simultaneamente, reconheceu-se a necessidade de readequar as zonas verdes e espaços de estacionamento, para uma melhor supervisão de movimentos e coerência global do recinto.



183 planta do edifício de revisão (existente)

Sector de Revista

Problemas apontados por reclusas, guardas e visitantes

• As crianças que se estão a começar a desenvolver ficam envergonhados.
• Os idosos passam por uma situação muito difícil, mal se sustêm.
• Estamos chateados e aborrecidos com tanta proibição [referem-se às restrições de entrada de alimentos].
• Não deixam passar comida básica como leite e cereais. Algumas precisamos.
• Como é que é possível não deixarem entrar pão? Nem todas devemos ser castigadas pela culpa de uma.
• Nunca é claro o que está autorizado e o que não está.

Deitam ao lixo a comida sem nenhuma consideração.

• Não há coerência.
• Não entram ervilhas, mas aqui dentro tudo tem ervilhas.
• Isto é um monopólio.

Ideias, hipóteses de intervenção

• Equipar a zona de espera/fila com mobiliário: bancos, caixotes do lixo e cacifos para que se possam guardas os objectos que não puderam ingressar.
• Nivelar e/ou substituir o pavimento degradado.
• Tapar o vão da fachada de entrada, e colocar um póster com informação importante sobre as regras de funcionamento das visitas e objectos proibidos.
• Aumentar os vãos das fachadas laterais, no sentido vertical.
• Reorganizar o interior do edifício:

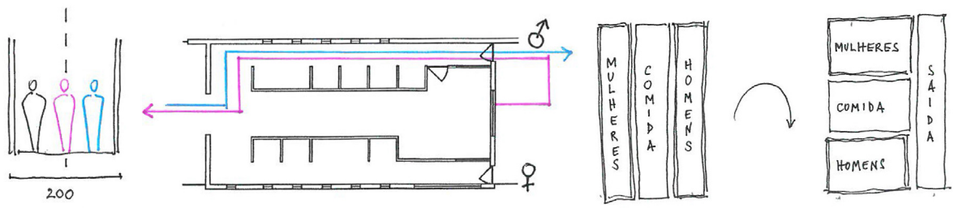
Separar a entrada da saída.

Tornar mais eficiente a revisão de comida, aumentando os balcões de revisão e devolução, e diminuindo ao mesmo tempo, a distância entre eles.

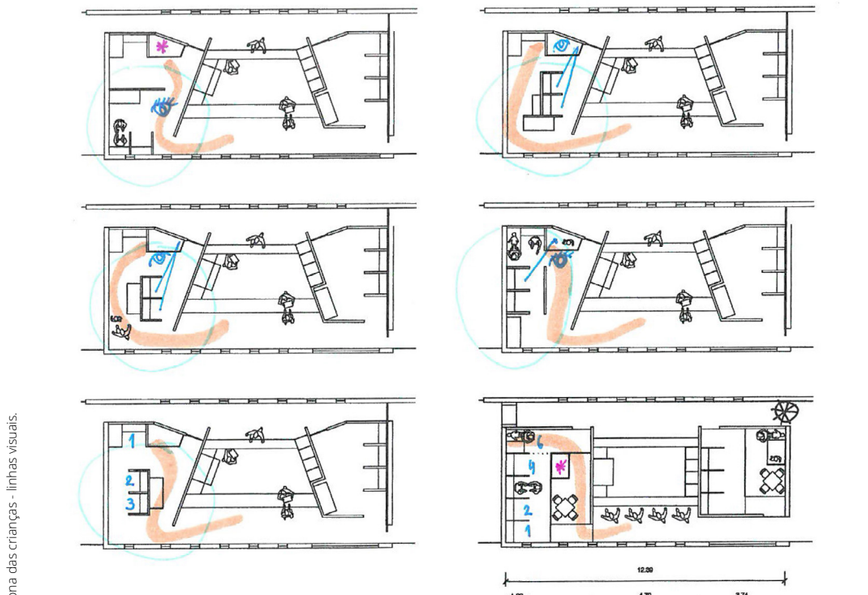
Nas secções de revisão corporal, procurar manter o controlo visual do espaço, melhorando as questões relativas à privacidade das visitas.

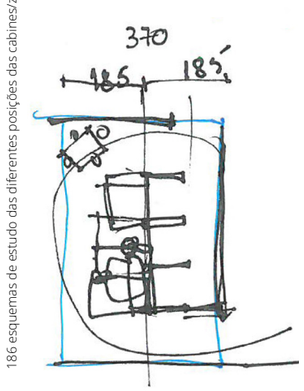
Equipar os vestiários com banco e cabides.

Criar zonas protegidas para as crianças com jogos e distracções que amenizem o ambiente hostil.



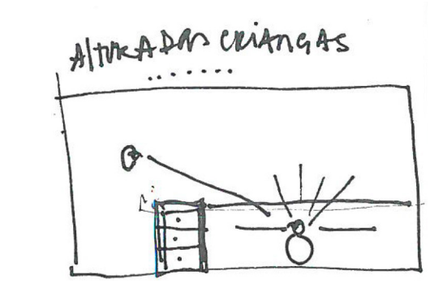
184 esquema de entradas/saídas (existente)
185 proposta de alteração da organização do programa



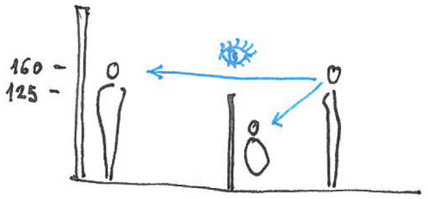


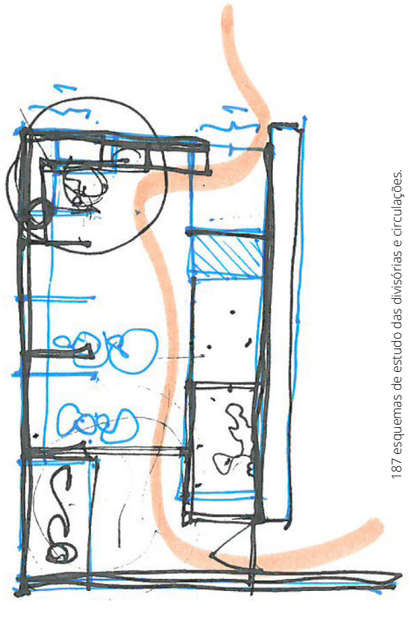
186 esquemas de estudo das diferentes posições das cabines/zona das crianças - linhas visuais.

Ajustamentos para o sector de visitas do CPF

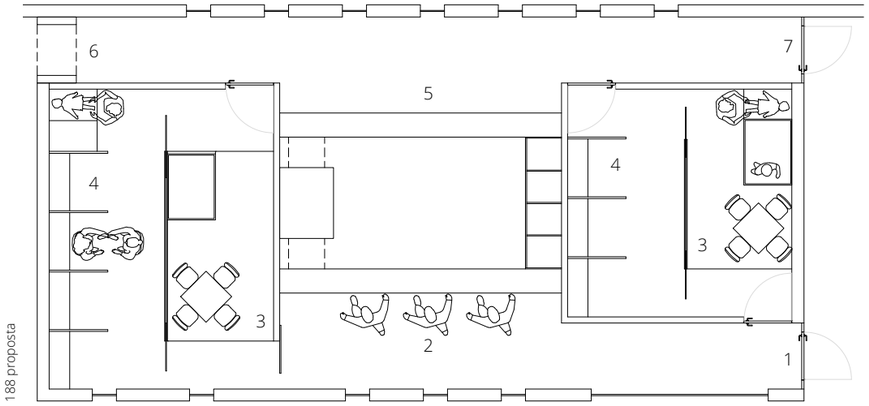


4 anos - 102cm
5 anos - 108cm
8 anos - 125cm





187 esquemas de estudo das divisórias e circulações.



188 proposta

1 entrada
2 entrega de comida para revisão
3 espaço das crianças
4 revista corporal
5 devolução de comida
6 acesso ao ginásio
7 saída

À semelhança do sector da entrada, tanto o edifício de revisão como a zona de espera que o antecede, tinham um aspecto deteriorado e vetusto. Em particular, destacava-se o pavimento exterior ao edifício de revisão, que não só estava desnivelado com a entrada deste, como também se encontrava levantado, por conta das duas árvores existentes.

Quanto ao mobiliário, em ambos espaços, era insuficiente – as cabines estavam completamente desequipadas, sem qualquer apoio onde pousar os pertences. Do mesmo modo, não existia um lugar para deixar objectos que não pudessem ingressar. Quando algo era proibido, ou era deitado ao lixo, ou as visitas teriam de voltar à entrada e deixar o artigo no exterior, perdendo tempo de visita.

No balcão de revista da comida, cabiam apenas dois guardas em simultâneo, o que não optimiza o processo e contribui para as filas.

No interior do edifício a luz natural era reduzida, sobretudo nas áreas de revista, que tinham um ambiente francamente constrangedor. As visitas eram colocadas em fila, junto com as crianças, e eram revistadas em simultâneo pelo mesmo número de guardas. Foi explicado que havia necessidade de garantir que os guardas se pudessem ver uns aos outros para evitar abusos ou retaliações por parte das visitas. Por outro lado, esta estratégia de funcionamento reduz significativamente a privacidade. Especialmente se houver confluência de entradas e saídas. O espaço já era relativamente exíguo para duas pessoas (guarda e revistado), se ao mesmo tempo estivesse alguém a sair, a gestão complicava-se mais ainda.

Considerou-se como prioritário a optimização do espaço e do processo, de forma a que este fosse mais fluído e diligente. Simultaneamente, verificou-se que os espaços de revisão não tinham em consideração o impacto que a acção de revista pode ter nas crianças. Por este motivo, quis-se evitar que as crianças presenciassem a revista dos familiares - acção bruta e invasora – proporcionando-lhes ao mesmo tempo um ambiente mais descontraído, infantil, e onde se pudessem distrair durante os procedimentos.

Como principal sugestão propôs-se a rotação do programa interior face ao

edifício (imagem 185). Redistribuição que permitiria por um lado diminuir a distância entre entrega da encomenda e o levantamento da mesma – optimizando esta operação – e por outro, garantir espaços com melhores dimensões para as três secções de revista.

A reorganização dos espaços de revisão permitiu acrescentar para ambos sexos uma zona para as crianças, mantendo o mesmo número total de cabines de revisão (considerou-se mais vantajoso aumentar o número de cabines para mulheres [4] e reduzir para três as cabines do sexo masculino).

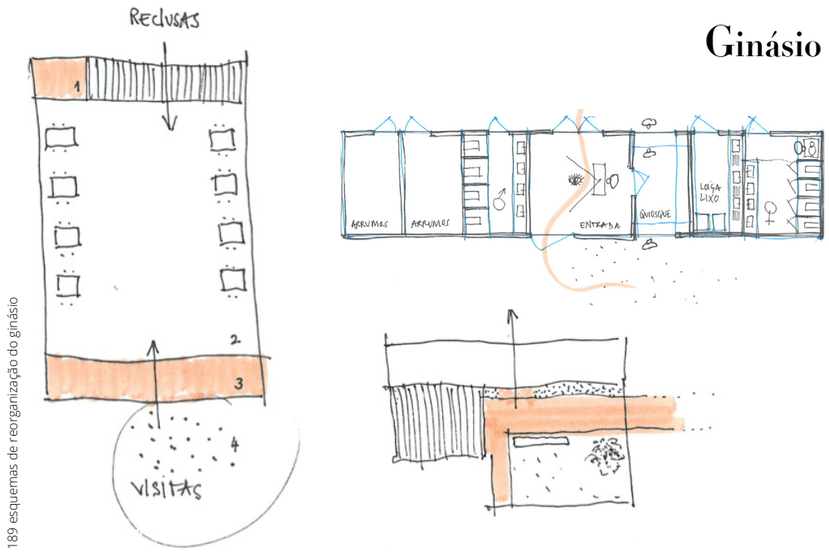
A separação da área de revista da área das crianças é feita através de um painel que permite que os adultos controlem os movimentos no espaço, mas que impede as crianças de verem os processos de revista. Nas cabines onde se procede à revisão corporal, propôs-se adicionar um banco e cabides para a roupa, e multiplicar as mesas para a revista das crianças pequenas. Para a zona das crianças, um berço com verticais de madeira para os mais pequenos, e uma área de brincar com jogos e material de desenho para os mais crescidos.

A autonomização da entrada e saída como forma de simplificação dos acessos, não significou porém a perda do controlo do espaço, já que é possível supervisionar todas as circulações a partir do balcão de revista de bens, aberto nas duas laterais. Para aumentar a luz natural no interior, propôs-se ainda ampliar o vão das pequenas janelas altas na vertical.

Para o exterior, foi desenhado um banco posicionado de modo que fosse possível manter o lugar na fila mesmo estando sentado, e cacifos para guardar os artigos que não possam ingressar.[208]

Propuseram-se ainda algumas iniciativas de reabilitação dos espaços e outras pequenas sugestões (novos pavimentos, repintar superfícies, painéis explicativos, etc) com a consciência de que tudo dependeria da aprovação de orçamentos, e que consoante o montante disponibilizado seriam priorizadas as intervenções.

[208] Há muitas regras e objectos que são proibidos para além dos espectáveis – os produtos de higiene têm de ser transferidos para contentores transparentes; a comida tem um número de unidades e peso especifico; não se pode vestir roupa da cor dos uniformes dos guardas; entre outros exemplos. Deitar estes objectos ao lixo sem consideração, era uma das atitudes que mais indignação gerava nas visitas.



189 esquemas de reorganização do ginásio

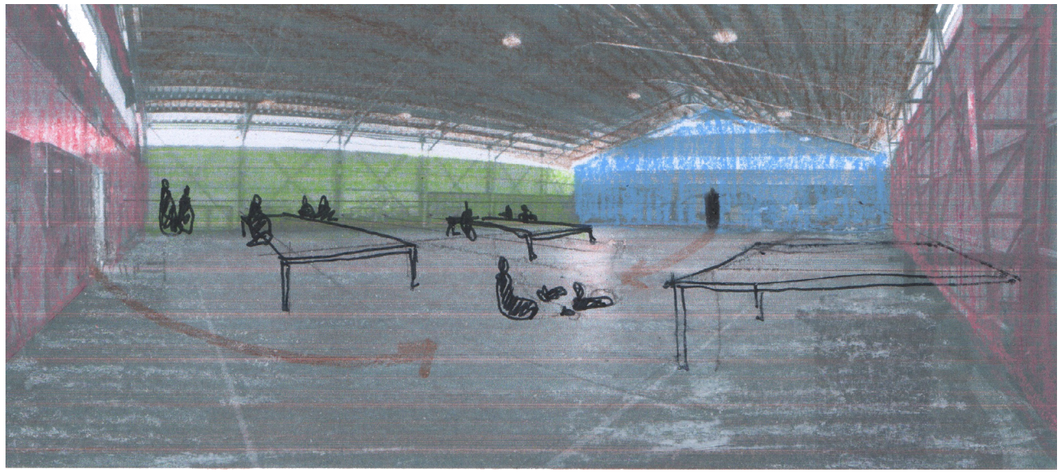
Ginásio

Problemas apontados por reclusas, guardas e visitantes

- sanitários sem condições e indignos. A minha família prefere aguentar-se.
- Nos wcs mudam os bebés ao mesmo tempo que outras lavam a loiça.
- As cadeiras não são adequadas. Acontecem acidentes.
- Seguro na mão do meu par e é uma pedra. [queixando-se do frio no inverno]
- Através da grelha passa todo o frio. Mal suportamos o inverno.
- Ou é um forno ou é uma arca frigorífica.
- O eco e a falta de privacidade é escandaloso.
- O pavimento está um nojo. E os meus filhos contactam com o chão.
- Há apenas uma chaleira e um microondas e somos dezenas de pessoas.
- Com é que não há um quiosque!?
- [As visitas] não tem onde esperar-nos.
- Está bem que nós paguemos o preço, mas não a nossa família. Eles não tem culpa. Prefiro que não me visitem.

Ideias, hipóteses de intervenção

- Criar uma zona para lavar a loiça e colocar o lixo.
- Reequipar as instalações sanitárias, e resolver os problemas de canalização.
- Desenhar um sistema com acrílico para colocar nas grelhas do ginásio de modo a evitar as correntes de ar e o frio no inverno, que possa ser amovível no verão.
- Isolar o tecto do ginásio para evitar a entrada de pássaros, melhorar a acústica e proteger contra o frio no inverno.
- Reactivar o quiosque e reorganizar as divisões de arrumações.
- Melhorar o pátio de visitas que está no exterior. Hipótese de funcionar como local de espera até que as reclusas estejam prontas a receber visitas no interior. Redefinir o pavimento, zonas verdes e mobiliário exterior.
- Desenhar um mobiliário escamoteável e fixo, que possa ser montado para receber visitas e desmontado para actividades desportivas.



190 desenho a lapiz de cera e tinta sobre fotografia do ginásio.

Os maiores problemas deste sector relacionavam-se com o desempenho de uma função para a qual um equipamento desta natureza não está capacitado. Um pavilhão gimnodesportivo, que é desenhado no sentido de promover o movimento, não está preparado para ser um lugar confortável e sossegado de encontro entre familiares. Esta questão da utilização dos espaços disponíveis mas desapropriados, para colmatar as carências das instalações é muito comum nas instituições prisionais, e é reveladora da desadequação da maioria dos edifícios onde se propõe o cumprimento de uma pena.

Neste caso específico, as proporções exageradas da "sala", a sua grande altura, e a falta de instalações adequadas às necessidades de uma refeição[209], eram a essência da maioria das insatisfações. No verão, as superfícies metálicas do ginásio sobreaqueciam o espaço; no inverno, era impossível aquecê-lo. Pelas aberturas altas por onde entrava a luz e pela cobertura, entravam também as pombas que aí construíam os seus ninhos. As casas de banho não tinham mobiliário adequado para a muda de bebes, e acumulava-se o lixo e restos de comida.

Apesar de a melhor solução ser uma sala mais adequada para o encontro das visitas, promovemos algumas sugestões para tentar lidar com os problemas de diferenças de temperatura, e com a escassez de instalações. Muitos dos espaços de armazém adjacentes ao ginásio não estavam em uso. Como tal, propusemos revitalizar o quiosque, criar uma zona de lixo e lavagem de loiça, e melhorar o sistema de canalização dos sanitários. Para isolar as correntes de ar, criar um sistema de acrílicos resistentes que pudessem ser removíveis no verão.

Para tentar resolver a questão de falta de mobiliário, e proporcionar as condições apropriadas para o encontro com os familiares, equacionou-se desenhar um mobiliário escamoteável e resistente, que pudesse ser arrumado ou protegido durante as actividades desportivas. Para que o espaço exterior pudesse funcionar como uma zona de espera agradável até à ordem de entrada no ginásio, foi ainda proposta uma readequação do espaço com zonas verdes, sombras e mobiliário confortável.

[209] Utensilios de cozinha, microondas, locais para lavagem de loiça, lixo, etc

Na reunião com os guardas notou-se, entre os vários elementos, posturas divergentes. Embora houvesse cuidado para não demarcar demasiado uma posição, e perturbar as dinâmicas internas da equipa, era evidente um certo conflito entre duas posições opostas, com visões diferentes do que deveria ser este veículo de cumprimento de pena - ou mais castigador ou mais formador. Alguns guardas acreditavam no processo de reabilitação social, e na ausência de culpa das visitas que deveriam ser bem tratadas; enquanto outros, associavam a família a uma delinquência "genética", acreditavam no método de castigo/recompensa e tinham muitas dúvidas no sucesso da reabilitação.

Com todos, procurou-se sempre argumentar que estas ideias mesmo quando não influíssem directamente com o seu ambiente de trabalho, influenciariam-no com certeza indirectamente. E que a reorganização do espaço permitiria realizar as tarefas de forma mais eficaz e confortável. Apesar de alguma hesitação inicial, foram comunicadas inúmeras sugestões, principalmente com questões de segurança, sobre as quais se sabia muito pouco.

Estas conversas revelaram-se essenciais para compreender as necessidades e prioridades de um espaço de natureza tão singular, mas também para entender os limites de acção. Ajudaram ainda a convencer as duas principais comunidades prisionais, para as quais se propunha desenhar, das intenções e mais valias que se ambicionava criar.

Por outro lado, a Mayor Jessica Rivas Hérnandez, mentora deste projecto, nunca precisou de ser convencida. Entusiasmava-se com as ideias invulgares, sugeridas numa atmosfera que geralmente não compreende grandes optimismos.

Atingiu-se assim um equilíbrio com o qual não se contava, entre a reticência constante de alguns guardas e reclusas, o entusiasmo da Mayor Jessica e a vontade da equipa.

Com alguma certeza, sabe-se que o funcionamento dos edifícios não se deverá alterar, sobretudo pela recorrente falta de orçamento. Mas espera-se que estas iniciativas possam servir como agente de sensibilização para as questões do espaço, não só para reclusas como para o staff e soretudo para os cargos administrativos

mais distantes do quotidiano prisional. Talvez estes últimos se sintam desafiados por novas ideias, e diferentes perspectivas.

Reitera-se ainda, que o contributo de todas as comunidades que fazem parte deste quotidiano (direcção, corpo de guardas, reclusos e familiares) é dos elementos mais importantes de contextualização de necessidades e problemas, e que a sua inclusão nos processos de discussão e decisão é uma enorme mais valia para qualquer projecto, informando-o profundamente.

Dispositivo formador produtor e de uso

No decorrer deste trabalho foram abordados alguns problemas essenciais do sistema penitenciário, que servem agora como propósitos motivadores de uma possível intervenção no espaço prisional. Num primeiro ponto, constatou-se com a anterior análise, uma série de adversidades relacionadas com a qualidade dos espaços existentes – degradados, feios e desagradáveis – e que manifestam (talvez propositadamente) uma certa frieza, dureza, autoridade e repressão. Por outro lado, acrescem também preocupações com a quantidade de espaço, insuficiente quando comparado com as taxas de ocupação. Derivados em parte também dos efeitos da sobrelotação, juntam-se ainda, os problemas de ociosidade, falta de ocupação e actividades com significado. Por último, verificou-se a total desadequação dos equipamentos, seleccionados ou pela sua robustez e ultra durabilidade – o que resulta em objectos obsoletos e gastos – ou pelo preço módico e consequente facilidade de substituição; isto, quando não são de todo inexistentes. Em qualquer dos casos, o conforto é manifestamente desprezado.

Paralelamente, tornou-se evidente ao longo deste estudo, que este sistema inviabiliza grandes possibilidades de intervenção. Há de facto, um notório desinteresse da classe política no que diz respeito aos temas da reclusão, favorecido por uma opinião pública que não conhece a realidade prisional e que se divide entre a retaliação e a reintegração. Por sua vez, esta falta de vontade política e o distanciamento do sistema da sociedade, tem repercussões ao nível dos valores e





191 e 192 projecto ECOAR, EP de Vale do Sousa

da gestão do orçamento destinado aos equipamentos prisionais.[210] O resultado da sua condição heterotópica de lugar fechado e opaco, juntamente com a sua composição e estratificação administrativa, é um sistema que resiste por um lado à mudança, e por outro à intromissão de estranhos.

Contudo, permanece a confiança de que as prisões, como outras instituições, *"resistem à mudança, como é sua função, mas não resistem a todas as mudanças que, ao longo do tempo, podem ser referenciadas, caso se definam critérios teóricos e metodológicos apropriados a essa finalidade."*[211]

Assim, após reflexão sobre o quadro do sistema prisional português, tanto sobre as condições materiais e emocionais como administrativas, propomos redireccionar a nossa atenção para contextos em que se possa conjecturar possibilidades de desarticulação dos processos de continua alterização já identificados. Bem como pensar, que tipo de ajustamentos poderá viabilizar um espaço desta natureza, no sentido de requalificar, amenizar e humanizar o espaço prisional.

Com os novos modelos orientados para a reabilitação e reintegração dos reclusos na sociedade, têm surgido movimentações que se afastam da tradicional função de contenção da prisão e acrescentam outras perspectivas. Sobretudo, através da dinamização de actividades sócio-culturais nas mais variadas vertentes, quer artísticas, terapêuticas, produtoras ou académicas. Em Portugal,

> *as actividades sócio culturais estão previstas como um direito dos reclusos no Código de Execução de Penas e a sua dinamização está preconizada no artigo 93º do Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais, com a obrigatoriedade de serem organizados «pelo menos trimestralmente (...) eventos de promoção da leitura, exposições, colóquios, espectáculos musicais ou teatrais». O mesmo artigo acrescenta ainda que é «fomentada a participação de entidades do exterior ligadas a estas actividades», deixando clara uma estratégia de abertura das administrações prisionais ao exterior.*[212]

[210] Segundo o relatório do European Prison Observatory o orçamento destinado às instituições penais (prisional, reabilitação e polícia judiciária) representava em 2012 30% do orçamento de Justiça, ou seja, € 321.267.613,00.

[211] DORES, António Pedro – *Modernização das prisões* op. cit., p.9

[212] MACIEL, Daniel – Prisões, alteridade e cultura: podem as artes ser uma força de transformação? *Le Monde Diplomatique.* Edição Portuguesa, nº140, 2018 p.10

Existem alguns projectos que têm vindo a ser desenvolvidos, embora de forma descontinuada, nas prisões portuguesas com resultados muito positivos. Fruto na sua maioria da proposta de associações externas ao sistema, e de diferentes manifestações artísticas, desde o teatro – projecto ECOAR (2015), "Entrando" (2010) e "Inesquecível Emilia" (2012) da PELE; ou o "(R)existir" de Filipa Franscisco; à música – com a "Sagração Da Primavera" (2013); ao cinema – com o projecto "Cinema Dentro"; e até à ópera – "Pavilão Mozart" (2018) – ou ao circo – projecto "Forças Combinadas" (2016-2018).

Utilizando a consciência do corpo como veículo de expressão, estes projectos tem a capacidade de fazer reconhecer o indivíduo. *"O corpo é o organismo onde tudo se passa. É com o corpo que se aprende a conhecer e conhecer é relacionar-se com as pessoas, coisas e situações em que pessoas e coisas se relacionam."*[213] Esta ideia de autoconsciência através do exercício corporal e da apropriação dos *objectos-coisas*, não poderia estar mais distante do ambiente institucional e repressor que é o prisional, onde não raras vezes se tende a enxergar os indivíduos como elementos de um colectivo uniforme. Neste sentido, admitiu-se considerar também a arquitectura como um agente potenciador de autonomização. Partindo do envolvimento da população prisional numa acção concreta, de criação, que possa favorecer a construção de uma forma de ocupar o espaço.

Rapidamente ficou claro que uma intervenção nos espaços de maior intimidade pressupõe maiores dificuldades do que o tratamento dos espaços comuns ou das circulações. A cela parece ser um tema iminentemente pessoal e de contrato entre o recluso e a família. Por ser o espaço mais individual, é também o que apresenta já alguns níveis de apropriação. Por outro lado, trabalhar sobre os espaços comuns, permite gerar condições para os reclusos passarem menos tempo nas celas, quebrando o isolamento e reforçando interacções sociais. Através da tabela 2, é fácil identificar alguns espaços comuns que se repetem na maioria dos estabelecimentos prisionais em Portugal – o recreio, espaço exterior; os espaços de convivio interior ou salas de estar; o refeitório, espaço de reunião às refeições; e as oficinas, espaços de produção.

[213] SANTOS, João dos – *Ensinaram-me a ler o mundo à minha volta.* 2007 p.271

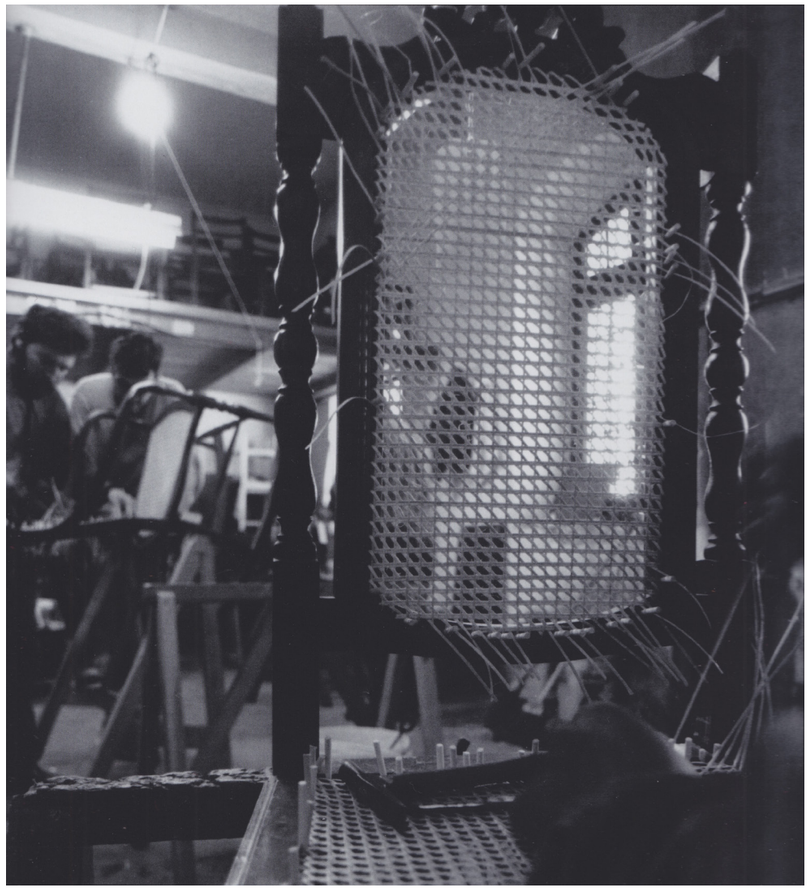
Quase todos os estabelecimentos prisionais foram desenhados ou com oficinas ou com *casas de trabalho*[214]. Mesmo que essas oficinas já não produzam por falta de investimento do Estado e de empresas privadas, ou porque o equipamento está devoluto, estes espaços existem na maioria das prisões do país, e provavelmente estão disponíveis para serem usados noutras actividades.

A proposta deste trabalho consiste então, numa actividade que convida à apropriação do espaço através do desenho e fabricação de peças relativamente universais. Um primeiro processo reflectivo com as várias comunidades prisionais, admite informar sobre as peças mais adequadas e carentes nos espaços comuns já identificados. Bancos, mesas, cadeiras, espreguiçadeiras, camas de rede, peças que envolvam oficios e formação em áreas como por exemplo a carpintaria, marcenaria, tecelagem, cestaria, estampagem, ou outros.

A um segundo momento, compete então o processo criativo. No livro Poetics of Space, Gaston Bachelard apresenta a ideia de *imensidão como movimento do homem imóvel – "A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna na solidão."*[215] A imensidão está aqui associada ao espaço sem limite e sem tempo próprio do acto de imaginar. Este espaço de imaginar e de criar é então o caminho que orienta para o verdadeiro objectivo de libertação e valorização pessoal: *"Ficaria então claro que as obras de arte são os subprodutos desse existencialismo de ser imaginante. Nesse caminho do devaneio da imensidão, o verdadeiro produto é a consciência dessa ampliação. Sentimo-nos promovidos à dignidade do ser que admira."*[216]

Assim, as peças funcionam nesta fase como propósito de inclusão do utilizador nos processos de decisão, concepção e construção, desencadeando uma crescente responsabilização do recluso que desafia o funcionamento da engrenagem prisional. Por outro lado, a ideia de uma participação mais activa dos destinatários, contraria o actual distanciamento da arquitectura perante problemas sociais, e reafirma

[214] Termo utilizado pelo arquitecto Rodrigues Lima para definir os espaços de trabalho das cadeias comarcãs *in* LIMA, Rodrigues op. cit.
[215] BACHELARD, Gaston – *A poética do Espaço.* 1993 p.190
[216] ibid. p.190



193 oficina do EP de Coimbra

a sua capacidade de interferência para além do exercício tradicional de resposta à encomenda do poder.

> *Os reclusos de hoje fornecem escala e movimento dentro de uma lógica espacial completamente estranha e indiferente às suas necessidades. Quando não são falhanços catastróficos, a maioria dos ambientes disciplinares contemporâneos continua a ser, em rigor, exercícios por si mesmos e não por aqueles aí confinados.*[217]

Para contrariar esta realidade, as peças produzidas servem também para equipar as diferentes zonas da prisão. Com esta iniciativa é possível intervir a três níveis fundamentais: em primeiro lugar com a apropriação dos espaços de carácter abstracto e genérico através de objectos claramente identificados como pertencentes; em segundo lugar, colmatando as necessidades de mais e melhores equipamentos; e por fim, animando os espaços através das texturas, cores e formas geométricas dos objectos, que produzem diferentes estímulos sensoriais.

A partir do momento em que as necessidades do próprio estabelecimento estejam garantidas, podem-se conjecturar outras estratégias que justifiquem a continuação da produção. A mais imediata seria o fornecimento para outros estabelecimentos mediante uma remuneração. Contudo, o seu carácter reprodutível e generalizável noutras circunstâncias ou ambientes, juntamente com a formação e aprendizagem inicial, justificam inclusivamente dinamizar eventuais sistemas de produção. A necessidade de rotina e ocupação com significado, é mais um motivo que justifica a aprendizagem de um oficio que assegure um rendimento durante o cumprimento da pena, e que se possa transformar num emprego em liberdade. Uma forma de aproveitar estas sinergias e potenciar uma maior abertura e contacto com a comunidade exterior, é através da dinamização de actividades expositivas e pequenas vendas ao público das peças produzidas. Há inclusive um exemplo de sucesso que suporta esta ideia e que prova que é possível encontrar novas formas de pensar a prisão:

> *A Unidad nº6 Punte de Reiles, é uma prisão uruguaia que tem vindo a favorecer a*

[217] DAY, Joe – *Minimalism on parole in* MAY, Kyle May (ed.) op. cit., p.42/43 "Today's prisoners provide scale and movement within a spatial logic utterly foreign and indifferent to their needs. When they aren't catastrophic failures, most contemporary disciplinary environments remain exercises in rigor for their own sake, not for those held within."

materialização de cerca de 60 empreendimentos desenvolvidos pelos reclusos. Foram criadas várias empresas, nos mais variados sectores desde: oficinas de carpintaria e ferraria, ao conserto de barcos de fibra de vidro, à construção de blocos de betão reforçado, oficinas de costura, mercearia, loja de utensílios domésticos, padaria, pizzaria, reciclagem, e outras actividades. Uma característica notável dessas empresas é o facto dos reclusos financiarem os próprios projectos. Para esse fim, foi organizado uma espécie de «banco» que contribui com o «capital inicial» de cada novo empreendimento. Os lucros acumulados podem ser usados nas lojas da prisão ou entregues às famílias dos reclusos. Um exemplo emblemático desse processo é «Gigor», uma padaria administrada por dois reclusos que foram libertados, mas que todos os dias voltam à prisão para trabalhar. Pelo menos 100 pessoas estão empregadas para cobrir os três turnos da padaria. Os produtos, transportados por um caminhão que sai de Punta de Rieles, são entregues em toda a área metropolitana de Montevidéu.[218]

A promoção de uma maior transparência e comunicação com o exterior através da realização de actividades de promoção pessoal, fomenta não só os processos de autonomização e responsabilização, como diminui simultaneamente o estigma da reclusão e dos espaços de detenção.

Como objectivo último desta iniciativa, considerou-se a transformação dos espaços prisionais em três principais pontos: as oficinas e casas de trabalho, ressurgem como espaços de fruição criativa e de produção; as zonas comuns, reapropriam-se enquanto zonas que estimulam os sentidos, o conforto e o individual; por fim,as novas zonas de encontro e exposição[219], que aparecem enquanto espaços de socialização e (re)integração.

[218] *Prison to Prison, an Intimate Story Between two Architectures.* Participação Oficial do Uruguai na 16º Exposição Internacional de Aquitectura da Bienal de Veneza (2018) Curadoria de Sergio Aldama, Federico Colom, Diego Morera, Jimena Ríos e Mauricio Wood. Disponível também em: www.prisontoprison.uy/P2P-PROJECT "This space has favored the materialization of about 60 productive enterprises conducted by the inmates. For instance, they have knocked into shape several enterprises: reinforcement of concrete blocks, carpentry and ironwork shop work, repair of fiberglass boats, sewing workshops, groceries, houseware stores, bakery and pizza shop, recycling and other activities. A remarkable characteristic of these enterprises is that inmates finance their own projects. To that end they have organized a sort of "bank" that contributes "seed capital" to each new development. The profits accrued by their work may be used at the prison's shops or delivered to their families. An emblematic example of this process is Gigor, a bakery run by two inmates who have been released but every day return to work at the prison. At least 100 people are employed to cover the bakery's three shifts. The products, delivered by truck from Punta de Rieles, reach the entire metropolitan area of Montevideo."

[219] A definir de acordo com a disponibilidade de cada estabelecimento prisional.

Se a arte nas prisões não significar uma libertação, as condições da sua realização poderão potenciar a negação da alteridade do «recluso», e a sua afirmação enquanto artista, artesão ou produtor. E é neste momento de confronto radical entre práticas artísticas, práticas institucionais e vontades individuais que novos conceitos e perspectivas críticas vingam. Desmontando, por dentro, velhos modelos e abrindo caminho a possibilidades incertas mas promissoras.[220]

Acredita-se que o agitar do quotidiano prisional através da dinamização de actividades recreativas pode não só ser um motivo de transformação do espaço prisional como também um caminho alternativo à orientação disciplinar. Despoletando processos de emancipação do recluso, que por sua vez, movimentam espaços e circunstâncias de confronto entre o status quo e novas formas de pensar a prisão.

[220] MACIEL, Daniel. op. cit., p.11

Notas Finais

"A experiência e a história mostram que os esforços para a reforma prisional podem dar resultados valiosos e positivos."[221] As mudanças, contudo, raramente são rápidas. Trata-se de um *"percurso contínuo, por via das constantes mudanças sociais, financeiras, administrativas e políticas."*[222] Que dependem da mobilização do apoio público, e da responsabilização da classe política, que recorrentemente prefere a segurança de tópicos mais próximos dos interesses do público respeitador das leis, como a saúde e a educação. O não investimento em políticas de médio e longo prazo, é mais uma condição que justifica a grande dificuldade em desenvolver qualquer reforma prisional de fundo. As acções que de facto saem do papel, dispersas e substancialmente paliativas, acabam por não ser suficientes dentro do panorama de necessidades do parque prisional, não produzindo efeitos sociais de mudança sustentada, e condicionando por sua vez, intervenções mais efectivas no futuro.

Não obstante, é incontestável que as instituições penais representam um grande encargo para qualquer estado, e como tal, não pode haver justificação

[221] MATTHEWS, Roger – *Um guia realista para a reforma prisional na América Latina.* (trad.) António Pedro Dores. 2011 p.43
[222] ibid. p.43

para que a sua função seja apenas de depósito indiscriminado dos maus. Embora algumas das reformas signifiquem aumentos de despesas e recursos, *"muitas outras apenas requerem mudanças de organização e estratégia. Em alguns casos, custos a curto prazo podem produzir ganhos a longo prazo. Noutros casos, os custos financeiros envolvidos podem ser compensados pelos benefícios individuais, sociais e políticos que se atinjam. Pode até acontecer que certas reformas poupem dinheiro."*[223]

Há ainda que questionar a insistência no internamento enquanto forma salutar de punição. Com uma população criminal tão heterogénea, terá sentido aplicar-se indiscriminadamente este tipo de pena? *"Em vez de insistir na filosofia retributiva (...) é tempo de dar oportunidade à filosofia preventiva que funda a ideia de penas alternativas: regimes de controlo diversificados, adaptáveis a cada caso, isentos de estigma, sem custos adicionais para a sociedade, mais baratas para o estado."*[224] Com as prisões sobrelotadas e evidências de que a custódia pode aumentar a severidade das infracções após a saída em liberdade, torna-se necessário um maior foco e uma mais assertiva liderança política que invista nas alternativas ao internamento. As perspectivas abolicionistas consideram a *"possibilidade de as prisões poderem não ser a forma institucional única e ideal para cumprir os desígnios modernizadores desejados."*[225] Se para uma grande parte das pessoas presas, cujos delitos não deveriam justificar esta punição, seria relativamente fácil aplicar lógicas de reconciliação social que não implicassem a privação da liberdade, para alguns casos mais violentos é mais difícil excluir o afastamento da sociedade, enquanto medida de segurança. Assim, e enquanto não existirem as condições para prescindir da função da prisão definitivamente é preciso reconhecê-la enquanto responsabilidade do estado mas também do corpo social.

O primeiro grande esforço é então incentivar um debate inclusivo que dê visibilidade a esta tipologia tão distante. Sabendo que a reforma só terá sucesso se intervir no conjunto dos dispersos factores que compõe o sistema prisional,

[223] MATTHEWS, Roger op. cit., p.42

[224] *Manifesto para uma nova cultura penal* [e-book] European Prison Observatory. 2016 p.3

[225] DORES, António Pedro – *Modernização das prisões* op. cit., p.3

este debate deverá forçosamente incluir todas as áreas disciplinares, inclusive a arquitectura. Ficou claro durante a conversa com o arquitecto Elói Castro que é prática geral não envolver os arquitectos em qualquer tipo de discussão significativa sobre as amplas questões e propósitos da contenção prisional. Espera-se que a consciencialização para os temas da arquitectura prisional faça também questionar o papel do arquitecto no desenho dos espaços que ninguém quer ocupar, envolvendo sucessivamente a classe.

O objectivo último consistirá então na mudança dos padrões arquitectónicos, políticos, públicos e legais sobre quais devem ser as condições mínimas expectáveis do ambiente prisional. Este passo por si só certificar-se-á que a natureza lúgubre e arbitrária do aparelho prisional não se renove. Contudo, é essencial transportar esses sinais também para as questões do espaço. O problema com o edificado prisional (que se pode confirmar através do caso português) é que este perdura, mesmo quando as ideias se transformam. Consequentemente, o reconhecimento da prisão enquanto organismo com potências de formação será infrutífero, caso se continue a projectar visando *"condições higiénicas, nutricionais e ambientais suficientes, mas socialmente deprimentes e brutalizantes psicologicamente."*[226] De igual modo, *"projectar prisões com base nos elementos típicos rudimentares, resultará sempre no mesmo modelo básico de prisão independentemente de quão reconfigurados sejam esses componentes."*[227]

Por estes motivos, a reforma penitenciária movimentar-se-á necessariamente no sentido de uma revisão programática profunda, auxiliada por alguma experimentação que coloque a dimensão social no ónus da prática.

É com o apoio da esfera pública, com a abertura da classe política e com a associação às restantes áreas disciplinares que as ferramentas próprias da arquitectura poderão reunir as condições para encontrar novas formas de pensar a prisão, desenhando programas alternativos ao modelo arcaico de prisão, enquanto arquitectura de redução e repetição.

[226] MACCONVILLE, Séan. op.cit., *in* FAIRWEATHER, Leslie e MACCONVILLE, Séan. op. cit., p.15 "conditions that are hygienic, nutricially and environmentally sufficient, but socially bleak and psychilogically brutalizing"

[227] KALLO, Amar – *Urban Prisonscapes in* MAY, Kyle (ed.) op.cit., p.86 "Designing prisons with typical rudimentary elements will always result in the same basic prison model, regardless of how much those components are reconfigured."

> *Arquitectura como espaço habitado, humano; é uma realidade potente responsável pelo comportamento do homem, responsável até pela sua felicidade.*[228]
>
> *Lina Bo Bardi*

Embora os estudos sobre prisões enquanto edifícios e ambientes onde o comportamento dos reclusos pode ser dramaticamente alterado; e sobre quais as condições para que isso possa acontecer sejam escassos[229], *o teor geral das conclusões é bastante consistente: a concepção do ambiente penitenciário é crucial para o seu funcionamento e para o impacto que tem na consecução das metas correccionais para os reclusos, staff e utilizadores públicos.*[230] Como se procurou sintetizar no capítulo *tendências*, estratégias que visem eliminar os símbolos do encarceramento, desenhar de forma a facilitar a segurança, e conceber espaços flexíveis que suportem o desenvolvimento de actividades, eventos e oportunidades de criação, resultam. E são uma mais valia para qualquer administração que procure mitigar os efeitos nefastos da reclusão. Incoerentemente, estes últimos estão constantemente omissos do programa prisional.

Nesta óptica, reconheceu-se a necessidade de potenciar possíveis práticas que alertassem para estas carências do sistema prisional. O primeiro projecto, sinaliza em primeiro lugar, a forma como sistematicamente se menosprezam as famílias e visitas em meio prisional. Verificou-se que os espaços das visitas são tratados segundo o mesmo principio de menor elegibilidade dos espaços de reclusão, numa extensão da culpa do indivíduo à família. Mais axiomática ainda, é a forma negligente com que são consideradas as crianças. Reconhecendo a necessidade de mudar este contexto, a administração do CPF fez procurar estratégias de amenização do espaço das visitas, palco para momentos da maior importância no percurso de reintegração na sociedade do recluso.

---

[228] FERRAZ, Marcelo Carvalho (coord.) – *Lina Bo Bardi.* 3ª edição, São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 2008 p.86

[229] MORAN, Dominique e JEWKES, Yvonne – Linking the carceral and the punitive state: A review of research on prison architecture, design, technology and the lived experience of carceral space. *Annales de géographie.* 2015 p.169

[230] FAIRWEATHER, Leslie. op. cit., p.47 "The general tenor of findings is fairly consistent: the design of the prison environment is crucial to its operation and to the impact it has on the achievement of correctional goals for inmates, staff and public users.

Um segundo projecto admite intervir a três escalas essenciais: na criação de actividades com significado que ocupem o tempo dos reclusos de forma produtiva e desarticulem os processos de alterização; na transformação e reapropriação de alguns espaços da prisão; e ainda na atenuação dos limites físicos mas também psicológicos entre o espaço intramuros e o espaço da comunidade exterior.

Estes ajustamentos funcionam ainda como agentes para o entendimento da prisão enquanto equipamento da cidade. É certo que esta relação é complexa no sentido em que embora interceptáveis, estes dois corpos dialogam como se nunca se tocassem. O CPF é um exemplo que demonstra claramente esta dicotomia – encerrado sobre si mesmo, e com os serviços mínimos que garante a metrópole, o complexo remete para uma cidade em pequena escala, dentro da cidade. Distante pela sua condição heterotópica de espaço que não pertence a nenhum lugar, mas que efectivamente se situa num lugar, a prisão encontra uma ponte com a cidade na comunidade exterior, que ocasionalmente estabelece relações com a interior. Ponte esta que deve ser o mais firme e abrangente possível para que possa informar verdadeiramente os agentes de transformação da cidade sobre o significado da condição de detido. *"Quem em última instância, escolhe a imagem de uma cidade? A própria cidade, mas sempre e somente através das suas instituições políticas."*[231]

O arquitecto, o sociólogo, o urbanista, sobre condições favoráveis podem dar expressão e forma a tendências. Mas só a prática social poderá gerar as relações sociais e tendências. Ao arquitecto, cabe preparar esse caminho, propor, experimentar, inventariar a experiência adquirida e extrair lições a partir dos fracassos.[232]

Resta, por fim, *"uma conclusão ao mesmo tempo alarmante e tranquilizadora para o arquitecto"*[233] a de que *" as mudanças ideológicas e de regime são mais poderosas que a mais radical arquitectura."*[234] Por melhores intenções que haja de transformação do modelo arquitectónico e funcional do dispositivo, o poder da arquitectura tem os seus limites. E a menos que haja também uma mudança coerente ideológica, manter-se-á o mesmo paradigma.

---

[230] ROSSI, Aldo – *A arquitectura da Cidade.* 2001 p.241

[231] LEFEBVRE, Henri – *O direito à cidade.* Lisboa: Letra Livre e Estúdio Lisboa, 1ª ed., 2012 p.111

[232 e 233] KOOLHAAS, Rem – *Revision-study for the renovation of a Panopticon Prison. Arnhem, Netherlands 1979-1981 in* KOOLLAS, Rem e MAU, Bruce (eds.) *Small, Medium, Large, Extra Large.* 1998 p.239 "Changes in regime and ideology are more powerful than the most radical architecture – a conclusion both alarming and reassuring for the architect."

SIGLAS E ACRÓNIMOS

EP - Estabelecimento Prisional

CPF - Centro Penitenciario Femenino de Santiago

CPT - Comité Europeu para a Prevenção da Tortura e das Penas ou Tratamentos Desumanos ou Degradantes

DGRSP - Direcção Geral da Reinserção e Serviços Prisionais

RGEP - Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais

CEPMPL - Código de Execução de Penas e Medidas Privativas da Liberdade

RAVI - Regime Aberto Voltado para o Interior

RAVE -Regime Aberto Voltado para o Exterior

ACED - Associação Contra a Exclusão pelo Desenvolvimento

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Nuno – *Prisões, Espaços Habitados*. Lisboa: Secretaria-Geral do Ministério da Justiça e Ordem dos Advogados, Janeiro 2005

BACHELARD, Gaston – *A poética do Espaço.* São Paulo: Martins Fontes, 1993

COYLE, Andrew – *Administração penitenciária: uma abordagem de direitos humanos.* (trad.) Paulo Légio. Londres: International Center for Prison Studies, 1998

DORES, António Pedro – *Modernização das prisões. in Prisões na Europa, um debate que apenas começa – European Prisons, starting a debate.* Oeiras: Celta Editora, 2003

DORES, António Pedro; PONTES, Nuno; LOUREIRO, Ricardo – *Prison Conditions in Portugal* [pdf] European Prison Observatory. Rome: Entigone Edizione, Setembro 2013 Disponível: http://www.prisonobservatory.org/index.php?option=com_content&view=article&id=17&Itemid=126

EVANS, Robin – T*he fabrication of virtue: English prison architecture, 1750-1840.* Cambridge: University Press, 1982

FAIRWEATHER, Leslie e MACCONVILLE, Séan – *Prison architecture, Policy, design and experience.* Oxford: Architectural Press, 1ª ed., 2000

FERRAZ, Marcelo Carvalho (coord.) – *Lina Bo Bardi.* São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 3ª ed., 2008

FOUCAULT, Michel – *Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias: Architecture/Mouvement/Continuité. 1967 in* OCKMAN, Joan (ed.), *Architecture Culture 1043-1968.* New York: Columbia University Graduate School of Architecture, Planning and Preservation, 1993

FOUCAULT, Michel – *Vigiar e Punir, Nascimento da Prisão.* (trad.) Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições70, 2017

FOUCAULT, Michel – *Microfísica do poder.* [pdf] MACHADO, Roberto (org.) Disponível: http://www.nodo50.org/insur-gentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foulcault.pdf

GOFFMAN, Erving – *Manicômios, prisões e conventos.* São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2003

GONÇALVES, Rui Abrunhosa – *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão.* Coimbra: Quarteto Editora, 2000

KOOLHAAS, Rem – *Revision-study for the renovation of a Panopticon Prison. Arnhem, Neherlands 1979-1981. in* KOOLLAS, Rem e MAU, Bruce (eds.) *Small, Medium, Large, Extra Large.* Nova York: The Monacelli Press, 2ª ed., 1998 p.234-253

LEFEBVRE, Henri – *O direito à cidade.* Lisboa: Letra Livre e Estúdio Lisboa, 1ª ed., 2012

LIMA, Rodrigues – *Arquitectura Prisional. in* Boletim da Administração Penitenciária e dos Institutos de Criminologia. nº9, Ministério da Justiça, 1961 p.119-255

Manifesto para uma nova cultura penal [pdf] European Prison Observatory. Roma, Abril 2016 Disponível: http://www.prisonobservatory.org/index.php?option=com_content&view=article&id=27&Itemid=131

MARKUS, Thomas A. – *Buildings & Power: freedom and control in the origin of modern building types.* London: Rautledge, 1993

MAY, Kyle (ed.) – *Prisions*. Nova York: CLOG, 2014

NEVES, Marlene: *O Provedor de Justiça e a realidade prisional.* 2016 [pdf] texto para a conferência: *As nossas prisões: que presente e que futuro?* organizada pela Ordem dos Advogados dia 21 de Outubro de 2016, Lisboa Disponível: http://www.provedor-jus.pt/archive/doc/O_Provedor_de_Justica_e_a_realidade_prisional-MN.pdf

O'BRIEN, Rachel – The Learning Prison. Londres: RSA, 2010

PEVSNER, Nikolaus – *Historia de las tipologias arquitectónicas.* Barcelona: Gustavo Gili, 2ª ed., 1980

RIVERA, Javier (coord.) – *Arquitectura y Orden: ensaios sobre tipologias arquitectónicas.* Valladolid: C.O.A.L, 1988

ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade.* Lisboa: Edições Cosmos, 2001

SANTOS, João dos – *Ensinaram-me a ler o mundo à minha volta.* Lisboa: Assírio e Alvim, 2007

TRIGUEIROS, Conceição – *Panóptico: As Ordens de Vigilância, uma arquitectura moralista.* Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011

WALMSLEY, Roy – *World Prison Population List.* Institute for Criminal Policy Research, 11ª ed., 2016

ARTIGOS DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

ALLISON, ERIC – The crime of a shared cell. *The Guardian* [online] 2009 Disponível: https://www.theguardian.com/commentisfree/2009/jul/16/shared-cell-prison-murder

Balde 'pouco higiénico' erradicado das cadeias portuguesas. *Jornal Público* [online] 23 Setembro 2009 Disponível: https://www.publico.pt/2009/09/23/sociedade/noticia/balde-pouco-higienico-erradicado-das-cadeias-portuguesas-1402026

BENKO, Jessica – The Radical Humaneness of Norway's Halden Prison. *The New York Times Magazine* [online] 26 Marco 2015 Disponível: https://www.nytimes.com/2015/03/29/magazine/the-radical-humaneness-of-norways-halden-prison.html?_r=3

BENNET, Oliver – How to build better prisons: New designs and a look at their purpose. *The Independent* [online] 7 Dezembro 2015 Disponível: https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/architecture/how-to-build-better-prisons-new-designs-and-a-new-look-at-their-purpose-a6764021.html

DREISINGER, Bas – Norway Proves That Treating Prison Inmates As Human Beings Actually Works. *Huffington Post* [online] 8 Março 2016 Disponível: https://www.huffingtonpost.com/entry/norway-prison_us_578418b6e4b0e05f05232cb7

Governo reage a relatório do Conselho da Europa referindo diminuição de reclusos. *Jornal Público* [online] 2018 Disponível: https://www.publico.pt/2018/02/27/sociedade/noticia/governo-reage-a-relatorio-do-conselho-da-europa-referindo-diminuicao-de-reclusos-1804637

GRANT, Elizabeth e HOBBS, Peter – West Kimberley regional prison. *Architecture Australia* [online] 9 Outubro 2013 Disponível: https://architectureau.com/articles/west-kimberley-regional-prison/#img=0

JAMES, Erwin – The Norwegian Prison where inmates are treated like people. *The Guardian* [online] 25 Fevereiro 2013 Disponível: https://www.theguardian.com/society/2013/feb/25/norwegian-prison-inmates-treated-like-people

JAMES, Erwin – Bastoy: The Norwegian prison that works. *The Guardian* [online] 4 de Setembro 2013 Disponível: https://www.theguardian.com/society/2013/sep/04/bastoy-norwegian-prison-works

KRUEGER, James e MACALLISTER, John A – How to design a prison that actually comforts and rehabilitates inmates. *Fast Company* [online] 30 Abril 2015 Disponível: https://www.fastcompany.com/3044758/how-to-design-a-prison-that-actually-comforts-and-rehabilitates-inmates

LAMBERT, Léopold – Introduction. Carcelar Environments. *The Funambulist, Politics of Space and Bodies.* vol. IV Março-Abril, 2016 pp.11-16

LEWIS, Jim – Behind Bars...Sort Of. *The New York Times Magazine* [online] 10 Junho 2009 Disponível: http://www.nytimes.com/2009/06/14/magazine/14prisons-t.html?mtrref=undefined

LÓPEZ, Marayca – How to build for success: prison design and infrastructure as a tool for rehabilitation. *Penal Reform International* [online] 24 Julho 2014 Disponível: https://www.penalreform.org/blog/build-success-prison-design-infrastructure-tool-rehabilitation/

MACIEL, Daniel – Prisões, alteridade e cultura: podem as artes ser uma força de transformação? *Le Monde Diplomatique.* Edição Portuguesa, nº140, Junho 2018 pp.10-11

Ministra da Justiça promete revitalização de algumas cadeias. *Rádio Renascença* [online] 2017 Disponível: https://rr.sapo.pt/noticia/74006/ministra_da_justica_promete_revitalizacao_de_algumas_cadeias

MORAN, Dominique e JEWKES, Yvonne – Linking the carceral and the punitive state: A review of research on prison architecture, design, technology and the lived experience of carceral space. *Annales de géographie.* 2015 pp.163-184

Relatório Comissão das Construções Prisionais sobre Cadeias Comarcãs – Construções Prisionais. Cadeias Comarcãs. *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos.* nº2, Lisboa: Março, 1938 pp.43-48

Relatório Comissão das Construções Prisionais sobre Cadeias Comarcãs – Construções Prisionais. Cadeias Comarcãs. *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos.* nº3, Lisboa: Abril, 1938 pp.77-82

Relatório Comissão das Construções Prisionais sobre Cadeias Comarcãs – Construções Prisionais. Cadeias Comarcãs. *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos.* nº4, Lisboa: Maio, 1938 pp.121-124

SMITH, Adrian – A look at the new Generation Jail. *Corrections* [online] 4 Abril 2013 Disponível: http://www.corrections.com/news/article/32265

SUTTER, John D. – Welcome to the world's nicest prison. *CNN* [online] 24 Maio 2012 Disponível: https://edition.cnn.com/2012/05/24/world/europe/norway-prison-bastoy-nicest/index.html

WALL, Imogen – Architecture and prison: why design matters. *The Guardian* [online] 28 Setembro 2016 Disponível: https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2016/sep/28/architecture-and-prisons-why-design-matters

WAHLQUIST, Calla – Indigenous incarceration: turning the tide on colonisation's cruel third act. *The Guardian* [online] 20 Fevereiro 2017 Disponível: https://www.theguardian.com/australia-news/2017/feb/20/indigenous-incarceration-turning-the-tide-on-colonisations-cruel-third-act

OUTRO MATERIAL

CASTRO, Elói. Porto, 21 Julho 2017. Entrevista concedida à autora.

Lockdown: Americas Hardest Prisons [Série Documentário] National Geographic Channel, 2007

O Provedor de Justiça, as prisões e o século XXI: diário de algumas visitas (I). Relatório da visita ao Estabelecimento Prisonal de Lisboa. 19 Janeiro 2016 Disponível: http://www.provedor-jus.pt/?idc=83

O Provedor de Justiça, as prisões e o século XXI: diário de algumas visitas (II). Relatório da visita ao Estabelecimento Prisonal de Tires. 4 Fevereiro 2016 Disponível: http://www.provedor-jus.pt/?idc=83

O Provedor de Justiça, as prisões e o século XXI: diário de algumas visitas (IV). Relatório da visita ao Estabelecimento Prisonal de Coimbra. 18 Abril 2016 Disponível: http://www.provedor-jus.pt/?idc=83

O *Provedor de Justiça, as prisões e o século XXI: diário de algumas visitas (VI). Relatório da visita ao Estabelecimento Prisonal de Monsanto.* 27 Junho 2016 Disponível: http://www.provedor-jus.pt/?idc=83

O Provedor de Justiça, as prisões e o século XXI: diário de algumas visitas (VII). Relatório da visita ao Estabelecimento Prisonal do Funchal. 19 Julho 2016 Disponível: http://www.provedor-jus.pt/?idc=83

O Provedor de Justiça, as prisões e o século XXI: diário de algumas visitas (VIII). Relatório da visita ao Estabelecimento Prisonal de Leiria para Jovens. 16 Setembro 2016 Disponível: http://www.provedor-jus.pt/?idc=83

O Provedor de Justiça, as prisões e o século XXI: diário de algumas visitas (XIII). Relatório da visita ao Estabelecimento Prisonal do Porto. 20 Abril 2017 Disponível: http://www.provedor-jus.pt/?idc=83

Prison Systems, *60 minutes US* [Reportagem] CBS, 2016

Prison to Prison, an Intimate Story Between two Architectures. Participação Oficial do Uruguai na 16º Exposição Internacional de Arquitectura da Bienal de Veneza (2018) Curadoria de Sergio Aldama, Federico Colom, Diego Morera, Jimena Ríos e Mauricio Wood. Também disponível: www.prisontoprison.uy/P2P-PROJECT

Procuradoria-Geral Destrital De Lisboa. *Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade* [pdf] Disponível: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1147&tabela=leis&so_miolo=S

Report to the Portuguese Government on the visit to Portugal carried out by the European Committee for the Prevention of Torture and Inhumane or Degrading Treatment or Punishment (CPT) from 27 September to 7 October 2016. Council of Europe. Estrasburgo, 27 Janeiro 2018 [pdf] Disponível: https://www.coe.int/en/web/cpt/portugal

Report to the Portuguese Government on the visit to Portugal carried out by the European Committee for the Prevention of Torture and Inhumane or Degrading Treatment or Punishment (CPT) from 14 to 25 January 2008. Concel of Europe. Estrasburgo, 19 Março 2009 [pdf] Disponível: https://www.coe.int/en/web/cpt/portugal

LIGAÇÕES DE REFERÊNCIA

www.cpt.coe.int

www.dgsp.mj.pt

www.prisonobservatory.org

http://www.provedor-jus.pt

https://www.adpsr.org

http://www.bastoyfengsel.no

http://www.hohensinn-architektur.at

http://www.cfmoller.com

http://tagarchitects.com.au

http://iredalepedersenhook.com

http://erik.dk

https://hlm.no

Prison to Prison, https://prisontoprison.uy

21st Century Prison, http://henleyhalebrown.com

The Portuguese Prison Photo Project, http://www.prisonphotoproject.pt/en/

CRÉDITOS DE IMAGENS

1 © Luís Barbosa, *The Prison Photo Project,* Disponível: https://luisbarbosaphotography.com/portuguese-prison-photo-project/

2 © Josh Begley, *Prison Map* Disponível: http://prisonmap.com

3 Disponível: https://alchetron.com/Rasphuis

4 EVANS, Robin – *The fabrication of virtue: English prison architecture, 1750-1840.* Cambridge: University Press, 1982 p. 63

5 ibid. p.62

6 Disponível: http://www.shmoop.com/great-expectations/photo-newgate-2.html

7 MARKUS, Thomas A. – *Buildings & Power: freedom and control in the origin of modern building types.* London: Rautledge, 1993 p.120

8 EVANS, Robin – *The fabrication of virtue: English prison architecture, 1750-1840.* Cambridge: University Press, 1982 p. 201

9 ibid. p. 203

10 ibid. p. 226

11 ibid. p. 205

12 ibid. p. 204

13 PEVSNER, Nikolaus – *Historia de las tipologias arquitectónicas.* Barcelona: Gustavo Gili, 2ª ed., 1980 p.190

14 EVANS, Robin – *The fabrication of virtue: English prison architecture, 1750-1840.* Cambridge: University Press, 1982 p. 221

15 ibid. p. 251

16 ibid. p.254

17 LIMA, Rodrigues – *Arquitectura Prisional in* Boletim da Administração Penitenciária e dos Institutos de Criminologia. nº9, Ministério da Justiça, 1961 Lima, Rodrigues p.146

18 ibid. p.144

19 ibid. p.153

20 © San Francisco Bay Area Press Association, Disponível: http://sfbayview.com/2011/07/isolation-indeterminate-sentences-used-to-extract-confessions-at-california-supermax-prisons/

21-22 © Robert Gumpert Disponível: http://www.taptas.com/pelican-bay-prison/

23 © Jim Wilson, *A legacy of solitary* Disponível: http://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/slideshow/2012/03/18/us/SOLITARY-

24 © Robert Gumpert Disponível: http://www.taptas.com/pelican-bay-prison/

25-26 © Tower Pinkster Architects Disponível: http://towerpinkster.com/designs/government/kent-county-jail-additions-and-renovation/

27-28 imagem satélite, Google Maps (ed. pela autora)

29 *matriosca*, desenho da autora

30 *circuitos*, desenho da autora

31-33 imagem satélite, Google Maps (ed. pela autora)

34 *pátios barrio alto*, desenho da autora

35-38 FIGUEROA, Joan Pablo – Mujeres caneras: El lado B del nuevo protagonismo femenino. *Ciperchile* [online] 12 Agosto 2008 Disponível: https://ciperchile.cl/2008/06/12/mujeres-caneras-el-lado-b-del-nuevo-protagonismo-femenino/

39-40 imagem satélite, Google Maps (ed. pela autora)

41 *sector de visitas*, desenho da autora

42 imagem satélite, Google Maps (ed. pela autora)

43 sector de visitas, levantamento da Gendarmeria de Chile (ed. pela autora)

44 La magia del circo llego al Centro Penitenciario Femenino de Santiago. *Publimetro.* [online] 15 Setembro 2015 Disponível: https://www.publimetro.cl/cl/nacional/2015/09/15/magia-circo-llego-centro-penitenciario-femenino-santiago.html

45 RUSPOLI, Luis – Francisco pide a las reclusas de Chile que no pierdan la esperanza. Vida Nueva Digital. [online] 16 Janeiro 2018 Disponível: http://www.vidanuevadigital.com/2018/01/16/francisco-pide-a-las-reclusas-de-chile-que-no-pierdan-la-esperanza/

46 © Marco di Lauro Disponível: https://www. huffingtonpost.com/entry/norway-prison_us_578418b6e4b0e05f05232cb7

47-52 © Peter Bennetts Disponível: http://iredalepedersenhook.com/?portfolio=derby-prison

53 Disponível: https://en.wikipedia.org/wiki/Bastøy_Prison

54-59 © Espen Eichhoefer Disponível: https://www.espen-eichhoefer.de/gallery/bastoy

60 © Marco di Lauro Disponível: https://www.theguardian.com/society/2013/feb/25/norwegian-prison-inmates-treated-like-people

61 © Eric Møller Arkitekter Disponível: https://www.archdaily.com/154665/halden-prison-erik-moller-arkitekter-the-most-humane-prison-in-the-world

62 © Trond Isaksen Disponível: https://www.statsbygg.no/Prosjekter-og-eiendommer/Eiendommer/Region-ost/13823-Halden-Fengsel/Bilder-eksterior/

63 Disponível: http://erik.dk/projekter/halden-faengsel

64 © Trond Isaksen Disponível: https://www.statsbygg.no/Prosjekter-og-eiendommer/Eiendommer/Region-ost/13823-Halden-Fengsel/Bilder-eksterior/

65 Disponível: https://www.archdaily.com/154665/halden-prison-erik-moller-arkitekter-the-most-humane-prison-in-the-world

66 © Trond Isaksen Disponível: https://www.businessinsider.com.au/why-norways-prison-system-is-so-successful-2014-12

67 © Knut Egil Wang Disponível: https://moment.photoshelter.com/gallery/Inside-Norway-s-Halden-Prison-by-Knut-Egil-Wang/G0000Af4lLs9zOgo/C0000BZAeAi0aaIk

68-69 © Trond Isaksen Disponível: https://www.statsbygg.no/Prosjekter-og-eiendommer/Eiendommer/Region-ost/13823-Halden-Fengsel/Bilder-eksterior/

70-71 © Alfred Seiland Disponível: https://www.nytimes.com/slideshow/2009/06/14/magazine/20090614-prisons-slideshow_index/s/20090614-prisons.1.html

72 © Paul Ott Disponível: https://paul-ott.at/werk/justizzentrum.html

73 © Alfred Seiland Disponível: https://www.nytimes.com/2009/06/14/magazine/14prisons-t.html

74-75 © Paul Ott Disponível: https://paul-ott.at/werk/justizzentrum.html

76 © Alfred Seiland Disponível: https://www.nytimes.com/slideshow/2009/06/14/magazine/20090614-prisons-slideshow_index/s/20090614-prisons.1.html

77 Disponível: https://www.world-architects.com/en/hohensinn-architektur-graz/project/justizzentrum-leoben

78 © Paul Ott Disponível: http://jvarottweil.de/information/gefaengnis-der-zukunft/beispiele-architektur-hohensin/

79 © Paul Ott Disponível: https://paul-ott.at/werk/justizzentrum.html

80 © Steen Poulsen Kriminalforsorgen Disponível: https://www.cfmoller.com/p/Storstroem-Prison-i2730.html

81-83 © Torben Eskerod Disponível: https://divisare.com/projects/373466-c-f-moller-architects-torben-eskerod-storstrom-prison-falster

84 © CF Møller Architects Disponível: https://www.archdaily.com/97562/new-danish-state-prison-c-f-m%25c3%25b8ller-architects

85-89 © Torben Eskerod Disponível: https://divisare.com/projects/373466-c-f-moller-architects-torben-eskerod-storstrom-prison-falster

90-91 © CF Møller Architects Disponível: https://www.cfmoller.com/g/inauguration-of-denmarks-new-state-prison-i17749.html

92 © Buschow Henley Architects Disponível: http://henleyhalebrown.com/works/21st-century-prison/

93-94 © Alfred Seiland Disponível: https://www.nytimes.com/slideshow/2009/06/14/magazine/20090614-prisons-slideshow_index/s/20090614-prisons.1.html

95-97 Disponível: https://uk.pineapplecontracts.com/case-study/hmp-standford-hill/

98 Disponível: http://erik.dk/projekter/halden-faengsel

99 © Jose Hevia Disponível: http://hicarquitectura.com/2016/08/a-i-b-arquitectes-estudi-psp-arquitectura-mas-denric-penitentiary-el-catllar-tarragona/

100 © Paul Ott Disponível: https://paul-ott.at/werk/justizzentrum.html

101-103 © Knut Egil Wang Disponível: https://moment.photoshelter.com/gallery/Inside-Norway-s-Halden-Prison-by-Knut-Egil-Wang/G0000Af4lLs9zOgo/C0000BZAeAi0aaIk

104-105 © Patrick Kane Disponível: https://www.vice.com/en_us/article/5gjjxz/inside-canadas-arctic-prison

106 © Beat Schweizer e Enok Holsegård. Jailhouse Blocks – global. Monocle. nº107 vol.11 p.119-124

107-109 © Knut Egil Wang Disponível: https://moment.photoshelter.com/gallery/Inside-Norway-s-Halden-Prison-by-Knut-Egil-Wang/G0000Af4lLs9zOgo/C0000BZAeAi0aaIk

110 © Paula Arroyo Disponível: http://hicarquitectura.com/2016/08/a-i-b-arquitectes-estudi-psp-arquitectura-mas-denric-penitentiary-el-catllar-tarragona/

111 ©Julian Röder Disponível: https://www.themarshallproject.org/2015/09/25/prison-without-punishment

112 Disponível: https://www.architekten-gsp.de/projekte/sicherungsverwahrung-jva-berlin-tegel-neubau

113 Disponível: https://www.balfourbeattyus.com/our-work/project-portfolio/las-colinas-detention-and-re-entry-facility

114 © Knut Egil Wang Disponível: https://moment.photoshelter.com/gallery/Inside-Norway-s-Halden-Prison-by-Knut-Egil-Wang/G0000Af4lLs9zOgo/C0000BZAeAi0aaIk

115 Disponível:https://eji.org/news/america-exporting-abusive-prison-system-across-globe

116 © Lawerence Anderson Disponível: https://www.fastcompany.com/3044758/how-to-design-a-prison-that-actually-comforts-and-rehabilitates-inmates

117 © Buschow Henley Architects Disponível: http://henleyhalebrown.com/works/21st-century-prison/

118 © Julian Röder Disponível: https://www.vice.com/en_us/article/5gjq5b/prison-without-punishment-0000761-v22n10

119-120 © Knut Egil Wang Disponível: https://moment.photoshelter.com/gallery/Inside-Norway-s-Halden-Prison-by-Knut-Egil-Wang/G0000Af4lLs9zOgo/C0000BZAeAi0aaIk

121 Disp: http://erik.dk/projekter/halden-faengsel

122 © Peter Schulthess, *The Portuguese Photo Project* Disponível: http://visao.sapo.pt/actualidade/cultura/2017-09-09-Dentro-da-cadeia-com-o-The-Portuguese-Prison-Photo-Project

123 © Nuno Antunes ANTUNES, Nuno – Prisões, Espaços Habitados. Lisboa: Secretaria-Geral do Ministério da Justiça e Ordem dos Advogados, Janeiro 2005 p.101

124 © Marco Verch (ed pela autora) Disponível: https://www.facebook.com/216345801758993/photos/a.453644211362483/1592198337507059/?type=3&theater

125 Disponível: https://guardaprisional.wordpress.com/2015/04/07/droga-e-ilegalidades-na-prisao-de-alcoentre/

126 LIMA, Rodrigues – *Arquitectura Prisional in* Boletim da Administração Penitenciária e dos Institutos de Criminologia. nº9, Ministério da Justiça, 1961 Lima, Rodrigues p.169

127-128 © Peter Schulthess, *The Portuguese Photo Project* (cedida por Peter Schulthess)

129 © Luís Barbosa, *The Portuguese Photo Project* Disponível: https://luisbarbosaphotography.com/portuguese-prison-photo-project/

130 © Peter Schulthess, *The Portuguese Photo Project* Disponível: http://visao.sapo.pt/actualidade/cultura/2017-09-09-Dentro-da-cadeia-com-o-The-Portuguese-Prison-Photo-Project

131 © Peter Schulthess, *The Portuguese Photo Project* (cedida por Peter Schulthess)

132 © Peter Schulthess, *The Portuguese Photo Project* Disponível: https://www.behance.net/gallery/62689593/the-portuguese-prison-photo-project-(2017)

133 © Peter Schulthess, *The Portuguese Photo Project* (cedida por Peter Schulthess)

134 © Alexandre Azevedo Disponível: https://www.sabado.pt/portugal/seguranca/detalhe/o-dia-a-dia-dos-59-presos-mais-perigosos-em-portugal

135-136 Por dentro da prisão da Carregueira. *Visão* [online] 4 Abril 2013 Disponível: http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/por-dentro-da-prisao-da-carregueira=f722003

137-141 © Luís Barbosa, *The Portuguese Photo Project* Disponível: https://luisbarbosaphotography.com/portuguese-prison-photo-project/

142 © Nuno Antunes ANTUNES, Nuno – Prisões, Espaços Habitados. Lisboa: Secretaria-Geral do Ministério da Justiça e Ordem dos Advogados, Janeiro 2005 p.117

143 ibid. p.127

144 ibid. p.99

145-146 © Luís Barbosa, *The Portuguese Photo Project* Disponível: https://luisbarbosaphotography.com/portuguese-prison-photo-project/

147 imagem satélite, Google maps (ed. pela autora)

148 © Paulo Pimenta, *do outro lado* Disponível: http://paulopimenta.blogspot.com/2015/11/epifania-na-prisao-trabalho-da-pele-com.html

149 © Paulo Pimenta, *do outro lado*

150 LIMA, Rodrigues – *Arquitectura Prisional in* Boletim da Administração Penitenciária e dos Institutos de Criminologia. nº9, Ministério da Justiça, 1961 Lima, Rodrigues p.176 (ed. pela autora)

151 ibid. 177 (ed. pela autora)

152 ibid. 183 (ed. pela autora)

153 ibid. 184 (ed. pela autora)

154 desenho da autora

155 LIMA, Rodrigues – *Arquitectura Prisional in* Boletim da Administração Penitenciária e dos Institutos de Criminologia. nº9, Ministério da Justiça, 1961 p.253

156 Disponível: https://www.tamegasousa.pt/pacos-de-ferreira-incendio-na-enfermaria-do-estabelecimento-prisional-foi-extinto-pelos-guardas-prisionais-bombeiros/

157 Estabelecimento Prisional do Porto (Custóias) Disponível: https://www.jn.pt/sociedade/interior/prisoes-serao-ampliadas-em-substituicao-de-onze-novos-estabelecimentos-2433425.html

158 https://guardaprisional.wordpress.com/2012/03/

159 © Paulo Pimenta Disponível: https://www.publico.pt/2009/08/24/local/noticia/fogo-ateado-em-cela-da-cadeia-de-custoias-fez-tres-feridos-1397449

160 © Paulo Pimenta Disponível: https://www.publico.pt/2010/12/29/sociedade/noticia/cinco-reclusos-de-custoias-transferidos-para-celas-de-seguranca-1472957

161 © Paulo Rica Disponível: https://www.publico.pt/2016/11/29/sociedade/noticia/recluso-com-haxixe-nas-botas-acusado-de-trafico-de-droga-1753140

162-166 © C. A. – Arquitectos, Lda Disponível: http://www.ca-arquitectos.com

167 © Paulo Pimenta, *do outro lado* Disponível: http://paulopimenta.blogspot.com/2015/11/epifania-na-prisao-trabalho-da-pele-com.html

168 © Paulo Pimenta, *do outro lado* Disponível: : http://paulopimenta.blogspot.com/2015/10/

169-171 Disponível no site da ACED, http://home.iscte-iul.pt/~apad/ACED/ficheiros/noticias

172 © Nuno Antunes ANTUNES, Nuno – Prisões, Espaços Habitados. Lisboa: Secretaria-Geral do Ministério da Justiça e Ordem dos Advogados, Janeiro 2005 p.109

173 http://www.iglesiadesantiago.cl/noticias/view_galerias/index.php?url=Gale_520d2ad82bb05&u=d3d3LmlnbGVzaWFkZXNhbnRpYWdvLmNs (ed.pela autora)

174-179 © Pauli Bitran, fotografias de levantamento

180-182 esquiços da autora

183 desenho à mão livre, sobre desenho rigoroso, da autora

184-186 esquemas da autora

187 esquiços da autora

188 desenho CAD da proposta, da autora

189 esquiços da autora

190 desenho a lápis de cera sobre fotografia, da autora

191© Paulo Pimenta, *do outro lado* Disponível: http://www.publico.pt/multimedia/fotogaleria/prisao-359484#/4

192 © Paulo Pimenta, *do outro lado* Disponível: http://paulopimenta.blogspot.com/2015/11/epifania-na-prisao-trabalho-da-pele-com.html

193 © Nuno Antunes ANTUNES, Nuno – Prisões, Espaços Habitados. Lisboa: Secretaria-Geral do Ministério da Justiça e Ordem dos Advogados, Janeiro 2005 p.105

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Setembro 2018